

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

MIGUEL RIBEIRO VALLIM

Françoise Dolto, uma voz na psicanálise.

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2016

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

MIGUEL RIBEIRO VALLIM

Françoise Dolto, uma voz na psicanálise.

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada ao Programa de estudos Pós Graduação em Psicologia Clínica – PUCSP como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Renato Mezan.

São Paulo

2016

BANCA EXAMINADORA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Agradeço,

Meus pais, Mariângela e Acácio, pelas danças e leituras, desde sempre. E meu irmão Diogo, pelos sons e tudo mais.

Manô, minha mulher, meu filho Lourenço e minha filha Lina, por terem chegado, todos os três em seus momentos tão precisos.

Renato Mezan, pela orientação calorosa e por toda a liberdade que concedeu à minha escrita.

Margot Delgado, pelas belas travessias e por toda a fé.

Os grandes amigos: à distância, à volta, ontem, hoje e amanhã. São tantos, sem os quais tudo teria bem pouca graça.

Uma família grande, com gente tão diferente e que são um lugar bom para voltar.

O Sensei Mario César Martins, ao irmão de tatame Lucas Vieira e a toda nossa equipe de Judô e Jiu Jitsu, pela luta que é parte essencial da vida.

Adela Stoppel de Gueller, por estar ali.

E, por fim, o CNPQ e a FUNDASP, pela bolsa de estudos e pelo apoio financeiro que permitiram que este projeto fosse adiante.

RESUMO

Françoise Dolto, uma voz na psicanálise.

Num primeiro momento este trabalho busca traçar a trajetória da psicanalista de origem francesa Françoise Dolto desde a sua infância, através de episódios cruciais da história do século XX, até as suas significativas contribuições nos campos da teoria psicanalítica e das modalidades de atendimento à infância, assim como na disseminação da psicanálise na França e, indiretamente, pelo mundo. Num segundo bloco, situa seu construto teórico mais significativo – a *imagem inconsciente do corpo* – em relação à complexa história da disciplina psicanalítica desde Freud, tal qual a concebe Renato Mezan em *O tronco e os ramos*. O argumento principal é que Françoise Dolto não apenas desempenhou um papel de destaque na psicanálise do século XX, mas também deve ser considerada diante do amplo panorama da psicanálise contemporânea.

Palavras-chave: Françoise Dolto, história da psicanálise, psicanálise com crianças, psicanálise com bebês, imagem inconsciente do corpo.

ABSTRACT

Françoise Dolto, a voice in psychoanalysis

Firstly, this work aims to trace the course of the french psychoanalyst Françoise Dolto from her childhood, through crucial historic episodes of the 20th Century and finally to mention her significant contributions to the fields of psychoanalytical theory, the early child treatment and in the dissemination of the psychoanalysis in France and throughout the world. In a second moment it intends to situate her most significant theoretical construct – the *unconscious body image* – in regard to the complex history of the psychoanalytical discipline, as conceived by Renato Mezan in *O tronco e os ramos*. The main argument is that Françoise Dolto not only played a main role in the evolution of psychoanalysis on the 20th century, but must also be considered before the vast group of authors in contemporary psychoanalysis.

Keywords: Françoise Dolto, history of psychoanalysis, child psychoanalysis, psychoanalysis with babies, unconscious body image, body image.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 - HISTÓRIAS DE VIDA..... | 25 |
| 1. Da infância à psicanálise..... | 25 |
| A. O berço | 25 |
| B. A primeira despedida e a marca da estrangeira | 27 |
| C. Viúva de guerra | 29 |
| D. A morte de Jacqueline | 36 |
| E. A medicina e Laforgue | 42 |
| F. Enfim, a Psicanálise | 44 |
| 2. A segunda guerra mundial | 45 |
| 3. Seu papel no movimento psicanalítico..... | 48 |
| A. A voz da psicanálise francesa | 51 |
| B. A Maison Verte, maisons vertes | 54 |
| 2 - SITUANDO UM CONCEITO FUNDAMENTAL: imagem inconsciente do corpo..... | 57 |
| 1. Um olhar para história da psicanálise | 57 |
| 2. A noção de paradigma em psicanálise | 60 |
| 3. O paradigma pulsional e o paradigma objetal | 63 |
| 4. Um conceito entre dois paradigmas: a imagem inconsciente do corpo..... | 64 |
| 5. Entre a imagem e a palavra..... | 67 |
| 6. Considerações a respeito da epistemologia da psicanálise e da produção de Françoise Dolto | 71 |
| 7. A imagem inconsciente do corpo e as castrações simbologênicas: metapsicologia, teoria do desenvolvimento e psicopatologia..... | 77 |
| A. Metapsicologia da imagem do Corpo | 77 |
| a) O narcisismo segundo Dolto | 77 |
| b) Imagem corporal e esquema corporal | 79 |
| c) Imagem de base | 82 |
| d) Imagem funcional | 83 |

| | |
|---|----------------|
| e) Imagem erógena | 84 |
| f) Imagem dinâmica | 85 |
| B. Uma teoria do desenvolvimento..... | 86 |
| a) Castração umbilical | 90 |
| b) Castração oral | 92 |
| c) Castração anal | 93 |
| d) O espelho | 95 |
| e) Castração primária | 97 |
| f) Castração edípica | 98 |
| C. Psicopatologia da imagem inconsciente do corpo, mais uma visão acerca da história da psicanálise..... | 100 |
| PALAVRAS FINAIS | 109 |
| BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL | 111 |

INTRODUÇÃO

“Ele morreu às 3 horas da manhã de 23 de setembro de 1939. Quase quarenta anos antes escrevera a Oskar Pfister (...) ‘Que morramos no nosso posto, como diz o rei Macbeth’. O velho estoico conservou o controle de sua vida até o fim”.

Assim Peter Gay encerra “Freud – uma vida para o nosso tempo” a biografia em que traça o percurso do criador da psicanálise ao longo de sua vida e lança alguma luz sobre seu papel na História. Seu modo de encerrá-la já nos ajuda a vislumbrar os contornos do que esta figura representou para o movimento psicanalítico. De uma forma ou de outra, Sigmund Freud ocupava o centro; este fora o seu posto até o fim.

O ano de 1939¹ representa um marco importante, uma primeira importante divisão da história da psicanálise a nos interessar neste escrito. Com o início da segunda guerra mundial e a morte de Freud, pode-se traçar uma grande linha que separa a história da psicanálise em duas grandes etapas. Cada uma delas, por sua vez, também poderia ser subdividida em mais duas outras etapas, organizando nosso percurso em quatro eras².

A morte de seu fundador e a perseguição dos judeus realizada por Hitler e seus comparsas foram determinantes nos rumos que a disciplina e o movimento psicanalíticos tomariam dali em diante. 1939 foi o ano que marcou a psicanálise por certa fragmentação tanto do ponto de vista dos debates teóricos quanto do ponto de vista da política institucional e dos rumos que ela havia tomado até então.

Se o centro político antes se situava em Viena, a partir da segunda guerra dispersou-se. Tendo, a partir de então, como principais centros os dois lados opostos do canal da mancha

¹ Mezan, R. “Sob o signo do quatro: ideias para abordar a história da psicanálise.” Conferência apresentada no Colóquio Internacional Arquivos da Psicanálise. Data ?

² As quatro eras que Mezan propõe são as seguintes, seguindo sua ordem cronológica: na primeira etapa, a produção psicanalítica é sinônimo da produção de Freud e compreenderia o período que vai de 1895 a 1918. A segunda era se inicia em 1919 e se encerra em 1939, o período entre-guerras. Entre 1940 e 1970, aproximadamente, está compreendida aquela que o autor chama de ‘era das escolas’ e, por fim, a psicanálise contemporânea surgiria em meados da década de 1970 e segue até os dias de hoje.

e os Estados Unidos, em cada um destes lugares a psicanálise tomou rumos e formas que tiveram a ver com o percurso dos analistas que ali se formaram e produziram: trata-se de uma história encarnada em autores singulares, em professores e seus alunos, em círculos de amizades; em paixões e desavenças. Mais adiante discorrerei com mais vagar sobre a cena parisiense na qual se desenrolou a história que nos interessa, por hora fiquemos com este marco: 1939.

No dia 11 de julho deste mesmo ano, Françoise Dolto, então Françoise Marrete, defendia sua tese “Psicanálise e Pediatria”, antes disso concluíra sua análise com René Laforgue entre os anos de 1934 e 1937. Nos anos 1930, eram apenas 12 analistas trabalhando em solo francês³, uma primeira geração que ofereceria o solo onde puderam florescer o pensamento de Lacan e posteriormente o trabalho de Dolto com suas crianças. Ela atravessou sua formação num momento turbulento, um tanto embrionário e bastante fértil do movimento psicanalítico francês.

Seu primeiro contato com Lacan se deu no hospital de Sainte-Anne, em conferências que ele oferecia aos estudantes. Não havia ainda um contato pessoal e a jovem médica definiu sua primeira aproximação com o pensamento do mestre da sua forma usualmente direta: “Na época, assisti um pouquinho de Lacan, que fazia conferências de internato absolutamente incompreensíveis!”⁴

De início aluna, mas logo parceira de Lacan na sua proposta de retorno a Freud, Dolto se mostrava alheia às polêmicas entre Anna Freud e Melanie Klein⁵ e praticava a psicanálise por sua “própria conta e risco”. Praticava-a com as crianças como quem desbrava um território, não havia para ela uma psicanálise *de* crianças. Empreendia seus tratamentos em hospitais e no seu consultório ‘por sua própria conta e risco’. Havia, entre o dois, aproximações e diferenças que merecerão uma apreciação cuidadosa.

Ao longo deste escrito, buscarei traçar um percurso que expõe algumas de suas posições: seguindo as pistas de certos documentos centrais, busco reconstruir sua trajetória desde a infância em família até que viesse a ocupar um lugar proeminente, não apenas na

³“Françoise Dolto – Tu as choisi de naître” documentário de Elizabeth Coronel e Arnaud de Mezamat.

⁴ Dolto, Françoise. *Auto-retrato de uma psicanalista*. JZE, 1990. p. 103

⁵ “Françoise Dolto – Tu as choisi de naître” documentário de Elizabeth Coronel e Arnaud de Mezamat.

história da psicanálise, mas também nas discussões em torno da infância. Mais adiante procuro situar seu construto teórico mais original e fecundo - o conceito de imagem inconsciente do corpo – diante do vasto panorama da teoria psicanalítica. Faço aqui uma divisão entre a biografia de Dolto e sua produção, separação didática e um tanto artificial entre vida e obra, que serve mais à arquitetura do texto e à organização das ideias do que a qualquer outro propósito.

Sua obra, marcada justamente por sua oralidade, deve demasiadamente a sua presença e ao que de profundamente singular e inimitável tinham sua escuta e sua experiência para estar dissociada de sua persona.⁶

Profundamente arraigadas no fazer clínico, as inovações propostas por Dolto se deram basicamente em três frentes: o campo teórico/técnico, as práticas clínicas e os temas com os quais a psicanálise se envolvia para além dos muros das sociedades psicanalíticas.⁷

Algumas considerações metodológicas

Ao logo deste trabalho pretendo tomar por guia a concepção de história da psicanálise tal como a propõe Renato Mezan em “O Tronco e os Ramos”, sua visão a respeito do surgimento das diferentes escolas de psicanálise e seus desenvolvimentos até a psicanálise chamada contemporânea são a base e o substrato onde procurarei situar o conceito de *imagem inconsciente do corpo*. Trata-se de uma visão complexa da história da disciplina psicanalítica, que leva em consideração tanto os aspectos políticos e geográficos envolvidos nos desenvolvimentos da disciplina quanto os aspectos epistemológicos que sustentam aproximações e distanciamentos entre autores e linhas de pensamento.

“O Tronco e os Ramos” figura como um organizador da minha leitura, como uma grade que me permite olhar a obra de Françoise Dolto para além de sua lógica interna, relacionando-a com as linhas de pensamento que a precederam e com os autores com quem ela conviveu. Longe de diminuir os aspectos originais de sua obra, tal perspectiva permite que

⁶ Sauverzac, J-F. *Françoise Dolto, itinerario de uma psicoanalista*. Pp 21

⁷ Kupfer, M.C.M. *Françoise Dolto, uma médica da educação. Revista mal-estar e subjetividade / fortaleza / V. VI / N. 2 / P. 561 - 574 / SET. 2006.*

se estabeleçam relações que à primeira vista poderiam passar despercebidas e colocar sua herança sob outra perspectiva, um tanto mais ampla.

Para tanto, cabe frisar que os desenvolvimentos de uma obra (tomando este termo como o conjunto da produção de determinado autor, nos diversos campos em que atuou) recebe influências e pressões de diferentes direções ao longo da sua construção.

Assim, sugiro que, na esfera da psicanálise, uma teoria abrangente – de cujos adeptos se pode dizer que formam uma ‘escola’ – deriva idealmente de três focos: uma matriz clínica particular, um determinado clima cultural e uma leitura específica da obra de Freud.⁸

Contaminada pelo clima fervilhante da metade do século XX e pelo florescer do pensamento de Lacan, Dolto teve sua formação e seu olhar bastante marcados pela releitura da obra freudiana por ele proposta. Parece bastante claro para a maioria dos leitores que a obra de Dolto já se inscreve naquilo que viria se tornar a escola lacaniana. Ambos respiraram o mesmo ar de Paris e fazem recortes semelhantes dos textos de Freud, por esse motivo, são autores tão afinados. Entretanto, há que se marcar as diferenças entre os dois, já que Dolto não se via subordinada a Lacan em aspecto algum.

Penso que Dolto, apesar de todo o percurso conhecido ao lado de Lacan, possuía pontos de apoio distintos daqueles de seu parceiro; teorizavam por caminhos singulares e partiam de pontos diferentes. Enquanto Lacan, vindo da psiquiatria, aproximava-se da filosofia e da linguística, Dolto chegava à psicanálise vinda pediatria e mantinha seus pés fincados na clínica com as crianças. Este era o seu motor e, curiosamente, um dos fatos que hoje me parece aproximá-la de outros autores fundamentais da psicanálise.

Um primeiro eixo, de cunho mais histórico, agrega reflexões acerca de episódios históricos significativos, como as duas grandes guerras, além de sua participação efetiva como uma das protagonistas da cena psicanalítica francesa na segunda metade do século 20. Procurarei definir o cenário em que sua obra se inscreve, os problemas enfrentados por ela e aquilo a que respondia com sua teorização e seu fazer clínico peculiar.

Sua atuação e suas escolhas, por vezes polêmicas, na fundação e na ruptura com a Sociedade Francesa de Psicanálise e com a IPA, a posterior criação da Escola Freudiana de

⁸ Mezan, R. *O Tronco e os Ramos – estudos de história da psicanálise*. 2014. Pp. 34

Paris, seus programas de rádio destinados a familiares e cuidadores de crianças com dificuldades de desenvolvimento e sua atuação no campo da saúde pública, marcam um lugar de destaque nas páginas da história da psicanálise.

À época da ruptura com a IPA, “foi Winnicott, tantas vezes questionado na Sociedade Britânica por razões similares, - e presidente da comissão - quem pessoalmente entrevistou Françoise Dolto. Sua conclusão foi taxativa: Apesar de se tratar de uma analista talentosa, inteligente e criativa, era pouco sólida teoricamente e demasiado carismática e adiantada em relação a sua época. Em suma, uma má influência para os jovens candidatos a analistas.”⁹

Muito embora tenha desempenhado um papel de destaque neste momento crucial do desenvolvimento da psicanálise francesa, seu legado me parece muito maior do que aquilo que diz respeito às instituições psicanalíticas propriamente ditas. Dolto propôs intervenções no campo da saúde pública.¹⁰

Seu papel no movimento psicanalítico

Muito já se escreveu sobre a vida e a obra de Françoise Dolto. Na ocasião do centenário de seu nascimento, em 2008, a Unesco organizou um ciclo de seminários em sua homenagem, reconhecendo internacionalmente seu papel de destaque na história dos cuidados com a infância:

A partir da matéria clínica, da cura de crianças; de seus encontros terapêuticos com os pequenos. É preciso mostrar que Françoise Dolto teceu uma obra psicanalítica, com seus conceitos, com seus avanços teóricos e técnicos e também – como todo criados em psicanálise – com sua concepção da natureza humana. O princípio desta jornada é o de considerar a obra de

⁹ Fendrik, Silvia. Op. cit. p.7.

¹⁰ Em “A história da psicanálise na França” Elisabeth Roudinesco apresenta de forma detalhada, e com um tratamento invejável, todo o percurso de implantação e consolidação da psicanálise na França. Lá o leitor pode acompanhar de perto os arranjos e rearranjos que foram o germe da miríade de instituições que lá estão presentes hoje e que têm em sua origem o primeiro rompimento com a SPP e com IPA, em 1953. Apesar de Dolto ter desempenhado um papel ativo e central neste início de dispersão do movimento psicanalítico, não será este o foco do meu trabalho. Parece-me que o que há de mais vivo em sua herança se encontra, não no seio das organizações ditas psicanalíticas, mas justamente no encontro da psicanálise com outros campos de saber, como a pediatria e a educação e no lugar que as preocupações e instituições que giram em torno da infância ocupam na sociedade hoje.

Françoise Dolto como fonte de conceitos e de proposições adequadas para nos ajudar a pensar os problemas de uma época onde a criança, o louco, o humano aparecem presos ao silêncio¹¹.

Entre as práticas inauguradas por Dolto, estão a clínica com bebês ainda nos primeiros dias de vida, as consultas públicas (em que ela atendia às crianças cercada por psicanalistas em formação) e as Maisons Vertes, instituições de acolhimento de crianças e pais, que hoje estão presentes em diversos países do mundo.

Tendo sido uma clínica e teórica inovadora, Dolto abriu caminhos para que a psicanálise transpusesse os muros das sociedades psicanalíticas e se confrontasse com outros campos do conhecimento como a pediatria, a pedagogia e a psiquiatria, por exemplo. Mas não apenas aí, onde a psicanálise se aproximava das crianças, ela ousava.

Tal foi a inserção da psicanálise no solo francês, que logo passou a fazer parte do seu tecido cultural. Muito mais do que uma modalidade de tratamento de problemas psíquicos, lá a psicanálise tornou-se parte da cultura e Dolto exerceu um papel central nesta disseminação. Ainda que a fonte de suas reflexões tenha sido fundamentalmente o trabalho clínico, desde cedo (me arriscaria a dizer que desde os seus oito anos de idade!) sempre colocou um foco importante nas preocupações com aquilo que chamava de prevenção.

Através de uma observação cuidadosa, ainda nos seus primeiros atendimentos no Hospital Vaugirard, quando atendeu pacientes que estavam sob os cuidados de Heuyer, inspirada por Sophie Morgenstern, Dolto logo se deu conta de que as graves dificuldades tinham início nos momentos muito precoces do desenvolvimento. Daí sua preocupação com o que chamava de prevenção e que hoje poderíamos denominar intervenção precoce.

E o objetivo de toda a educação (profilaxia dos distúrbios de comportamento), como de toda psicoterapia (cura dos distúrbios de comportamento), é a utilização da libido do indivíduo de maneira que ele se sinta feliz e que esse bem-estar subjetivo se harmonize com os dos outros e inclusive o promova, em vez de sustá-lo.¹²

Para além de sua própria prática individual, ela tratou de materializar esta preocupação através da criação e da ocupação de espaços de transmissão e circulação da

¹¹ François, Y. em http://www.dolto.fr/audio/audio1/files/%2005_Yannick_FRANCOIS.mp3

¹² Dolto F. *Psicanálise e Pediatria*. 1949. Pp. 55

psicanálise: para além do atendimento em seu consultório, ela foi capaz de fazer a psicanálise correr os ares sob a forma de ondas de rádio, de fazê-la ocupar o espaço público com a criação das Maisons Vertes e de transmiti-la a uma geração de jovens analistas que pôde levar seu legado adiante depois de sua morte.

A Maison Verte

A Maison Verte foi uma instituição criada por Dolto em 1978 com a intenção de que fosse um espaço de convivência e troca de experiências entre familiares e crianças em idade pré escolar àquela época. Um lugar onde a palavra pudesse circular, onde crianças pequenas pudessem se encontrar com seus pares antes que tivessem idade suficiente para ir à escola. Um espaço intermediário entre o mundo familiar e o mundo escolar.

Algo como uma praça coberta, regida por poucas regras e povoada por alguns psicanalistas que estavam ali não para conduzir processos analíticos, mas para ajudar a conter crises de angústia de mães e bebês que pudessem surgir no contato com os outros ou com o espaço. A eles também cabia fazer cumprir as regras estipuladas.

A legislação era mínima: uma linha pintada no chão que não deveria ser ultrapassada pelos triciclos dirigidos pelos pequenos, uma lousa na entrada onde deveria ser anotado o nome da criança que chegava e aventais que deveriam ser usados para as brincadeiras com água. A ideia principal era criar um espaço público que não fosse regido pelas leis familiares e onde as crianças pudessem se preparar de modo que a vivência da entrada na escola não fosse tão traumática.

As consultas públicas

Em 1985, três anos antes de sua morte, Dolto decidira retomar o seu trabalho clínico de uma forma bastante peculiar, surgiam ali as chamadas consultas públicas, nas quais

analistas em formação assistiam a seus atendimentos no pequeno ambulatório de uma creche, em Paris. Segundo J.D. Nasio¹³

O Ambulatório da rua Cujas chamava-se *Seminário*, ou, mais exatamente *Seminário prático de psicanálise dos distúrbios relacionais precoces*. Nesse longo título estão contidas as três funções, as três metas desse trabalho. O termo “Seminário” indica a meta formadora, no tocante aos analistas presentes. Na expressão “psicanálise dos distúrbios relacionais” afirma-se a meta terapêutica, dirigida a crianças que sofriam de distúrbios provocados por um vínculo humano adoecido. Lembremos que, na teoria de Dolto, esse vínculo patológico e inconsciente entre a criança e o outro é conceituado com o nome de *imagem inconsciente do corpo*; uma das modalidades dessa imagem é, de fato, a relação da criança com seu círculo. E, por fim, o adjetivo “precoces” resume e terceira meta, preventiva e social, concretizada por uma ação terapêutica que intervém muito cedo na vida do sujeito.

Dolto formula conceitos de uma psicanálise próxima à medicina e carregada de preocupações profiláticas. Este encontro me parece inevitável e extremamente fértil quando se trata de crianças com graves distúrbios de desenvolvimento e a obra de Dolto, bem como a sua prática, permitem que algumas dessas articulações sejam postas em andamento quando se vai tratar dos pequenos que apresentam dificuldades em seu desenvolvimento.

Pouco antes de sua morte, aos 79 anos, Dolto definiria sua atuação do mesmo modo que o fizera à idade de 8 anos: “um médico da educação é um médico que sabe que os problemas na educação podem provocar doenças nas crianças, não verdadeiras doenças, mas capazes de causar aborrecimentos para as famílias e complicar a vida das crianças, que poderiam sem isso viver muito mais tranquilas”.

Dolto na Rádio

Françoise Dolto era uma voz francesa, uma voz que se difundiu, de fato, entre 1976 e 1978. Num programa de rádio chamado *Lorsque L'enfant Paraît*, ela respondia a cartas de familiares - e até mesmo das próprias crianças - e refletia em voz alta a respeito de impasses e dificuldades enviadas a ela.

¹³ Nasio, J.D. *Introdução Às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein Winnicott, Dolto e Lacan*. 1995, pp.250.

Havia, ali, a apostas em duas dimensões da linguagem: a aposta na escrita das cartas, que por si só já mobilizaria o ouvinte-escritor, e a aposta na escuta e na transmissão pela palavra. Algo também se poderia mobilizar em quem ouvia seus programas.

Havia coragem em Françoise Dolto, algo próximo a uma falta de pudor ao aplicar a psicanálise, fruto de uma confiança quase extrema nas descobertas freudianas e em suas próprias.

Vejam o seguinte episódio: sentados à mesa do jantar estavam o casal Françoise e Boris Dolto, acompanhados naquela noite por um técnico de boxe. Este homem treinava um paciente de Boris, cinesioterapeuta de origem russa.

Boris costumava tratar lesões de bailarinas e atletas, mas nas conversas com o técnico, por ocasião de uma fratura na mão do boxeador, soube que havia dificuldades com diversos aspectos da preparação para as lutas e algum tipo de inibição que o impedia de vencê-las. Pensou que sua mulher poderia ajudar de algum modo e convidou-o para uma refeição. Cito longamente com a intenção de aproximar o leitor da voz de Dolto; de um texto bastante marcado pela oralidade.

O que soubemos, então, pelo treinador é que o pai do lutador era de uma violência impressionante. Ele pendurava o filho pelos pés para surrá-lo! O menino, aterrorizado assim pelo pai, jurou que se tornaria mais forte do que ele. Quando via o pai furioso, escapulia, mas às vezes o pai conseguia agarrá-lo, e para poder bater nele como queria suspendia-o pelos pés como um pedaço de carne e o atacava. Era dramático. Mais tarde este homem se tornou um boxeur maravilhoso: primeiro nas ruas de sua cidade e em seguida treinando para disputar os campeonatos. Como ele era forte! E o pai começou a sentir que o filho era mais forte que ele, que poderia pendurá-lo pelos pés, por sua vez. Entretanto, o que havia de particular neste boxeur mesmo quando criança, era que ele não conseguia terminar o que começava. Se não vencesse uma luta rapidamente, por nocaute, estava acabado. Mas a verdade é que tinha muito medo de nocautear o adversário. Não queria vencer por nocaute: dizia que isso podia destruir uma pessoa para o resto da vida, e um esporte não deveria destruir (...). Então o treinador disse “Não sei como lhe permitir terminar as lutas.” Eu respondi: “Escute, penso que durante o intervalo. Antes do round, quando você sentir que ele deve forçar a vantagem e que é hora de encerrar a luta, diga a ele, no momento em que se levantar: ‘Pode ir, não é o seu pai!’” E foi o que aconteceu! Imediatamente

depois do combate ele disse ao treinador: ‘Que ideia você teve de me dizer aquilo! Mas de repente eu não tive nenhum escrúpulo em atacar.’¹⁴

Ao longo deste trabalho, busco seguir uma autora e uma analista, uma obra e uma vida. A morte, de Dolto, não foi uma interrupção, mas um encerramento. Antes que as cortinas se fechassem, ela nos ofereceu uma última cena, à luz da qual poderíamos olhar tudo o que veio antes. Em 29 de maio e 14 de julho de 1988, poucos meses antes de sua morte, Dolto nos ofereceu sua vida; sua versão dela. Em duas entrevistas concedidas a Alain Manier, repassou episódios importantes de sua história.

Sua obra, poder-se-ia dizer, já havia sido concluída: incontáveis pacientes tratados em seu consultório e nos hospitais por onde passou, a marca que deixara na história do movimento psicanalítico, seus conceitos originais e os milhares de ouvidos atingidos por seus programas de rádio pareceriam realizações suficientes para que alguém possa descansar em paz. Mas para Dolto não eram o bastante.

Havia ainda uma missão. “É um dever para os psicanalistas entregar o que puderem a respeito de si mesmos, mesmo que impregnado de narcisismo.”¹⁵ Minha primeira conclusão e meu ponto de partida surgem desta posição, vêm deste último ato de entrega. Estudar a obra de Françoise Dolto é estudar a sua vida, é buscar as respostas que procurou dar a ela através da psicanálise.

Histórias de vida

Assim como Ernest Jones, Peter Gay, Octave Manonni e Renato Mezan puderam nos oferecer diversas versões para aquilo que Freud viveu, produziu e para as múltiplas implicações de uma vida tão significativa, nesta dissertação busco mais uma vez seguir os passos desta figura e desta autora. Assim como fizeram Michel Ledoux, Silvia Fendrik e Jean-Francois de Sauverzac, me ponho a seguir seu percurso e busco compreender alguns dos sentidos do que ela nos legou.

¹⁴ Dolto, Françoise. *Auto-retrato...* Pp. 164.

¹⁵ Dolto, Françoise. *Auto-retrato...* Pp.17.

Françoise Dolto é uma personagem central no movimento psicanalítico, mais do que isso, ela encarnou muitas das transformações que a França e a Europa atravessaram ao longo do século XX. Sua vida poderia ser observada de uma ótica feminista, como a história de uma mulher que destinada a uma vida doméstica, mas que trilhou o caminho da própria independência. Suas cartas de infância documentam a dor e o horror da primeira guerra vistas, a pouca distância, pelos olhos de uma menina que escrevia suas primeiras linhas. Suas lembranças da ocupação alemã em 1940 e do movimento de resistência na França podem iluminar muito do que significaram estes anos para os rumos que a civilização europeia tomou dali em diante.

Muito embora cada um destes recortes possa iluminar certos aspectos daquilo que Dolto produziu e representa até hoje, nenhum deles faria justiça a seu particular modo de ver o mundo; ao modo como ela mesma se posicionava diante dele: Dolto não falava ‘em nome das mulheres oprimidas’, não em nome da França, nem das vítimas da guerra. O que lhe interessava era a maneira como todos estes atravessamentos históricos se manifestavam no corpo. Aí reside a sua originalidade e sua fidelidade à herança de Freud.

A imagem Inconsciente do Corpo

Ainda que tenha criados conceitos nas quatro áreas fundamentais da psicanálise; aquilo que Mezan chama de 4 gomos essenciais de uma teoria¹⁶, não se pode dizer que tenha fundado uma escola. Apesar de sua influência nos trabalhos dos analistas de crianças e de educadores de um modo geral, não circulam *doltonianos* pelos meios psicanalíticos.

Buscarei organizar sua teorização a respeito da imagem inconsciente do corpo e das castrações *simboligênicas*, situando-as em relação ao panorama diverso da psicanálise contemporânea. Silvia Fendrik define da seguinte forma a contribuição de Dolto para o edifício teórico psicanalítico:

Suas estranhas afirmações, seus insólitos enunciados configuram um quebra cabeças onde parecem sobrar peças ou um quadro de Picasso onde o

¹⁶ Mezan, R. Escrever a clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 123

espectador descobre múltiplas e complexas dimensões de um mesmo corpo, que o obrigam a desistir de uma única mirada para abarcar o todo.¹⁷

As fontes e o trajeto de pesquisa.

Uma das coisas que a psicanálise nos ensina é que qualquer vida, se olhada com minúcia, causa espanto. Em cada bebê que urra, há toda a tragédia humana, em cada velho que dá seu último suspiro, a Divina Comédia.

Há, no entanto, algo de especial em Françoise Dolto. Isto também é parte do seu legado e não seria da mesma forma se não se tratasse de uma psicanalista: a farta documentação em torno daquilo que produziu e viveu; Dolto teve sua vida registrada. Seus dias e muito do que viveu foi contado e arquivado com os meios de que se dispunha no século XX. Há suas anotações, suas cartas, há filmes, fotografias e registros radiofônicos, uma série de documentos preciosos, mas que ainda assim poderiam dizer respeito a qualquer outro ator importante daquilo que esteve em jogo entre os anos de 1908 e 1988. Mas há também testemunhos que permitem um olhar – digamos - mais psicanalítico para sua história e suas memórias. Deixarei isto mais claro logo adiante, após um pequeno desvio. Faço uma breve digressão para justificar algumas escolhas metodológicas sem fechar por completo possibilidades futuras de trabalho e pesquisa.

Em março de 2014, por ocasião de uma apresentação no ‘Congresso de Psicanálise e Educação’ organizado pela *Association Analyse Freudienne*, tive a oportunidade de ir a Paris e conhecer os Arquivos de Dolto, à Rua Cujas, no Quartier Latin. Lá, onde nos últimos anos de sua vida recebeu seus pacientes e conduziu seus seminários, há uma massa enorme de documentos em um estágio intermediário de catalogação e arquivamento. Pastas e mais pastas forram as paredes de um grande salão. Do chão ao teto, ocupam todo o lugar documentos de naturezas muito variadas: é possível encontrar os prontuários de trinta anos de atendimento ininterruptos no Hospital Trousseau, os desenhos de seus pacientes atendidos no consultório, suas anotações dos seminários de Lacan, esboços de seus escritos, cartas pessoais e de trabalho... Um material ainda cru, por assim dizer, além de seus livros, livros a seu respeito (que não são poucos), textos que ela guardava e uma série de documentos e trabalhos

¹⁷ Fendrik, Silvia. *Psicoanalistas de niños – La verdadera historia*. Letra Viva, 2007 p.14

inspirados em sua obra ao redor do mundo. Nas estantes, também descansam alguns dos objetos que adornavam sua sala de atendimento: a famosa boneca-flor, algumas corujas e uma pequena estátua de São Francisco, artesanato típico do nordeste do Brasil

Tal panorama de fontes e referências que, por razões circunstanciais, seria impossível explorar a contento, me obrigou a algumas escolhas. De tudo o que já se disse e escreveu dela, decidi privilegiar aquilo que ela mesma pôde dizer a seu próprio respeito “ainda que impregnado de narcisismo”. Escolhi como fontes primárias, para esta primeira parte da dissertação, três livros onde podemos ter acesso à sua própria visão a respeito daquilo que viveu, em contextos bastante distintos, o que pode nos oferecer um belo mosaico dos seus dias e um percurso através dos anos. Giros e voltas que acabam por fazer, desta dissertação uma obra de memória, talvez mais do que um texto puramente histórico.

São duas fontes em que ela nos fala em primeira pessoa: ‘Enfances’ e ‘Auto-Retrato de uma Psicanalista’, além de suas cartas publicadas postumamente, em dois volumes, sob os títulos de ‘Letres de Jeunesse (1918 – 1938)’ e ‘Une vie de correspondances (1938 – 1988)’. A partir delas buscarei traçar os percursos de questões e assuntos cruciais que podem, de uma forma ou de outra, interessar a psicanalistas ou a quem se aproxime do trabalho com as crianças.

Uma mapa de Esmeraldina deveria conter, assinalados com tintas de diferentes cores, todos esses trajetos, sólidos ou líquidos, patentes ou escondidos. Mas é difícil fixar no papel os caminhos das andorinhas, que cortam o ar acima dos telhados, perfazem parábolas invisíveis com asas rígidas, desviam-se para engolir um mosquito, voltam a subir em espiral rente a um pináculo, sobranceiam todos os pontos da cidade de cada ponto de suas trilhas aéreas.¹⁸

“Enfances”, publicado pela primeira vez em 1986, se trata de uma conversa entre Dolto e sua filha, Catherine, em que retoma episódios significativos de sua história. Numa conversa informal, ela debate e relembra experiências e personagens ao lado de alguém que conviveu com muitos deles. Pode falar sobre a mãe e o marido enquanto a filha pergunta sobre sua avó e seu próprio pai, falar do trabalho e da casa em que viveu seu casamento enquanto a filha relembra os trajetos e a casa de sua própria infância. Cenas sobrepostas e significações que se cruzam num texto que, em ato, atesta a força da memória encarnada nesta

¹⁸ Calvino, I. *As Cidades Invisíveis*, p. 84. São Paulo, 1990: Companhia das Letras.

representante da psicanálise. Trata-se de uma franca conversa entre mãe e filha em que predomina, do ponto de vista do estilo, o relato. Catherine puxa suas próprias lembranças e quem discorre longamente é Françoise, é de fato um belo livro de memórias.

‘Auto - Retrato de uma Psicanalista’ é a transcrição de uma entrevista concedida ao psicanalista Alain Manier poucos meses antes de sua morte. Com a saúde física bastante debilitada e um distanciamento em relação aos fatos que me parece próprio de quem vê seus dias chegarem ao fim, Françoise relata mais uma vez os episódios importantes de sua vida, sua infância e seu percurso como pediatra e psicanalista, desta vez interpelada por um psicanalista que esforça-se por estabelecer relações de sentido entre o que ela relata e aquilo que já conhecem dela, além de alguns lampejos de reflexões mais teóricas.

Apesar da idade e das condições de saúde, Dolto mostra-se bastante viva e bem humorada, recusando algumas das interpretações dos entrevistadores, acolhendo outras e oferecendo-lhes novamente, seu modo singular de olhar o passado e os sentidos que carrega. Vemos que há hipóteses e intenções do lado de quem formula as perguntas e Dolto se coloca diante delas.

Curiosamente, o leitor que se debruça atentamente sobre os dois textos não tem a sensação de que há uma repetição. Alguns episódios são relatados nas duas ocasiões e parecem com isso ganhar novas luzes. O interlocutor é outro e também é outro o momento em que ela os relata. Ganhamos com isso certa dimensão de como o tempo, a análise e – quem sabe? - a proximidade da morte, podem agir sobre a experiência vivida.

Estas duas primeiras referências são colocadas numa outra perspectiva diante das leituras de suas cartas, especialmente em relação àquelas da infância e da juventude. São documentos distantes no tempo e de naturezas distintas. Aquilo que, em 1986 e 1988, Dolto relata a respeito de sua infância foi depurado pelo passar dos anos e especialmente pela experiência de sua própria análise com Laforgue. Afinal, outra das lições que a psicanálise nos ensinou é que os anos podem transcorrer sem que nada daquilo que está soterrado seja alterado; o passar dos dias, por si só, não é garantia de transformação. Em certo sentido reconstruir seu trajeto atesta a própria força da psicanálise.

Em suas cartas de menina lemos uma criança curiosa e interessada pelos outros, mas também atormentada pela culpa e deslocada no seio de sua família. Lemos, nas linhas da pequena Françoise e nas respostas que recebia, uma família que apesar de viver na melhor situação material possível no início do século XX, não se salva do horror e da devastação da primeira guerra mundial. Naquilo que é escrito, mas também nos silêncios, podemos tentar reconstruir a dor e a loucura dos pais diante da morte de uma jovem filha, a irmã mais velha de Françoise, vítima de um câncer ósseo aos 18 anos. Uma constelação de pequenas peças, fragmentos de uma vida familiar, que nos permite reconstruir, à moda de um mosaico, um retrato desta figura que buscamos trazer à luz.

Se pudermos nos apegar à metáfora do mosaico, penso que as cartas cumpririam o papel dos estilhaços de azulejo e os dois relatos ocupariam o lugar da argamassa que os une e mantém coesos. Talvez a reconstrução mais fundamental das peças tenha ocorrido no divã de Laforgue muitos anos antes de *Enfances e do Auto-retrato...* Lendo as cartas, temos a impressão de que há cacos que sobram, ficam perguntas e aparecem outras facetas dos personagens que não imaginávamos, são restos, talvez testemunhas daquilo de que Freud tentou se ocupar em “Análise terminável e interminável”.

Tendo em vista esta escolha de fontes, organizarei a exposição de sua biografia numa ordem cronológica, numa sequência de fatos significativos que, de algum modo, se sobredeterminam. Sigo sua voz desde o casamento dos pais até sua atividade como psicanalista, passando por sua infância e seus dias de juventude, procurando aglutinar nestes episódios importantes, minhas três fontes¹⁹²⁰.

Isto terá certa implicação no estilo do texto daqui em diante: seguir-se-ão citações longas, talvez demasiado longas. São meus estilhaços e minha argamassa. Espero que ao final do percurso consiga uma imagem satisfatoriamente fiel de quem foi Françoise Dolto. Minha esperança é que esta dissertação possa servir de porta de entrada para sua obra, que de algum modo, cumpra o papel de levar outros leitores a seus textos. Mais ouvidos para que sua voz se faça ouvir, este é o principal objetivo deste trabalho.

¹⁹ Tendo em vista o fato de que citarei três volumes em diversas oportunidades ao longo do texto, me parece interessante simplificar a forma como as referências são apresentadas a cada vez. Deste modo as referências se seguirão como *Enfances, Auto-retrato...*, *Letres de Jeunesse* e *Une vie de correspondances*, seguidas do número da página em que se encontra a citação. A referência completa de cada uma destas obras pode ser encontrada de forma detalhada ao final do texto.

²⁰ Todas as citações cujos textos originais estão em francês ou espanhol são traduções livres.

1 – HISTÓRIAS DE VIDA

1. Da infância à psicanálise

A. O berço

Nascida numa numerosa e tradicional família burguesa, na Paris de 1908, Françoise Marrete foi criada ao modo daqueles que, de um modo ou de outro, esperavam que os costumes permanecessem tal qual estavam. Na família Marrete “as filhas tinham o direito de gostar de música ou de aprender a cozinhar ou a fazer a arrumação da casa. Mas apenas os filhos tinham a possibilidade de cursar estudos superiores. (...) Todos os domingos os membros da família se reuniam para tocar música de câmara. Excelente violinista, Françoise os acompanhava.”²¹

Sua mãe, Suzanne Dammler, era filha de um politécnico e industrial, posição de destaque à época em que se consolidava uma certa burguesia industrial. Seu pai, também politécnico, era um empregado do pai de Suzanne, que veio a se casar com a filha de seu patrão. Eram famílias de origens e realidades ligeiramente diferentes, a de seu pai e a de mãe, e isso se traduzia no cotidiano de Françoise.

As duas famílias eram originárias de Paris. Mas não eram do mesmo bairro, tampouco tinham o mesmo estilo de vida. Havia um estilo burguês-luxuoso do lado de mamãe, XVI^e arrondissement e um estilo pequeno burguês(?), mais simples do lado do papai, XIV^e arrondissement²².

(...) Éramos tocados pela oralidade na família de papai, porque eram as pessoas de quem gostávamos e que cozinham para nos agradar. Na família de minha avó materna, éramos muito mais tocados pelo decoro e pelos rituais do que pela alimentação em si, porque não era ela ou alguém da família, quem cozinava. Ela comandava os empregados.²³

A (pequena) diferença entre suas duas famílias de origem já anuncia algo que surgirá com muito mais força alguns anos depois, na ocasião da morte de sua irmã Jacqueline. Não tanto por razões objetivas ou ‘diferenças de classe’, tratava-se de algo ainda mais sutil; sutil e, no entanto, fundamental. O modo como o olhar de sua mãe, Suzanne, marcava e era marcado

²¹ Roudinesco, E. *História da psicanálise na França – A batalha dos cem anos – volume 2: 1925-1985*. Pp. 173.

²² Dolto, F. *Enfances*. Pp.64

²³ Dolto, F. *Enfances*. Pp.64

por essa diferença teria grande impacto no modo como a própria Françoise seria vista e viria a olhar a si mesma. Ali, a mãe, o olhar, espelho e narcisismo se entrelaçavam...

Mas ficávamos admirados de ver que mamãe não era querida na família de papai e que a família de papai não era querida pela mamãe. Nós íamos com papai, mas mamãe não ia conosco. Metade das vezes ela inventava uma boa desculpa porque lhes achava 'ordinários', comuns. Não vulgares, ela gostava de precisar, 'ordinários'.²⁴

Antes que a primeira guerra tivesse início, certas partes da Europa viviam um tempo de progressos e prosperidade. Os avanços tecnológicos carregavam em sua esteira mudanças que atingiam o cotidiano das famílias burguesas. Pouco a pouco chegava o 'conforto moderno': a água quente encanada, a luz elétrica nas casas, prédios de apartamentos com elevador. Os primeiros talheres de aço inoxidável, um quarto para os meninos e outro para as meninas, o rádio...

São pequenos elementos que compuseram o cenário da vida de certa camada da população parisiense, até que chegasse a guerra de 1914, alguns capítulos adiante. Françoise vivia como uma observadora peculiar daquilo que se passava à sua volta, no mundo dos adultos.

Íamos muitas vezes a Deuville, pois era lá que passávamos todas as férias. E havia uma frase dita pelos grandes que eu escutava desde pequenininha: "Os camarões pedem vinho branco." Cozinhávamos camarões sem parar. E eu me perguntava: "Como é que eles compreenderam que os camarões pedem isso?" E quando fazia a pergunta ouvia "Como é burra essa menina", mas não me respondiam. Não me diziam que isso era uma maneira de falar. Logo eu tirava a conclusão de que os adultos eram muito espertos, para entender o que dizem os camarões.²⁵ (...)

Vivia numa família numerosa onde achava que os outros perdiam tempo demais brigando, enquanto eu nunca tinha tempo de discutir com alguém. Estava sempre fazendo alguma coisa. Era esta a particularidade do meu ser naquela família numerosa: eu estava sempre ocupada fazendo alguma coisa que me impedia de perder tempo com brigas.(...) eu os considerava como figuras de um carrossel, muito agitados. Enquanto isso eu estava fazendo um bordado, um móvel de boneca, alguma coisa que era sempre mais urgente do que discutir com o vizinho... (...)²⁶

Aliás, em psicanálise isso me ajudou muito. É uma coisa, creio, que me é particular como psicanalista: a polêmica jamais me interessou. "Afinal, talvez você tenha razão. Quanto a mim, não vou perder tempo com isso já

²⁴ Dolto, F. *Enfances*. Pp.65

²⁵ Dolto, F. *Auto-retrato...* Pp. 24

²⁶ Dolto, F. *Auto-retrato...* Pp. 19

que não vejo nada de interessante no que esta dizendo. Na sociedade de psicanálise, quando as pessoas não me davam atenção, eu achava que era eu que não tinha me explicado bem; já que se o que eu fazia na minha clínica era operante, o seria igualmente se outra pessoa fizesse.”²⁷

Assim como a família extensa e os avanços tecnológicos marcaram sua infância, as relações com os trabalhadores que povoavam a casa também se mostravam extremamente significativas: a copeira, as cozinheiras, o mordomo e todos aqueles que cruzavam suas vidas com os donos da casa, também habitaram suas histórias, muitas vezes profundamente.

Havia uma inglesa que cuidava de nós (...) [que] se embebedava com a água de colônia da minha mãe. Quando ficava bêbada, brigava com a cozinheira (...). Essas babás não comiam nem com os pais, nem com a cozinheira, mas no quarto com o bebê que cuidavam. (...) E, num dia de briga particularmente feroz, na hora do lanche do bebê, quando a cozinheira veio até o quarto perseguir a inglesa para dizer algumas bobagens, o bebê vomitou seu mingau. Aconteceu que eu estava presente. (...) Ele descarregava para que elas descarregassem! Ao mesmo tempo, elas despejavam insultos e ele despejava o que tinha a despejar. E eu sabia o que tinha acontecido, mas não podia dizer nada, porque numa família não se deve delatar.”²⁸

Os criados eram personagens vivos na cena burguesa e muitas vezes protagonistas das vidas das crianças.

B. A primeira despedida e a marca da estrangeira

Ainda alguns anos antes do assassinato de Francisco Ferdinando e do grande conflito que se seguiria por toda a Europa, Françoise vivera um episódio crucial, do qual somente pôde reconstruir os sentidos no divã de Laforgue, a partir de seus sonhos e de conversas com seus pais.

É muito curioso, durante a minha análise eu me encontrava todo o tempo com sonhos em torno de lembranças que estavam associadas à ‘Rua Vineuse’, como se fossem orgias à la Quo Vadis, com uma cortina de cabelos vermelhos e perfumados que escondia a toalha de mesa onde havia copos de champagne. Um dia, meu psicanalista me disse: “Pergunte a sua mãe se a ‘Rua Vineuse’ lhe lembra qualquer coisa.(...) ela detestava que eu fizesse uma análise, mas naquele dia ficou completamente estupefata. Ela

²⁷ Dolto, F. *Auto-retrato ...* Pp. 27

²⁸ Dolto, F. *Auto-retrato...* Pp. 43

me respondeu: “É extraordinário que me pergunte isso, porque quando você era bebê seu carrinho estava sempre estacionado em frente a um hotel na Rua Vineuse, nós sabemos porque mandamos seguir a jovem que cuidava de você.”

Esta jovem, uma irlandesa que tomava conta da pequena Françoise, viera até Paris a pedido de seu pai - um juiz viúvo – com a intenção de aprender francês e trabalhar numa casa de família. Era querida por Suzanne e por toda a família, uma moça fina, que falava um inglês impecável, conhecia ‘toda a poesia irlandesa’ e era extremamente ligada a Françoise.

Uma “relação de amor arcaica”²⁹, à qual Dolto refere algumas das marcas importantes em suas relações pessoais, tanto com a sua família quanto com seus pares no movimento psicanalítico. De algum modo, Dolto carregaria pela vida afora a marca de uma estrangeira por onde passasse, como se falasse sempre uma outra língua, ainda que o francês fosse seu idioma materno.

Eu falei, ou pelo menos compreendi o inglês antes mesmo do francês: meus pais tinham que falar inglês para que eu risse e compreendesse aquilo me diziam. De tal modo eu era amada por esta jovem! Talvez por isso eu seja original aos olhos da família: talvez tenham sido estes oito primeiros meses de amor desta jovem irlandesa talentosa, artista e um tanto perdida. Não saberemos jamais. Mas é incrível que este seja um achado da psicanálise³⁰.

Françoise viveu oito meses sob os cuidados desta moça, com quem estabeleceu um forte laço, que só pôde se compreendido à luz de sua própria análise, muitos anos depois. Uma irlandesa que cumpria muito bem sua função com Françoise e que, no entanto, cometia pequenos delitos dentro da casa dos Margette.

Suzanne percebia que suas joias e alguns vestidos sumiam e depois tornavam a aparecer, causando estranheza e levantando suspeitas que acabaram por recair sobre a jovem irlandesa. Certo dia a família decidiu mandar segui-la, foi quando encontraram o carrinho de Françoise em frente ao hotel à Rua Vineuse, uma espécie de bordel onde havia festas e o consumo de cocaína, um dos primeiros ambientes frequentados por nossa personagem, imagens e palavras que a marcaram.

²⁹ Dolto, F. *Enfances*. Pp. 133

³⁰ Dolto, F. *Enfances*. Pp.71

“Então, quando mamãe a enviou de volta a sua família no dia seguinte, três dias depois eu tive uma bronco-pneumonia dupla, sem nenhuma dúvida efeito deste afastamento desta garota que, ao que parece, me adorava.” A esta experiência de proximidade com a morte, da qual só foi salva graças à presença da própria mãe, que a segurou junto a seu corpo por 48 horas seguidas.

Neste breve relance de um episódio tão significativo de sua primeira infância já podemos entrever alguns elementos dos assuntos que viriam a preocupar Dolto muitos anos à frente. Nesta relação tão arcaica, que remonta aos primeiros meses de sua existência, e nas interpretações que constrói para ela, vemos Dolto entrelaçar a *linguagem*, o *outro* e os *circuitos pulsionais* de modo a forjar uma experiência crucial e constitutiva do seu ser.

A língua inglesa, o amor que esta jovem sentia por ela e traduzia nos cuidados, a ruptura desta relação e o subsequente adoecimento, além do modo como a relação entre linguagem e pulsão pôde ser recuperada posteriormente, na análise com Laforgue, são uma belíssima ilustração de como se constitui a Imagem Inconsciente do Corpo.

C. Viúva de guerra

A primeira guerra mundial foi um conflito que estremeceu a Europa e moldou a geopolítica mundial do século XX: marcou a ascensão dos EUA como uma potência global, ajudou a precipitar a revolução russa e terminou com a assinatura do tratado de Versailles, que acabaria por levar a Europa à segunda guerra mundial, apenas vinte anos depois. Nela, todos estavam envolvidos.

Quem trava as guerras não são os exércitos; são as nações. A guerra não é uma atividade militar conduzida por soldados, mas uma atividade social que envolve nações inteiras. O teórico militar prussiano Carl von Clausewitz assinalou os papéis da paixão, da probabilidade e da política num conflito armado.

Independentemente do sistema de governo, é o povo que fornece o sangue e a riqueza necessários para levar adiante uma guerra. Quando as metas políticas são pequenas, o estadista pode levar um conflito adiante sem pedir grandes sacrifícios à sociedade. Já conflitos globais, como a II Guerra

Mundial, requerem a mobilização plena da população para fornecer os homens e o equipamento necessários³¹.

Do ponto de vista militar, o desenrolar da Primeira Guerra mundial marcou o surgimento de uma nova modalidade de conflito armado. Estados industrializados, interessados na proteção de seus territórios e na manutenção de suas colônias e rotas comerciais, levaram a mortandade a escalas inimagináveis com o emprego da tecnologia mais avançada disponível à época. A mesma espécie de tecnologia industrial que levava a água quente encanada e a luz elétrica aos apartamentos burgueses foi empregada nos campos de batalha com resultados devastadores para todos os atores envolvidos³².

Eu não compreendia porque o assassinato de alguém em Sarajevo colocava tudo a fogo e sangue. Eu sabia da Alsácia e da Lorena (...) Eu sabia que a guerra era alguma coisa com cavalos e cavaleiros que tinham grandes lanças, capacetes com umas coisinhas pontudas e soldados que caíam e balançavam suas bandeiras.³³

Nos primeiros meses da mobilização militar, após o assassinato de Francisco Ferdinando em Sarajevo, os exércitos batalharam com elementos que seriam reconhecidos por Napoleão Bonaparte, com grandes manobras de pelotões e uniformes coloridos, cavalaria e lanças. Foi um breve período de transição entre a velha e a nova guerra. Nos campos povoados de metralhadoras e canhões, logo seriam cavadas as trincheiras que marcariam o imaginário em torno desta disputa em que foram dizimadas entre 15 e 65 milhões de vidas, a depender dos critérios de contabilidade. A França convocaria 8,5 milhões de soldados, um quinto de sua população à época, mobilização de contingentes sem precedentes para uma luta que se travava muito além do front de batalha, nas entranhas dos países envolvidos.

Esta guerra, precisamente porque é uma guerra de posições, convoca um crescente e constante engajamento de forças. É a primeira experiência a que podemos nos referir, sem risco de excessos, como 'guerra total'. (...) ela já apresenta traços tão originais que marcam uma mutação profunda, uma ruptura com os hábitos tradicionais³⁴. (...) Guerra econômica, mobilização da população civil: algumas etapas do deslizamento da guerra na direção de formas radicais. No século XIX a vida civil seguia à margem dos conflitos. Não seria mais assim desde 1914. (Tradução nossa)

³¹ Yingling, Paul. Gerais sem estrelas. **Revista Piauí**. Rio de Janeiro, Ed 17, Fevereiro de 2008. Disponível em <http://revistapiauí.estadao.com.br/materia/gerais-sem-estrelas/> acesso em 9 Jan. 2016

³² *The First World war*, Documentário da rede BBC.

³³ Dolto, F. *Enfances*. Pp. 29

³⁴ Rémond, René. *Introduction à l'histoire de notre temps. Vol 3 –Le XX^e siècle, de 1914 à nos jours*. Editions du Seuil, 1974. Pp. 25.

Neste contexto, Henry Marrete - o pai de Françoise - com sua formação de engenheiro politécnico, fora designado para uma posição de destaque no arsenal francês. Nos bastidores do conflito, desempenhava um papel fundamental na nova guerra, fabricando e fornecendo os suprimentos que alimentavam as trincheiras. Sendo, por isso, obrigado a muitos deslocamentos através da França e mesmo na Inglaterra durante toda a guerra, Henry Marrete foi mais um dos franceses a tomar parte no conflito: Françoise tinha, então, 6 anos incompletos.

Meu querido Papai,

Me deixa com muita pena que você tenha partido. Nós quase não podemos mais ir à praia, chove. Eu acho que não vou pegar caxumba. Pierre vai fazer as compras para a casa. Eu rezo todos os dias por você para que você não demore para voltar. Eu vou trabalhar bastante para deixar você feliz e a mamãe também.

Um abraço muito forte

Françoise³⁵

Num conflito desta magnitude, mesmo as crianças estão envolvidas e Françoise, ainda que guardasse certa distância em relação ao seu entorno, observava-o atentamente, fazendo-se perguntas que de algum modo já denotavam sua sensibilidade e, em certa medida, uma notável capacidade de escutar.

Lembro-me de um pequeno detalhe. Foi no começo da guerra. O marido da cozinheira dormia lá, e nunca era visto por nós. E tínhamos pavões no jardim; ainda posso ver o magnífico espetáculo das suas caudas, quando fazia sol. Naturalmente, os pavões faziam "lhom-lhom". Ora, acontece que o marido da cozinheira se chamava Léon. Eu achava aquilo extraordinariamente bem bolado, pois ela, que pensava nele sem parar enquanto preparava a sopa e descascava os legumes, podia dizer: "Léon, os pavões estão te chamando!" Eu, que era pequena, me perguntava: "Mas quem é que o está chamando? Por que quando ele não estava na guerra os pavões faziam sempre 'lhon-lhon' e ela nem notava. Agora que ele foi para a guerra, ela diz que os pavões o estão chamando, mas talvez já o estivessem chamando antes".³⁶

Muitas das cenas do cotidiano da guerra marcaram profundamente Françoise e configuraram-se como o germe daquilo que viria a ser um modo de se posicionar bastante diferente daquele esperado de uma futura moça advinda da alta burguesia francesa. Pouco a pouco ela esforçava-se para desenhar um destino próprio.

³⁵ Dolto, F. *Lettres de jeunesse*. Pp. 26.

³⁶ Dolto, F. *Auto-retrato...* Pp. 20.

Sabia que era preciso trabalhar, a partir do começo da guerra. Pois eu tinha visto a decrepitude das viúvas burguesas que não tinham um emprego, à diferença das trabalhadoras manuais ou das comerciantes, que não eram obrigadas a mudar o padrão de vida dos seus filhos, seu status econômico e social. Elas sofriam o desgosto da morte de seus maridos, mas nem por isso enlouqueciam, e suas panelas continuavam a ferver. Ao passo que era horrível de se ver, nos bairros elegantes, mulheres vestidas como meus pais, como minha mãe, enfim, que mendigavam e que, loucas ou não, delirantes ou não. (...) Para algumas famílias a guerra provocou uma completa reviravolta do ponto de vista econômico, e eu via que a principal razão para isso era o fato de as mulheres não terem empregos.³⁷

Ainda que seja possível empreender uma leitura que leve em conta a *classe social* - a burguesia - ou o *gênero* - a mulher - o que parece curioso é que a história de Dolto não poderia jamais se reduzir a nenhuma delas. Jamais ela falou 'em nome da mulher' ou de qualquer outra grande categoria ao discorrer sobre suas escolhas e experiências: suas decisões têm nome e sobrenome. Mais do que uma militante ou combatente, ao estudar sua vida temos a impressão de entrar em contato com um espírito livre, tomando todo o cuidado que devemos ter ao empregar a palavra *liberdade*.

Assim, no começo da guerra, como compreender as palavras de pessoas anunciando que um filho havia desaparecido, que um filho fora dado como desaparecido? Eu me perguntava: "Quem o deu como desaparecido?" (...) Não compreendia as palavras. (...) Assim como os soluços daquela senhora de quem eu gostava, que estava fechada no escritório com mamãe e que, através da porta, dava a impressão de rir às gargalhadas! Ela fazia barulhos como alguém que morre de rir, contando sua dor, falando do filho e das notícias que recebera sobre seu desaparecimento. (...) o desespero daquela mulher se traduzia por um paroxismo de dor que parecia uma risada. E como antes era uma pessoa alegre, de quem gostávamos muito porque contava histórias engraçadas para as crianças (...) Então eu pensava "ele desapareceu e ela veio procurá-lo aqui. Ela está rindo às gargalhadas e, no entanto, quando chegou eu a vi chorando" Não entendia nada. E aí à noite eu dizia: "Lolotafé é boba." E era dramático dizer que Lolotafé era boba: ela estava tão infeliz. (...) Tudo isso é o que? É ter referências que contradizem aquilo que a inteligência ou o coração podem compreender. São linguagens diferentes, cuja ligação eu não entendia.³⁸

Desde sempre, para ela, havia a linguagem. E desde sempre um descompasso entre adultos e crianças e, desde cedo, a percepção deste abismo. Diante disso Françoise, ainda que guardasse certa distância do mundo adulto, não deixava de se implicar nele, era ainda uma menina, mas já assumia para si um papel neste mundo que se colocara a 'fogo e sangue'.

³⁷ Dolto, F. *Auto-retrato...* Pp. 41.

³⁸ Dolto, F. *Auto-retrato...* Pp. 26.

E então eu fazia cachecóis porque era preciso que eles [os soldados] tivessem lã para se aquecer (...) E naturalmente isso me entediava, eu passava todo o tempo tricotando, eu não conseguia nem mesmo brincar, porque me culpava. Eles estavam esperando; precisando supostamente. Havia um coitado, mal agasalhado nas trincheiras, que esperava o meu cachecol e que morreria de frio se eu não o terminasse a tempo. E naquele momento não me dava conta de que isso divertia as pessoas, me ver toda compenetrada e imbuída de um grande valor com aquela tarefa, aquele compromisso, afinal. Eu não sei porque, era um pouco sádico [da parte dos adultos], de todo modo.

Mas ainda antes que, por conta da percepção destes desencontros, viesse a criar para si a profissão de “médica da educação” – como encontrar uma expressão mais justa para definir o seu trabalho? – houve um amor e a perda deste amor. Pierre Demmler era o tio materno e padrinho de Françoise, o irmão mais velho de sua mãe, com quem a pequena mantinha uma relação muito próxima. Em suas palavras era o ‘tio edípico’, com quem mantivera uma calorosa troca de correspondência durante a guerra.

2 de setembro de 1915

Minha Querida Vava,

Muito obrigado por sua carta que me deixou muito contente. Meu entorse vai muito bem, por enquanto eu me preparo para, em alguns dias, me juntar novamente à minha companhia (...) e aos outros caçadores.

Divirta-se na praia e, se conseguir pescar algum caranguejo, não me envie: eles não chegariam em bom estado!

Eu sinto muito por não ter você aqui comigo. Você se divertiria muito nas trincheiras, mas o general Joffre certamente não permitiria que você viesse.

Eu penso sempre que nós vamos nos casar no final da guerra, quando eu for um general, com um grande cavalo e muitos cães e uma bela decoração.

Eu te digo isso para que você pense em mim e para que não seja muito amável com os feridos que encontre na praia e sobretudo com os negros que são, evidentemente, muito bonitos, mas menos valorosos do que os caçadores alpinos³⁹. Me mande notícias do seu primo Richard Jamas, ele mês escreveu contando novidades há dois meses. Como ele anda? Será que nós estamos perto um do outro?

Um beijo nas duas bochechas

P. Demmler⁴⁰

³⁹ Pela família Marette corria a história do dia em que, num dos hospitais improvisados em Deuville, onde Suzanne trabalhava como enfermeira e que era frequentado por Françoise, um soldado senegalês ferido brincara com a pequena, dando-lhe um beijo na bochecha, rindo e dizendo que ela lembrava-lhe de sua filha distante. Como seria de se esperar, Suzanne reagiu de forma racista, retirando Françoise do recinto para lavar o rosto. Este episódio é mencionado de forma jocosa tanto pelo pai quanto pelo tio Pierre em algumas cartas e cartões postais, dando a entender que na ocasião Françoise havia correspondido a afeição do senegalês..

⁴⁰ Dolto, F. *Letres de Jeunesse*. Pp 44.

São cartas que compõem a imagem de um tio muito amado, o mais perto que se poderia chegar de um príncipe encantado: um futuro general a chegar da batalha em seu cavalo, com promessas de um belo casamento e muitos filhos... Testemunhos, entre outras coisas, da sexualidade infantil. A essas promessas Françoise respondia apaixonadamente.

7 de setembro de 1915

Meu querido tio Pierre,

Eu te agradeço muito pela sua carta que me deixou muito contente. Eu gostaria muito de me casar com você no ano que vem, mas eu não posso porque ainda sou muito pequena, mas ontem quando estava passeando eu assoprei uma (?dente de leão?) e todas as coisinhas voaram de uma vez só, então talvez eu possa mesmo me casar com você mas eu não sei se a vela mentiu. Eu gostaria de ter muitos filhos duas meninas e três meninos e nós conversaremos sobre a guerra e você me contará todas as suas batalhas e eu ficarei muito contente.

Eu não serei muito amável com os negros porque eu não quero, mas eu serei com os feridos que eu encontrar, mas serei ainda mais com você porque eu gosto muito de você. Eu acho que você vai matar muitos alemães quando voltar para a linha de fogo e que não terá muitos por lá e nós vamos conquistar a Alemanha.

Um abraço bem apertado e eu sou sua noiva.

Françoise Marette^{41,42}

Era uma relação que ocupava Françoise e lhe impunha algumas questões fundamentais. A despeito de sua pouca idade, talvez justamente por isso, sente-se responsável pelos rumos da guerra, pela saúde do Tio, culpada por sua dificuldade em ser boazinha e corresponder às expectativas dos adultos presentes e distantes. Questões com as quais irá se defrontar novamente alguns anos mais tarde em suas decisões de vida e em seu próprio tratamento analítico. Durante a guerra, a intensa troca de cartas com diversos membros da família fez com que, entre estas diversas perguntas e dificuldades incontornáveis, não estivessem presentes a solidão ou o abandono. Mesmo à distância, figuras familiares estavam ali com ela.

Meu Deus,

Proteja o Tio Pierre e também todos os papais das pobres crianças cujas mães morreram e que estão sozinhas e também todos os órfãos da guerra e há muitas mães que foram perseguidas nas cidades e nos países e estão morrendo de tristeza porque seu marido morreu e às vezes ele deixa 1 filho 2 filhos 3 filhos 4 filhos 5 filhos 6 filhos e às vezes até 16 filhos então meu

⁴¹ Dolto, F. *Letres de Jeunesse*. Pp. 45.

⁴² É difícil a tarefa de traduzir o texto de uma criança. As repetições, as construções das frases e mesmo os erros de ortografia nos ajudariam a configurar a imagem do apaixonamento infantil de Françoise por seu tio Pierre. Recomendo fortemente a leitura dos documentos originais, em francês.

deus eu terei que ser bem boazinha em vez de ser malvada com Jacqueline como eu sempre sou, eu deveria pensar em todas essas coisas horríveis e pensar que há crianças da minha idade que estão muito infelizes neste momento e isso deixa essas pessoas mais tristes quando eles pensam que eu brinco enquanto eles passam por essas coisas horríveis eles estão longe de mim e eu não vejo. Meu Deus eu sou malvada o tempo todo e eu choro o tempo todo e sinto muita pena de fazer isso. Eu vou conseguir ser bem boazinha para que você proteja o Tio Pierre e para que a vovó tenha muita coragem para esperar o fim da guerra e eu espero que todos os soldados voltem gloriosos e felizes.

Françoise Matte⁴³

No dia 6 de julho de 1916 Pierre Demmler foi mortalmente ferido e faleceu quatro dias depois, num hospital militar próximo à fronteira com a Alemanha. A família toda foi profundamente afetada por esta perda, Françoise, em especial, viveu a sua primeira experiência com a morte real. Em suas palavras foi uma ‘viúva da guerra’, vestiu-se de preto e teve de atravessar o luto por seu ‘futuro marido’, morto em combate.

Eu tinha cinco anos e meio quando a guerra começou, sete anos e meio quando tio Pierre foi morto. Ele era capitão dos caçadores alpinos. Essa foi a história de um verdadeiro luto humano, não eram mais questões que se colocavam abstratamente [a respeito da morte].⁴⁴

Em novembro de 1918 é assinado o armistício que põe fim à guerra e inaugura uma nova etapa por toda a Europa. Após quatro anos de um morticínio inconcebível e profundo sofrimento de todas as partes envolvidas, o mundo pôde, por algum tempo, respirar a paz. Nas palavras de um oficial britânico, que esforçava-se por traduzir o momento:

Sem mais matanças, sem mais mutilações, sem mais lama e sangue. Sem mais cavar partes de corpos humanos e jogá-los em sacos de areia, sem mais escrever aquelas desagradáveis cartas para o parente mais próximo do morto. Um pensamento estranho e irreal corria pela minha mente: eu tinha um futuro.⁴⁵

Françoise tem então 10 anos de idade e participa, novamente a seu modo, dos acontecimentos que reverberam pelas ruas de Paris e pelo mundo afora.

⁴³ Dolto, F. *Letres de Jeunesse*. Pp. 46.

⁴⁴ Dolto, F. *Enfances*. Pp.17.

⁴⁵ Dixon, R. G. *Memoirs of Richard Dixon, british officer. In A primeira guerra mundial ep 10. A guerra sem fim. BBC*

Quando a guerra chegou ao fim, eu me perguntei como se poderia viver quando não havia mais guerra, porque, para mim, a guerra era a experiência da vida social. No dia do armistício, sobretudo, eu me vi num estado de muita confusão (...). Toda Paris estava lá. Eu mesma vi um pouco de toda essa alegria, porque saí de tarde com a Mademoiselle e Phillipe, que tinha cinco anos ‘para que nos lembrássemos’(...) E aqueles cantos, aquele júbilo, aquela fraternidade. E eu me perguntava: “Mas como as pessoas podem festejar tanto sem pensar nos mortos e naqueles que não voltarão mais?” Eu fiquei presa entre dois sentimentos (...). O arco do triunfo, para mim, era o triunfo daquele dia.⁴⁶

D. A morte de Jaqueline

Enquanto Françoise viveu o fim da guerra ainda pelas vidraças da casa, sua irmã Jacqueline, 6 anos mais velha, pôde experimentar o renascimento da vida social dos tempos de paz: outros traços de caráter e outras possibilidades de circulação.

Quando ela dançava, era para mim a *Primavera* de Botticelli! Ela tinha dezesseis anos ao no final da guerra, no momento em que a vida social viveu uma explosão, como um frenesi de prazer. Tango, Fox-trot, esta loucura que tomou a vida de Paris depois do armistício de 1918... Havia bailes todo o tempo, as pessoas recebiam umas às outras. Jacqueline, minha irmã, adorava isso.⁴⁷

Entretanto, dois anos após o final da guerra, o destino reservou à família Murette mais uma dolorosa surpresa. Jacqueline fora diagnosticada com um câncer ósseo intratável e viria a falecer pouco tempo depois. Suzanne e Henry decidiram não dar a notícia aos filhos e enfrentaram a doença silenciosamente. Françoise fora informada da condição de sua irmã na véspera de sua primeira comunhão, talvez num momento de desespero de sua mãe. Neste dia crucial recebera uma tarefa de sua mãe.

Eu tinha doze anos. E ela também havia me pedido para desempenhar um papel absolutamente extraordinário, já que me dizia “Reze! Reze!” Era a véspera da minha primeira comunhão. Ora, mamãe à tarde me revelou que Jaqueline, sua filha querida, estava perdida. Ela me disse que, segundo os médicos, não havia nenhuma possibilidade de salvá-la e que só se curaria por um milagre. E ela achava que, se um milagre fosse possível, seria no dia da primeira comunhão de uma criança. (...) Portanto encarregou-me de rezar pela salvação de Jaqueline, “porque Deus Às vezes faz milagres quando a

⁴⁶ Dolto, F. *Enfances*. Pp.40

⁴⁷ Dolto, F. *Enfances*. Pp.121.

oração é feita por alguém de coração puro. E não se pode ser mais puro do que no dia da primeira comunhão".⁴⁸

Neste mesmo dia, perto do final do seu catecismo, o abade responsável pela formação religiosa dos pequenos e incumbido da preparação da cerimônia, lhe dera ainda outra obrigação para o momento em que fosse receber o corpo de cristo pela primeira vez.

"Aprendam de cor o Evangelho de São Mateus." Eu tinha decorado e aquilo me dava o que pensar. Não tinha falado com ninguém. E quando ele me perguntou: "Existe alguma coisa que você não entenda?", só havia uma coisa que eu não entendia: São Judas! Por que é que se tem tanta raiva de Judas e por que é que se diz que ele foi um traidor, quando sem ele a Paixão não teria podido acontecer, e Cristo mesmo lhe disse: "O que tem a fazer, faça-o" (...) Então era preciso montar todo um esquema para que Jesus comparecesse diante do Sinédrio e que enfim se descobrisse a verdade. Ele se achava muito esperto por ter inventado aquele estratagema, dizendo aos romanos: "Por trinta moedas eu o vendo a vocês." Assim Jesus iria falar com eles. O desespero é que isso não deu certo. Mas esse desespero era decorrente do fato de que ele havia arriscado tudo. E alguém que arrisca tudo por seu amor só pode ser um santo. (...) era a véspera da minha primeira comunhão (...) Então o abade - que se tornou monsenhor, mais tarde, e era babaca como poucos - vendo todo o rebuliço causado, disse: "Escute, ele se enforcou. Ora ninguém tem o direito de se enforcar, pois não fomos nós que nos fizemos nascer." (...) Depois ele acrescentou: "Só há uma coisa que eu quero pedir: amanhã, quando você receber Jesus - o dia em que se recebe Jesus pela primeira vez, é extraordinário, são muitas as graças que se podem receber - você vai rezar para que ele lhe conceda o dom de não pensar mais, porque quando você pensa não dá certo. Então vai pedir a Jesus para não pensar mais. Eu acreditei que era preciso não pensar, porque desde que eu comecei a pensar nunca dei uma dentro!"⁴⁹

E assim foi ela para a Igreja, carregando aquilo que me parece um peso enorme nos ombros: de um lado a responsabilidade pela cura da irmã e de outro o imperativo de nunca mais pensar. Duas tarefas impossíveis; absolutamente fora do seu alcance e que, não obstante, ela tomou para si com a carga de culpa que viria, inevitavelmente, atrelada ao fardo.

Quase quatro meses após o dia da primeira comunhão morre de Jacqueline, marcando uma virada na história familiar dos Murette, nas relações de Suzanne com sua filha e, assim, nos rumos da psicanalista que Françoise viria a ser.

Eu jamais teria me tornado psicanalista sem este luto perturbador para toda a economia familiar. Eu acredito que teria me tornado médica, de toda

⁴⁸ Dolto F. *Auto retrato...* Pp. 35

⁴⁹ Dolto F. *Auto retrato...* Pp. 21

maneira, porque desde a idade de 8 anos eu já queria isto, mas não creio que teria me tornado psicanalista se minha irmã não tivesse morrido e se eu não tivesse vivido o luto patológico da minha mãe, o sofrimento moral de meu pai, a dor de meu irmão mais velho Pierre, companheiro dois anos mais novo que Jacqueline e muito próximo dela.⁵⁰

Sendo a mesma observadora de sempre, guardando certa distância dos acontecimentos a sua volta, mas sem por isso deixar de se afetar por eles, Françoise acompanhou a dor daqueles que estavam à sua volta e teve a chance de testemunhar o quanto seu pai e sua mãe tomaram rumos diferentes ao enfrentar o luto de sua filha mais velha.

E de fato, eles foram muito felizes até a morte da minha irmã. A maneira de sofrer, diferente nos dois, é que foi terrível. Ele não conseguia deixar de falar na filha. Tudo o levava a falar dela e das boas lembranças de quando eram jovens. Quanto a ela, só o fato de ouvir alguém pronunciar o nome da filha bastava para fazê-la urrar como uma tigresa ferida. Era horrível. Então ela apanhava tudo o que estivesse ao alcance da mão, qualquer coisa, e quebrava: pratos, travessas etc. Ou atirava uma cadeira contra a janela e saía batendo as portas, como a louca do andar de baixo. Víamos nossa mãe enlouquecer de repente, porque papai tinha tido a infelicidade de dizer, à mesa: “Lembra-se, estávamos com Jacqueline...” Era terrível. E ele, depois, se sentia mal por ter deixado escapar o nome. Para ele, era um momento de consolo, pensar na filha, enquanto ela a tinha idealizado. (...) É estranho ver duas pessoas sofrendo de maneiras tão diferentes...⁵¹

Entre as diversas manifestações do seu sofrer, Suzanne passara a atribuir a Françoise a responsabilidade pela morte da irmã e fez cair sobre ela uma densa nuvem. Além de recusar-se a vê-la nos 15 dias seguintes ao falecimento, dizia explicitamente que era Françoise quem deveria ter morrido no lugar de Jacqueline. O drama contido neste relato desenha, por um lado, a dimensão da dor e o enlouquecimento de uma mãe, e por outro a capacidade fora do comum de uma menina que, transgredindo o mandato do abade no dia da primeira comunhão, fez da observação e da linguagem as suas tábuas de salvação.

Porque era apaixonada e agressiva. Ela dizia: "Eu sou má." É estranho hein? Falar assim. (...) Ela nos agredia porque agredia a si mesma o tempo todo. (...) e acho também que isso foi focalizado em mim porque minha irmã havia morrido e era eu, que me parecia com minha mãe, que deveria estar morta, segundo ela. Minha irmã era loura de olhos azuis, como o pai de minha mãe e deveria ter vivido porque, para minha mãe, era ela a filha do incesto.⁵²

⁵⁰ Dolto, F. *Enfances*. Pp.121.

⁵¹ Dolto F. *Auto retrato...* Pp. 64

⁵² Dolto, Françoise. *Auto-retrato....* Pp. 28

Marcas de diferenças físicas e personalidades distintas fizeram com que toda a indignação e raiva que poderia ser dirigida ao destino, fosse canalizada na direção da filha que estava viva. Alain Manier, ao entrevistar Dolto para o “Auto retrato...” vê neste jogo de posições um enredo que poderia levar Françoise na direção de uma psicose. Talvez isso fosse uma das possibilidades, mas cabe perguntar também o que permitiu que ela seguisse outro rumo. De algum modo, mesmo diante de ataques tão violentos vindos da própria mãe, e de sua relação peculiar com a linguagem, a menina pode seguir com sua própria vida.

Num dos polos há o pai que, em primeiro lugar, fala da filha morta. Henry simplesmente tenta colocar em palavras aquilo que suas memórias fazem com que veja nas situações cotidianas, todas banhadas pela falta da filha. O nome de Jacqueline é o que instila a loucura em Suzanne: um ataque a si mesma, projetado em Françoise.

De outro, parece haver na pequena menina uma capacidade de rememorar a Para me valer de uma noção doltoniana, poderia dizer que vemos um narcisismo de tal modo bem ancorado que resiste mesmo a uma tormenta desta magnitude. o sustentáculo que a mãe já havia sido permitiu que a menina se mantivesse inteira mesmo diante de um espelho estilhaçado.

Nos anos que se seguiram, Suzanne manteve uma espécie de altar com velas e fotos em homenagem à memória da filha em um canto do seu quarto, um armário com as suas roupas e objetos foi mantido intocado até que seguindo uma recomendação médica o casal Murette viesse a ter mais um bebê. Segundo Dolto, sua mãe esperava ansiosamente pela reencarnação de Jaqueline, a menina loira dos olhos azuis, tão amada e agora distante.

Foi quando eu tinha quinze anos que pude descobrir, com Jacques, como uma criança se desenvolve. E eu achava admirável uma inteligência de criança como aquela que fazia perguntas a respeito de tudo, questões que eu não sabia responder, e eu lhe dizia: ‘Eu não sei, mas vou procurar como te responder’ (...) ‘eu não sei, isto me interroga.’⁵³

Por ocasião do nascimento de Jacques, Françoise teve a oportunidade de acompanhar pela primeira vez, o crescimento e o desabrochar da inteligência de uma criança. Brincadeiras,

⁵³ Dolto, F. *Enfances*. Pp 122.

caminhadas e conversas com o pequeno irmão fizeram despertar, mais uma vez o interesse pela infância.

Nesta época, nós tocávamos juntos todas as noites e colocávamos seu berço no salão quando ele estava acordado. Se tocássemos uma nota errada, ele chorava. Era extraordinário! Uma nota errada, por menor que fosse, fazia chorar o bebê que havia acabado de nascer!⁵⁴

Neste tempo que se seguiu, enquanto a mãe expressava seus conflitos dirigindo a agressividade à filha, seu pai Henry, cumpria um papel crucial. Apresentava o mundo a Françoise: a ciência e a tecnologia de ponta eram representadas então pelo rádio, as ondas que chegavam pelo ar e permitiam criar um mundo para além das paredes da casa da família. Tal movimento paterno fizera parte das relações entre pai e filha desde antes da morte de Jacqueline, mas foi fundamental neste momento e, mais adiante, quando Françoise viria a perseguir seus estudos de medicina.

Nos jornaizinhos de radioamadores que eu comprava - um por semana - explicava-se como montar o aparelho; davam também o alfabeto e anunciavam as horas em que a torre Eiffel difundia exercícios para iniciantes, outros para nível médio e finalmente outros para os de nível mais adiantado. Quanto a mim, captava os exercícios para iniciantes que davam os sinais de Morse num ritmo lento. Tentava, então, compreendê-los. (...)

Ora, de qualquer forma era meu pai que estava na origem de meu interesse por tudo aquilo, porque, como antigo aluno da Politécnica, aquilo o interessava. E Eduard Branly havia dado uma conferência no Trocadero intitulada "Iniciação às ondas Marconi". Lembro-me muito bem daquele dia (eu devia ter uns sete ou oito anos) (...)

Pathé-Marconi, as ondas hertzianas, tudo aquilo entrava na relação que eu tinha com meu pai, assim como a ideia de que os seres humanos pudessem entrar em contato uns com os outros sem que isso passasse pela materialidade do fio.⁵⁵ (...) O curioso é que não me lembro dos comunicados de guerra na TSF⁵⁶

(...)

- *Não há só aspectos técnicos nisso!*

- Não, certamente... Havia meu pai nisso; havia a torre Eiffel, que era fábica. (...) Antes, era de bom-tom, numa família inteligente, dizer-se que era genial que se tivesse construído a Torre Eiffel, mas ela era tão feia que não deveria ter sido conservada depois da exposição. Tê-la feito para a exposição era o bastante para mostrar o gênio do construtor, mas tê-la deixado ali desfigurava Paris. Nós morávamos em frente a Torre Eiffel, podíamos vê-la de nossa janela (...) no momento em que eu montei meu aparelho de rádio não havia música.⁵⁷

⁵⁴ Dolto, F. *Enfances*. pp 126

⁵⁵ Dolto, Françoise. *Auto retrato...* . Pp. 29

⁵⁶ Dolto, Françoise. *Auto retrato...* Pp. 38.

⁵⁷ Dolto, Françoise. *Auto retrato...* Pp. 31

- *Mas o "sem-fio" a marcou assim mesmo.*

O "sem-fio" me marcou porque estava associado a meu pai, a ciência, ao novo, a Torre Eiffel, a hora certa. E engraçado isso da hora certa, porque ninguém nunca a sabia. Hoje em dia todo mundo tem a hora certa, mas isso não existia naquela época.

- *Você, que tinha um tal imaginário, conseguia fazer ideia de como funcionava o sem fio? Eram ondas que passeavam?*

- Sim, meu pai havia me dito que eram ondas. (...) Tudo, para mim, era representado imaginariamente. Eu era muito visual, e continuei assim, eu escutava e aquilo se desvanecia, depois voltava. Esse ritmo me dava uma imagem da imensidão dos espaços, quando até então as ondas só me haviam dado o tempo, sob a forma da hora certa.⁵⁸

É curioso imaginar um tempo, não tão distante, em que se podia dizer que a Torre Eiffel "desfigurava" Paris. Mais adiante, com o correr do tempo, a torre viria justamente a ser o elemento que define o horizonte parisiense, junto a uma série de outras mudanças nos costumes e meios de vida, das quais Françoise viria a ser uma encarnação.

A meus pais 'Mais tarde eu quero ter uma profissão!' E meus irmãos: 'O quê? Qual vai ser a sua profissão? – Pois bem, quero ser médica de educação'. Todo mundo morreu de rir. 'O que é isso? – Não sei, mas deve existir!' Disse então que os médicos não sabiam que as crianças podiam ser perturbadas por coisas que estavam dentro delas e que não eram micróbios. (...) 'Mas enfim [Françoise] onde é que você vai buscar essas ideias?' – disse então, com um ar magoado e em voz bem alta, quase que com uma ponta de desprezo por eles, pois sentia-me muito infeliz de pertencer a uma família que não me compreendia: 'Estou vendo que nasci cedo demais, num século velho demais'⁵⁹

O desejo de estudar medicina e trabalhar foi o motor de uma série de rupturas que se seguiriam no seio da família Murette. Após os estudos de enfermagem, Françoise havia ficado noiva de um jovem pertencente a uma família próxima, com quem começara uma relação motivada muito mais pela abertura que permitia do que por um interesse genuíno pelo jovem, uma relação de amizade que permitia que Françoise fosse a concertos, exposições, que fizesse passeios com as irmãs de D... Enfim, que tivesse uma vida social. No entanto, o contato com D. não de tal sorte para que o casamento fosse adiante. Após o noivado o rapaz passara a tentar apressar o casamento e a buscar demover Françoise da ideia de seguir os estudos de medicina.

Eu me entediava ao ficar sozinha com ele que chegava do trabalho cansado, no domingo, eu não sentia nenhuma atração física por ele, eu sentia uma

⁵⁸ Dolto, Françoise. *Auto retrato...* Pp. 37

⁵⁹ Dolto, Françoise. *Auto retrato...* Pp. 40

atração intelectual, mas suas declarações de amor, aquilo me lisongeara um pouco, talvez, mas me irritavam.⁶⁰

E. A medicina e Laforgue

Deste modo, Françoise decide-se por encerrar o relacionamento e seguir com seus estudos de medicina, que àquela altura já haviam se iniciado. Este passo desencadeia mais uma crise familiar, novamente tendo a mãe como pivô e o pai como uma espécie de mediador entre as duas em conflito. Após Suzanne tê-la expulsado de casa, Henry consegue costurar um arranjo para que mãe e filha pudessem ainda viver sob o mesmo teto, um arranjo frágil, a um custo alto.

Neste momento, por causa da culpa que senti, fiquei verdadeiramente esquizoide, dissociada. Estava no meu primeiro ano de medicina. (...) Eu, por duas ou três semanas não podia mais me concentrar, eu lia alguma coisa duas ou três vezes antes de compreender, enquanto antes eu tinha uma memória incrível, lia uma única vez e já compreendia. Sobretudo eu me sentia culpada, me sentia subjugada. Minha mãe não falava mais comigo, eu não podia mais fazer as refeições com ela, que saía da mesa se me visse, foi dramático que eu tenha rompido com este rapaz.⁶¹

Neste percurso, já frequentando a faculdade de medicina na mesma turma de seu irmão Philippe, Françoise conheceu Marc Schlumberger, com quem conversara a respeito da psicanálise e quem viria a indicar Laforgue como analista de Philippe. O irmão de Françoise tinha um problema com acnes e já demonstrava conflitos que advinham de sua convivência tão próxima com a irmã no ambiente da faculdade de medicina, incidentes que o levaram a buscar a análise com este que fora um dos pioneiros da psicanálise na França. Henry Murette buscou e sustentou o início deste tratamento, ainda considerado inovador, para ambos os filhos.

Pouco tempo depois, ao escutar Philippe contando o drama da separação de Françoise, Laforgue sugeriu que ela fosse o ver, tomando-a em análise.

Lembro-me muito bem das três primeiras sessões: não consegui dizer uma palavra. Só fazia soluçar no divã; sentada não deitada, no divã de Laforgue.

⁶⁰ Dolto, F. *Enfances*. Pp. 99

⁶¹ Dolto, F. *Enfances*. Pp 104.

Mas aquilo já me fez tão bem! Eu estava extraordinariamente aliviada. Não tinha a menor ideia do que fosse a psicanálise: ‘Você vai dizer tudo o que pensar’, dissera ele. Mas já me fizera tão bem chorar sem dizer nada durante três sessões que comecei a dormir muito melhor, então decidi continuar.⁶² (...) O erro de Laforgue foi aceitar em análise também a mim, que era irmã de Philippe, em vez de encaminhar para algum outro. É pena porque Philippe pagou por isso com uma primo-infecção gravíssima. (...) embora estivesse feliz conscientemente; mas no seu inconsciente, aquela moça quatro anos mais velha do que ele lhe tomava o lugar.⁶³

No entanto a melhora conduzida pelo tratamento psicanalítico só fez recrudescer os conflitos familiares. O que Suzanne esperava era que Laforgue levasse Françoise a abandonar os estudos de medicina e retomar o caminho do casamento com D., justamente o oposto do desejo de Françoise e do rumo que a jovem conseguia pouco a pouco retomar.

E algum tempo depois, estourou um novo drama com minha mãe: desta vez porque eu continuava a análise. Ela obrigou meu pai, então, a cortar o dinheiro. Ele me preveniu: ‘Não posso mais pagar para você. Não é possível que meu casamento se desfaça por causa dos maus filhos. Fico com sua mãe, e vocês que vão ceder, mas não eu!’ Foi muito bom que ele falasse assim; foi bem claro. Então eu disse a Laforgue: ‘Não vai ser mais possível continuar; meu pai não vai mais pagar para mim, e eu ainda não ganho nada.’⁶⁴

Deste modo, Laforgue passara a cobrar metade do preço das sessões de Françoise, enquanto ela fazia curativos, dava injeções e substituía plantonistas como meio para pagá-lo e subsistir. Com a nova crise nas relações com a mãe, tivera que deixar a casa da família e instalar-se num pequeno apartamento, custeado por seu pai, e onde pudesse seguir sua vida longe dos olhos maternos.

Eu não guardo nenhum rancor da minha vida de criança, nenhum, nenhum da minha juventude difícil, ao contrário. Eu acredito que de um lado eu fui muito infeliz, não gostaria jamais de reviver minha vida entre os doze anos e os trinta; mas eu creio que ela foi uma escola extraordinária para compreender as diferenças, as incompreensões entre os seres que mais se amam, que teriam tudo para se amar se eles pudessem se compreender, se respeitar tal como eles são, mas que não podem por razões complexas...⁶⁵

⁶² Dolto, F. *Auto retrato...* Pp. 97

⁶³ Dolto, F. *Auto retrato...* Pp. 100.

⁶⁴ Dolto, F. *Auto retrato...* Pp. 98.

⁶⁵ Dolto, F. *Enfances.* Pp 118.

F. Enfim, a Psicanálise.

Sendo a chegada da psicanálise à França um fato ainda relativamente recente, e o tratamento de crianças ainda um terreno a ser desbravado, Dolto inicia seu trabalho com poucas referências a quem seguir, tendo o referencial teórico freudiano em suas mãos, passou a receber crianças e a trilhar um caminho bastante próprio de atendimentos e teorização.

Às vésperas da guerra, portanto, ela lança as bases de um método psicanalítico de terapia infantil centrada na escuta do inconsciente e liberta da visada psiquiátrica. Querendo ser médica da educação, Françoise Marette é, a um só tempo, mais pedagoga do que Melanie Klein e menos conformista do que Anna Freud. Ela não pensa o campo da psicanálise infantil na categoria de uma moral educativa, mas inclui a posição parental no tratamento. Dirigindo-se de improviso a um grande público, emprega um vocabulário concreto sem ceder à vulgarização. Acima de tudo ela ‘inventa’ uma prática que não decorre de um a priori teórico. Abandona o método do jogo e trata de separar o vínculo sugestivo da relação transferencial que deve servir para transpor para a realidade o método terapêutico. Além disso utiliza as mesmas palavras que a criança, sem fazer uma interpretação direta dos desenhos.⁶⁶

Em suas palavras:

Eu fui lançada na psicanálise por meu psicanalista, o que eu queria era permanecer como pediatra, uma pediatra que compreende a psicologia das crianças. (...) eu sentia que tinha um dever, e Laforgue me disse “Você não se dá conta de que é muito dotada para a psicanálise e que nos faltam psicanalistas. Você deveria seguir a formação até o fim então fazer supervisões.” E foi assim que, em 1934 minha própria análise terminou, eu comecei a seguir os seminários do Instituto e tomei alguns adultos em análise⁶⁷.

Externa em 1934 no serviço do professor Heuyer, Françoise passa o internato, a conselho dele, nos hospitais psiquiátricos. Um dia, Pichon lhe propõe que venha trabalhar com Odette Codet no hospital Bretonneau. Sob sua orientação ela defende uma tese magnífica de medicina, Psicanálise e Pediatria, cujo aspecto inovador não é compreendido naquele momento. A tese será reeditada por conta da autora diversas vezes durante trinta anos, antes de ser publicada, graças a Paul Flamand, na editora Seuil em 1971. Depois da morte de Pichon, Françoise Marette se encarrega de um serviço de atendimento no hospital Trousseau, onde faz maravilhas. Em 1938 descobre a obra de Lacan, ao ler ‘Os complexos Familiares’. Mais tarde, segue o curso dele no Saite-Anne e logo se torna sua amiga, e não uma aluna. Se Lacan é o artífice de uma nova implantação do freudismo na França, Dolto é a fundadora de uma nova apreensão da psicanálise infantil, centrada, não no estudo a priori das psicoses, mas no da psicopatologia da vida cotidiana.

⁶⁶ *História da psicanálise na França – A batalha dos cem anos – volume 2: 1925-1985*, p 173

⁶⁷ Dolto, F. *Enfances*. Pp 116.

Antes de seus ensinamentos, esse campo fora representado na França por Eugénie Sokolnicka e Sophie Morgenstern, ambas suicidas.⁶⁸

2. A segunda guerra mundial

Chegamos ao ano de 1939, aquele que marca uma divisão importante nos rumos da Europa e do mundo, na história da psicanálise, e na vida de Françoise Murette, que logo viria a se tornar Françoise Dolto, nome com o qual ficou conhecida posteriormente. A eclosão da segunda guerra mundial promoveu um novo fluxo de pessoas ao redor do globo. Fugindo do conflito, seres humanos das mais diversas origens, em especial os judeus que tiveram esta chance, se dispersaram pelo globo, marcando a história de muitos países e campos de atuação, entre eles a psicanálise, entre os psicanalistas: Dolto.

Além do conflito de proporções, a morte de Freud marca um novo destino para a disciplina psicanalítica. A partir do momento em que o pai da psicanálise recebeu a injeção de seu médico, os psicanalistas daí em diante se relacionariam com sua obra, e não mais com uma figura. Com todo o seu carisma e o peso de quem havia marcado a história do pensamento ocidental, era inevitável que a pessoa de Freud polarizasse muitas das discussões teóricas e desenvolvimentos da política psicanalítica. Com sua morte, concomitante ao início da segunda grande guerra, ocorre uma dispersão da psicanálise pelo globo. Daí em diante, ela passa a estar submetida a pressões de diferentes ordens, que determinarão o desenvolvimento das diversas correntes de pensamento e permitirão uma apreensão local.

Estas pressões (de ordem clínica, política ou cultural) permitiram que a psicanálise absorvesse identidades regionais, de modo que logo se possa falar em uma psicanálise francesa, numa psicanálise inglesa ou norte americana e, mais adiante, numa psicanálise latino americana. Neste ponto da História, estão em jogo aquilo que Mezan chama de *clima cultural*, mas também as *matrizes clínicas* e as *diferentes leituras da obra de Freud*, pontos de origem das diversas escolas de psicanálise que entrarão num debate feroz nas décadas seguintes.

Este é o cenário em que Françoise Dolto, ainda conhecida como “A pequena Murette” irá desenvolver seu trabalho: seu pensamento, sua clínica e seu papel de cidadã. Ela

⁶⁸ Dolto, F. *Enfances*. Pp 174.

surge, como pediatra e psicanalista neste limite encarnado pelo ano de 1939. Registra seu diploma de medicina no exato dia da defesa de sua tese “Psicanálise e Pediatria” algumas horas antes que o serviço burocrático fechasse as portas. Por uma questão de horas não poderia ter exercido a medicina pelos próximos seis anos. Seu sentimento de urgência de exercer a medicina foi determinante nos rumos que poderia tomar dali em diante. Foi admitida como membro efetivo da SPP na última reunião, antes que fossem suspensas as atividades ao longo dos anos seguintes.

São as diferentes formas pelas quais os grandes movimentos históricos produzem marcas no corpo. Me arriscaria a dizer que esta foi a maior preocupação de Dolto ao longo de toda a sua atuação: de algum modo ela procurava compreender as diversas maneiras pelas quais a História se faz manifestar no corpo.

Assim, naquele 3 de setembro de 1939, ia encontrar-me para almoçar com uma amiga que tinha sido minha interna, num dos meus estúdios. (...) Cheguei à praça Duroc no momento em que todos os sinos de igrejas começavam a tocar em sinal de alarme. Além dos sinos, ouvi uma barulheira tremenda: era a declaração de guerra, que se anunciava desde a noite da véspera. Só se falava disso em todas as estações de rádio. Foi então que vi as cenas de loucura naquela praça Duroc e pensei: ‘A psicanálise está certa!’ As pessoas que se encontravam ali, naquele momento, em companhia de alguma outra, se aglutinavam, as cabeças curvadas, silenciosas, em torno de um jornal. Os que estavam sós procuravam um outro, ou, se não procuravam outro, punham-se a gritar, principalmente as mulheres. Assim, uma gritava, depois de ter jogado a bolsa longe: ‘Os ulanos! Os ulanos estão chegando! Papai!’ Um senhor, ao lado dela, tentava acalmá-la: ‘Não madame! Não estamos mais em 1914! Não vai ser igual! Estamos em 1939!’ Ela lhe dava tapas, pouco se importando com o que dizia: ‘Foram vocês que mataram meu pai!’ (...) Enfim, era uma espécie de loucura espumante, um edema agudo de pulmão da rua.

Então chego a Laennec e vejo minha amiga interna. (...) Ela estava no serviço de atendimento a mulheres. ‘Deram entrada duzentas delirantes, nas últimas duas horas.’ Eu lhe respondo: ‘DE fato, vi gente delirando na rua’ (...) Então fiquei um pouco para ajudar. As mulheres eram despidas, depois vestidas, depois tomavam uma injeção de calmante e eram colocadas em leitos pelas enfermeiras. Tentava-se descobrir seus endereços. Estávamos completamente imersos naquele mar de loucos. (...) À noite telefonei para Mimi, minha amiga: ‘Como ficaram as coisas?’ ‘Oh, tudo se acalmou. Há uma enfermeira maravilhosa (que eu mesma já conhecia), que foi extraordinária. Ela deu café com leite e pão com manteiga para todo mundo. E dizia: ‘Olhe aqui o seu pãozinho, seu mingau... Quer mingau?’

Dava coisas de bebês para as mulheres, ao mesmo tempo em que lhes falava com suavidade. Na manhã seguinte, depois que a maioria dormira bem, reencontraram seus endereços e seus pertences⁶⁹.

⁶⁹ Dolto, F. *Auto Retrato...* Pp. 110.

Testemunhos de uma psicanalista que, de fato habitava sua cidade e seu tempo.

Refletindo sobre o que foram, para ela, os anos de guerra, evoca sempre o suicídio, à chegada dos Alemães em 1940, de Sophie Morgenstern, a quem ela reconhece como a primeira psicanalista na França a ter conseguido escutar as crianças e sua mestre na interpretação dos desenhos infantis. É o momento a partir do qual ela é tomada pelo agravamento e o recrudescimento dos problemas infantis, expressões da aflição humana na infância, que se tornaram sua preocupação maior, diante da qual buscava todos os meios para enfrentar.⁷⁰

Já se anuncia aqui algo que ela ira levar adiante alguns anos depois, em seus programas de rádio, com a formulação da proposta das Maisons Vertes e sua aproximação com diversas esferas da sociedade: a psicanálise tem algo a dizer e pode intervir junto à esfera pública também. Para além das paredes dos consultórios, da delimitação discursiva da clínica, e mesmo das discussões acadêmicas, Dolto fez a psicanálise circular pela cidade. À época sua postura foi muito criticada nos círculos psicanalíticos, por promover uma suposta vulgarização do saber. Ela, no entanto, se arriscava.

Na esfera pessoal, o tempo da segunda guerra marcou o encontro de Françoise e Boris, que se conheceram em 1941, casaram-se no ano seguinte e tiveram seu primeiro filho em 1943. Jean foi o primeiro dos três filhos do casal, logo viriam Gregoire e Catherine, crianças de quem o leitor pode se aproximar no artigo intitulado “*A dinâmica das pulsões e as chamadas reações de ciúme quando do nascimento de um irmão mais novo*” no qual Dolto relata as intercorrências familiares quando do nascimento dos filhos mais novos. Há ali um detalhe simpático e revelador, os apelidos das crianças vêm aos ouvidos do leitor: Gregoire é Gricha e Catherine, Katinka, cenas familiares com um leve sotaque russo, marcas do pai estrangeiro.

Ao longo dos anos de guerra, manteve seus atendimentos no Hospital Trousseau, efetuou ‘visitas sanitárias’ às crianças refugiadas nos arredores de Paris e participou da criação de um espaço de atendimento “psicopediátrico” sob a responsabilidade da prefeitura de Suresnes, na periferia parisiense, interrompido e logo retomado em 1945.

⁷⁰ Djéribi-Valentin, M. Prefácio de *Françoise Dolto – Une vie de correspondances. Vol 2 1938-1988*. pp. XII

Passos de uma profissional que assumia a ‘linha de frente’ dos atendimentos à infância naquele momento de crise. De certo modo ela teve a oportunidade de observar de perto os impactos de um conflito e o modo como este se expressava nas crianças sujeitas às intempéries.

Mas para além do seu percurso pessoal, tal inserção marca a consolidação da psicanálise no solo francês e a legitimação desta abordagem - em suas diferentes materializações - como uma estratégia de atenção à infância.

Nos anos seguintes o movimento psicanalítico viria a sofrer abalos e fraturas que marcariam sua história dali em diante, um enredo marcado por rupturas e conflitos políticos no interior das instituições psicanalíticas, mas do qual não pretendo me ocupar em detalhes aqui, esta é mais uma escolha no percurso deste texto.

Em “A História da psicanálise na França” de Elisabeth Roudinesco podemos acompanhar de perto as reviravoltas que o movimento psicanalítico francês sofreu nas décadas que se seguiram à segunda guerra mundial. São episódios de suma importância para os destinos da disciplina, não só na França, mas com ecos que se espalharam pelo mundo e nos quais Françoise Dolto ocupou um lugar de bastante destaque, assumindo suas escolhas e posicionando-se claramente, como era inevitável, a cada momento decisivo.

3. Seu papel no movimento psicanalítico, uma psicanálise no mundo.

A partir de 1945, a história da implantação do freudismo é uma questão resolvida. O historiador troca o terreno da grande aventura dos pioneiros pelo outro, menos heroico, da gestão de conflitos.⁷¹

Ao rememorar os episódios em que as reviravoltas políticas ocupavam o centro da psicanálise na França, já depurados pelo passar dos anos e por uma vida de trabalho, ela deixa a sua posição clara quando é questionada a respeito da implicação e das motivações dos analistas envolvidos nas contendas:

⁷¹ Roudinesco E. *História da psicanálise na França – A batalha dos cem anos – volume 2: 1925-1985*. pp 182.

E, portanto, [Lebovici] poderia ter uma rivalidade imaginária com você, mas e Lagache?

- Não! Sim, talvez, nunca se sabe... Eu não sei, mas devo dizer que isso foi providencial, porque isso realmente me prestou um serviço! Senão eu teria continuado a ir àqueles congressos insípidos...

Podemos dizer que Dolto esteve ao lado de Lacan em todos os momentos decisivos: em 1953 ambos decidiram romper com a SPP e participaram da criação da SFP. Pouco depois foram repreendidos pela IPA, sob a forma de uma comissão de avaliação de conduta, e viram-se impossibilitados de permanecer filiados ao órgão internacional. Em 1964 participaram juntos de criação da Escola Freudiana de Paris, novamente lado a lado, só vindo a discordar no ano de 1980, ano da dissolução da EFP.

[Lacan] fala informalmente com Freud, fala de igual para igual com Platão e, com os algoritmos, as figuras e deslizamentos de seus quatro discursos, espera poder passar como o Aristóteles da psicanálise por muito tempo. Dolto não tem esta ambição, mas é a única que se dirige informalmente a Lacan, quem, como é sabido, não encontrará interlocutores à altura.⁷²

Sua franqueza a cada passo - em cada tomada de decisão - impressionam, e suas cartas dão testemunhos disso: mesmo quando decide romper com o caminho de Lacan, não rompe com ele pessoalmente. Mantém-se respeitosa e manifesta publicamente sua admiração pela figura do companheiro e até mesmo pela decisão de extinguir a EFP. De certo modo, podemos dizer que mesmo este ato de discordância cordial é tomado na direção de permanecer fiel ao Lacan analista.

Aos membros da EFP,

Domingo 23 de março de 1980 – Lutécia.

Porque eu represento o conselho de administração.

Porque eu não votarei pela dissolução.

Lacan fundou sua escola para formar psicanalistas, dizia ele. Sua retirada em janeiro de 1980 me pareceu –e me parece ainda – um ato de coragem pessoal, o ato de um analista que segue sempre se analisando e que não via outro resultado àquilo que sentia como uma falta. (...) A saída de Lacan é um benefício para ele. Seu “eu dissolvo a Escola” é um desejo próprio e, se assim o respondemos na realidade, significaria que abandonamos a continuação de sua obra inscrita nesta realidade, aquela de nossa história pessoal, aquela de nosso tempo e aquela da psicanálise viva...

⁷² Sauverzac, J-F. Françoise Dolto, itinerário de una psicoanalista. Pp 12.

A relação entre eles tivera início muitos anos antes, quando Dolto iniciara sua formação e Lacan já era uma figura proeminente.

Via-os sempre juntos e sempre, sempre conversando um com o outro. Era: Lagache-e-Lacan. Os jovens, dos quais eu fazia parte, não sabiam qual era Lagache e qual era Lacan. Eles eram os chatos que impediam os outros de ouvir as conferências, de tanto que falavam. Então, de vez em quando, faziam “psiu” para eles. Nós, os jovens, ficávamos atrás; e Lacan se voltava para nós com um olhar tenebroso e vingativo, porque lhe haviam pedido para se calar.⁷³

Pouco depois, já nas primeiras aproximações entre eles vemos manifestar-se o interesse fundamental de Dolto pela clínica e pelas suas consequências. Aquilo que irá guiá-la por todos os anos que se seguiriam; um interesse pelos efeitos, muito mais do que pelas justificativas ou pela fundamentação teórica:

E você nunca foi muito amiga de Lacan?

Não! Mas apreciei muito as pessoas que eram analisadas por Lacan, porque ficavam, rapidamente, em pé de igualdade com as crianças. Foi isso que me surpreendeu, completamente. E nenhum analisado de Lagache, de Bouvet, de Nacht etc., era capaz disso. Eram bloqueados em comportamentos.

Foi mais esse aspecto que a atraiu nele, os efeitos terapêuticos, os efeitos clínicos, do que seus desenvolvimentos teóricos.

Sim! E foi por isso que quando ele fundou sua escola eu achei que seria bom estar lá. Eu não acompanhava de jeito nenhum suas aulas, nem o que ele ensinava. Achei que era preferível não ficar inteiramente só. É muito difícil, com efeito, ficar só quando se é analista: é preciso poder comunicar-se, falar com os outros. É um trabalho que mexe demais com o narcisismo, positivo ou negativo, quando se está só. É preciso trocar ideias, ver os outros, trabalhar com a mesma consciência, mas de uma maneira diferente. Isso é muito importante.

Por essa razão, ainda que ela tenha desempenhado um papel importante nestes momentos de conflito dentro das instituições, não me parece que é aí que se situa a maior de suas contribuições para a psicanálise e, mais ainda para o terreno das discussões em torno da infância, dos cuidados e políticas dirigidos a ela. Novamente ela se encontrava na linha de frente dos atendimentos às crianças, era dali que se interrogava, como durante a segunda guerra:

Quando as crianças ouvem que seus pais foram feitos prisioneiros, os meninos todos faziam xixi na cama, já sendo continentes, com 8, 9, 10,11 anos! Isso me interessou: justamente se explica pela imagem inconsciente do

⁷³ Dolto F. *Auto Retrato...* Pp. 119.

corpo. Cai sobre a imagem pré-genital uma imagem excremental, para não tomar o lugar do pai que não está lá. Ao mesmo tempo que o menino fazia xixi na cama, a menina voltava a chupar o dedo e a mãe se tornava amenorreica! Os consultórios ginecológicos só tinham casos de amenorreia. (...) Todos estes efeitos no corpo (...) isso tinha que fazer um psicanalista pensar.⁷⁴

Isso a colocava a pensar, sim, mas também fazia com que se pusesse a agir. E nessa direção criou espaços de atendimento, lugares para a formação de novos analistas, ocupou o rádio... Enfim, seguiu seu percurso de médica da educação e assumindo uma posição ativa de cidadã responsável, inscreveu sua voz na história da psicanálise.

A. A voz da psicanálise francesa.

Em 1976, já com uma carreira estabelecida, tendo atendido um sem-número de pacientes e suas famílias e já empenhada em transmitir seu saber, acabou por encontrar mais um convite, outro desafio que se punha à sua frente.

Assim, numa tarde do começo de Setembro, fui ao grande edifício da Rádio France encontrar esses senhores, refletir com eles e, pouco a pouco, deixar-me ganhar para a causa deles.

Sim, era verdade, havia algo a ser feito pela infância. Muitos pedidos por parte do público. Como responder de maneira eficaz sem prejudicar, sem doutrinar e, usando essa audiência, fazer algo por aqueles que são o futuro de uma sociedade que nunca os ouve? (...) É claro que não se devia esperar muito desse tipo de programa; contudo, seria isso razão para recusar? É claro que, diga-se o que for, isso provocaria muitas contestações; contudo, seria isso razão para não tentar?

Enfim ela aceitou o convite e se colocou a trabalhar na proposta, o resultado pode ser ouvido e foi publicado em sua forma impressa, em português com o nome de “Quando os filhos precisam dos pais”. Lá encontramos repostas a questionamentos das naturezas mais diversas, encaminhados em diversas direções: por vezes identificamos a figura da pediatra, noutras uma psicanalista que reconhece os limites daquele espaço e sugere encaminhamentos a atendimentos, e há mesmo os momentos em que tece considerações mais psicanalíticas a respeito do que ouve.

⁷⁴ “*Tu a choisi de naître*” documentário realizado por Elisabeth Coronel et Arnaud de Mezamat.

Faz isso, no entanto, com sutileza e simplicidade nas palavras, sem deixar de lado o rigor no raciocínio clínico: assim como faz com as crianças que recebe em análise, vale-se das mesmas palavras dos ouvintes para tecer seus comentários. Conhecendo seu pensamento é possível identificar, nas entrelinhas do que diz, a imagem inconsciente do corpo, as castrações simbologênicas e sua concepção do narcisismo, apenas para citar alguns exemplos.

O que animava a aceitação desta empreitada era a aposta nos diferentes efeitos de linguagem que se entrecruzavam nas transmissões: havia o desejo, da parte daqueles que escreviam a carta, de se comunicar, depois disso, o trabalho de dar ao desejo de comunicação uma forma escrita. A leitura, no ar, de trechos das cartas e o esforço por parte de Dolto de promover algumas generalizações possíveis a respeito das questões levantadas poderia fazer com que sua fala tivesse efeitos para além daquele que escreve, por meio de alguma espécie de identificação.

São múltiplas implicações relativas ao campo da linguagem, que lhe renderam críticas por parte de alguns psicanalistas à época, mas que fizeram com que esta experiência tivesse ecos mesmo décadas depois, sob a forma das gravações e das edições impressas e que são um rico material para quem trabalha com os pequenos, muito mais do que um algo que sacia uma curiosidade histórica.

As quartas-feiras eram um dia especial do programa, onde o espaço era dedicado às cartas escritas pelas próprias crianças. A seguir, num trecho em que ela responde a uma destas cartas, podemos identificar a singularidade do seu olhar e de sua escuta. Marcas de uma psicanalista para quem o desejo de comunicação estava naturalmente em primeiro plano. Uma resposta inusitada e surpreendente, corajosa.

Uma carta muito importante, agora, uma carta toda vermelha, que vem de um pequeno David.

Ele tem oito anos e é judoca. Pergunta-me como fazer para ficar musculoso, porque tem um amigo que bate nele. E, pelo que entendi, esse amigo deve bater mais forte do que ele. Então eu me pergunto, David... Quando a gente faz judô sabe passar rasteira. E seu amigo, que é mais musculoso que você, talvez não seja judoca. Se também for, é grave. Mas talvez você possa conseguir uma faixa superior mais rápido que ele. Em todo caso, o que vejo na sua letra é que ela desce sobre um papel todo vermelho. Você deve estar com muita raiva dele e se sentir tímido na frente dele. Em primeiro lugar, precisa olhar para ele com os olhos brilhantes, brilhantes como a raiva. Isso já vai impressioná-lo. Depois, talvez você pudesse perguntar para o seu pai,

ou para um irmão maior, ou para um tio, como é que se faz para dar socos incríveis quando a gente aparentemente não é tão forte. Porque existe um jeito de dar socos!

Sobretudo no Judô, acho.

Não, no judô não se dão socos. São socos destinados a um colega que bate nele, não no judô; portanto é preciso aprender a dar uma sequência de socos, que não são muito fortes mas doem muito. Só os homens sabem ensinar a dar socos assim. Você tem de dar socos que vão decrescendo, que são como um monte de bolas grandes caindo em cima do cara. E ele... bum, bum... Tem de aprender. Você certamente tem amigos fortes que o ensinarão. Primeiro a rasteira, depois, os socos de menino.

Você realmente tem uma infinidade de recursos, Françoise Dolto! Em todo caso, acho que o pequeno David deve estar satisfeito com a resposta.

E o amigo dele vai gostar ainda mais dele depois disso.

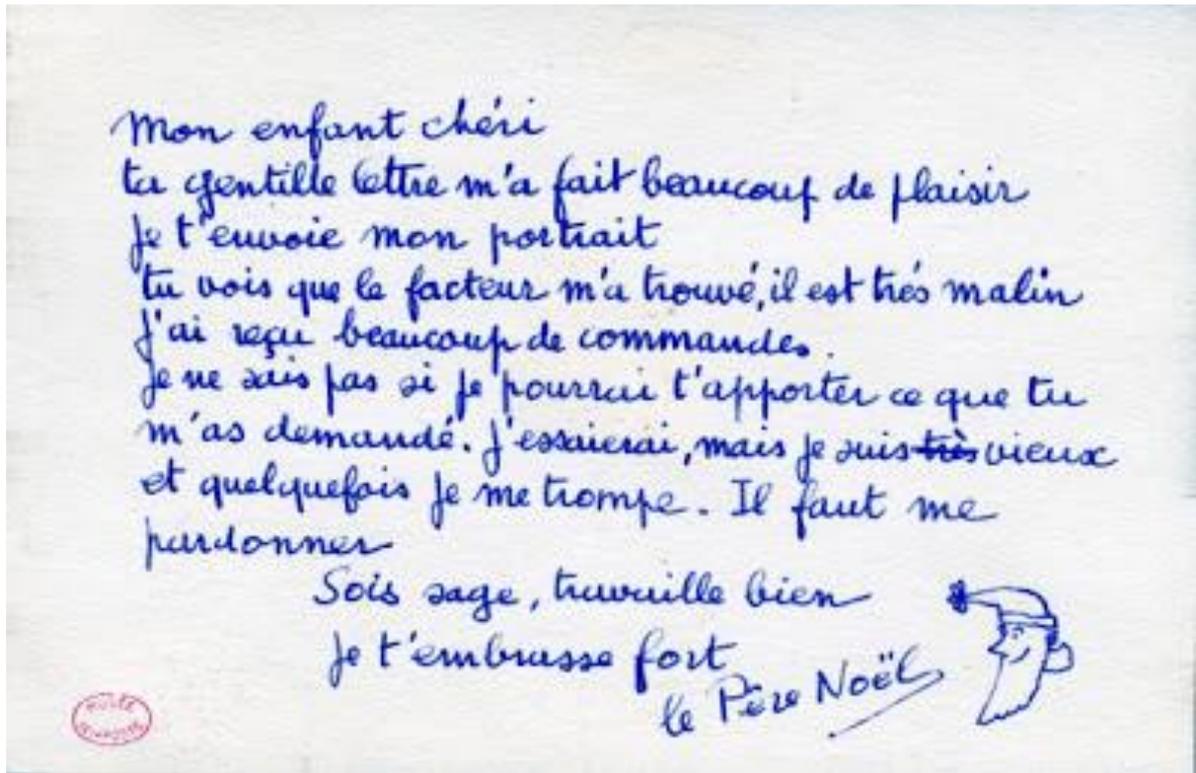
Você acha?

Tenho certeza. Quando um amigo bate em outro... Com as meninas, aliás, é parecido: quando um menino bate nelas, isso prova que está interessado nela. Então, tem de responder! Senão, quando a gente não responde... Eu lhe respondi hoje, não é? Ele também tem de responder ao outro.

Ao final, o importante é que haja uma resposta. Antes que surgisse o programa, havia um pedido dos ouvintes. Era preciso, mais do que qualquer outra coisa, responder.

Assim foi também quando respondeu a outro pedido inusitado alguns anos antes, em 1962. Durante o governo de Charles de Gaulle, o irmão mais novo de Dolto, Jacques Marrete (aquele com quem Françoise vira surgir a inteligência de uma criança pela primeira vez) foi nomeado ministro dos Correios e das Telecomunicações, e convidou Dolto para escrever a primeira carta do Papai Noel expedida pelos correios. Até hoje os correios franceses endereçam uma carta em resposta a todos os que escrevem para o Papai Noel na ocasião do natal. Afinal, se as crianças lhe escreviam, mereciam uma resposta.⁷⁵

⁷⁵ Agradeço o Prof. Leandro de Lajonquière por ter contado esta curiosidade durante um jantar para os brasileiros presentes ao congresso ao qual me referi anteriormente, num simpático restaurante situado na praça Jacques Marettte, feliz coincidência.



B. A Maison Verte, maisons vertes.

A criação da Maison Verte em 1979 marcou um passo importante na ocupação do espaço público promovida pela psicanalista. Um dispositivo público animado pelas concepções de Dolto acerca da prevenção dos problemas de desenvolvimento infantis e que se sustenta sobre algumas de suas formulações.

O dispositivo implementado na *Maison Verte* articula-se em torno de dois conceitos principais: laço social e subjetivação. Pretende-se ofertar um lugar intermediário entre a vida familiar e o espaço coletivo, que favoreça a relação precoce pais-crianças-sociedade, sem contudo identificar-se à obrigação de socialização precoce recomendada pela civilização ocidental (This, 2007). Sustenta-se na possibilidade, criada por Dolto, de uma utilização social da psicanálise, baseada em sua ideia de prevenção desta psicanalista, implicada tanto nas suas transmissões de rádio quanto na *Maison Verte*⁷⁶.

⁷⁶ Teperman, D.W. *Família, Parentalidade e época. Um estudo psicanalítico*. pp. 155.

Uma casa, uma espécie de praça, onde crianças e seus pais podem conviver. Com algumas regras claras e simples que configuram o espaço como público e distinto das dinâmicas próprias de cada família. Com a intenção de que seja um espaço intermediário de socialização antes que as crianças entrem na escola e assim possam fazer esta passagem de um modo menos traumático.

Há um lugar demarcado para a brincadeira com os triciclos e aventais que devem ser usados quando se vai brincar com água, além disso, uma lousa onde se anota o primeiro nome de cada criança que chega. Sem prontuários, sem registros, sem ‘atendimentos’, um espaço de encontros e trocas onde psicanalistas ocupam o cenário sem que isto se configure como uma modalidade terapêutica no sentido estrito do termo.

Por trás desta formulação vemos a aposta no encontro entre as crianças, uma aposta no encontro entre os familiares que as acompanham, e naquilo que se configura diante de um espaço público. Um lugar onde aquela voz familiar da mãe ou de quem usualmente acompanha a criança possa ser ouvida contra outro fundo e também dirigida a outras pessoas, marcas de sua concepção própria do narcisismo e da própria concepção da imagem inconsciente do corpo.

Do ponto de vista estrutural, vemos uma preocupação em que a psicanálise possa se fazer presente de modo a evitar as repetições, a hierarquização do saber e o a imobilidade a que toda instituição pode estar sujeita.

A atualidade deste dispositivo parece residir na possibilidade de fazer frente ao que se configura como um mal-estar na família neste momento quando, de fato, o que se passa é a família vir sendo soterrada por convicções disseminadas pelo discurso da ciência, que converte o impossível da educação em impotência parental e, no mesmo movimento, promete certezas e ausências de riscos no desempenho de uma suposta competência parental. A *Maison Verte* faz resistência à avaliação, à normalização e ao discurso homogeneizante e assexuado da parentalidade, instituindo-se na singularidade e na inventividade do encontro com cada família.⁷⁷

Tal proposta inspirou a criação de instituições semelhantes pela França e até mesmo em outros lugares do mundo, mas manteve-se fiel até mesmo à proposta de não ser uma instituição-modelo, não oferece uma formação ou supervisões às outras *Maisons Vertes*, cada

⁷⁷ Tepperman, D. W. *Família, parentalidade e época – um estudo psicanalítico*. Pp.163.

uma deve ser sustentada pelo compromisso daqueles que a criaram localmente, buscando suas próprias respostas e caminhos.⁷⁸

Era mais um passo na direção de ser a “médica da educação” que tanto desejava: da enfermagem, através da medicina e da pediatria até a psicanálise. Agora Dolto passara a intervir em outro nível, ‘tratava’ então dos espaços públicos, sempre na direção do cuidado com a infância.

⁷⁸ Há hoje, em Paris, uma instituição de acolhimento para familiares, bebês e gestantes, também inspirada nas propostas de Dolto e chamada “Ilot Bébés”, além de instituições na Bélgica, Rússia, Suíça e no Brasil, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. Todas elas atestam a fecundidade da proposta de Dolto e dão testemunhos de que a psicanálise pode ocupar um lugar, mesmo em cidades tão diferentes. Obviamente cada uma destas instituições adquire configurações próprias a partir dos problemas e soluções encontrados localmente.

2 – SITUANDO UM CONCEITO FUNDAMENTAL: imagem inconsciente do corpo

1. Um olhar para a história da psicanálise.

Renato Mezan, em “O Tronco e os Ramos” apresenta uma rica visão da história da psicanálise em que se vale da metáfora oferecida pelo crescimento de uma árvore para representar as relações entre os diversos autores e o desenvolvimento da disciplina psicanalítica. Segundo ele, cada escola de psicanálise - e mesmo cada autor, com sua obra – são fruto, da influência de três fatores principais, a saber: (1) um determinado recorte da obra de Freud, (2) uma matriz clínica sobre a qual se desenvolveu e (3) o ambiente cultural em que dado pensamento floresceu.⁷⁹ Trata-se de uma visão que supera as querelas entre as escolas que em certo momento buscaram o lugar de verdadeiras herdeiras do pensamento freudiano e organiza em outros termos os desenvolvimentos da nossa disciplina.

Para fixar o vocabulário, designarei como disciplina a psicanálise em geral; dentro desta disciplina, convivem ao menos dois paradigmas (o pulsional e o objetal): cada um deles oferece um quadro genérico de referência, prescrevendo e proscrevendo opções determinadas quanto ao conjunto de problemas pertencentes à disciplina. No interior de cada paradigma, seria apropriado falar em modelos: o modelo freudiano, o modelo kleiniano, etc. (...) Em suma: “paradigma” não designaria a concepção específica de nenhum autor, mas uma problemática, que comporta diferentes possibilidades de modelização. Por fim, emprego o termo “teoria” para referir-me a construções regionais dentro de um modelo: teoria da angústia, teoria da libido, teoria da sexualidade feminina, etc.⁸⁰

Obviamente não seria possível dispensar uma organização cronológica do desenvolvimento da disciplina psicanalítica, afinal as coisas transcorrem no tempo. Além de extremamente útil didaticamente, esta cronologia apoia uma compreensão da dispersão geográfica da psicanálise pelo mundo ao longo dos anos, justamente aquilo que permitirá uma apreensão local do saber psicanalítico e que nos aproxima da compreensão das características das psicanálises ‘francesa’, ‘inglesa’, ‘latino americana’ ou ‘estadunidense’, por exemplo.

⁷⁹ Uma exposição detalhada desta concepção de história encontra-se no primeiro capítulo de “O Tronco e os Ramos”, sob o título de “Questões de método na história da psicanálise” p.21 a 55.

⁸⁰ Mezan, R. *O tronco e os Ramos*. Pp. 69 e 70.

No curso de sua elaboração acerca da história da disciplina, Mezan propõe a seguinte organização cronológica da história do movimento psicanalítico: tratar-se-iam de quatro “grandes eras”, seguindo sua ordem cronológica.

Na primeira delas, a produção psicanalítica é a produção de Freud e compreenderia o período que vai de 1895, ano da “publicação dos *Estudos sobre a histeria*, (d)a redação do *Projeto de uma psicologia científica* e (d)a interpretação do sonho de Irma⁸¹” até cerca de 1920. Neste período já se constituía um primeiro núcleo de autores e pesquisadores, muito próximos a Freud e que de algum modo ainda se posicionavam como seus alunos. Foi um tempo de maturação durante o qual se fundou a IPA (1911) e se estabeleceram as bases sobre as quais viria a florescer o pensamento psicanalítico. Com o desenvolvimento do pensamento de alguns destes autores e o contato dos clínicos com as chamadas ‘neuroses de guerra’ (que colocaram os psicanalistas diante de novos desafios clínicos e imposições teóricas), formou-se o terreno propício para os acalorados debates que tomariam conta do cenário no período entre guerras logo a seguir.

A segunda era se inicia em 1919 e se encerra em 1939 com a morte de Freud. O período entre guerras, chamado por Mezan (2014) de ‘era dos debates’, foi marcado por desenvolvimentos diversos no seio da própria disciplina. Era chegada a hora em que os discípulos do primeiro tempo dariam suas contribuições originais em diversos campos, contribuições que seriam o germe das escolas que surgirão logo adiante. Há diversos fatores incidindo nestes desenvolvimentos: *fatores de ordem clínica, de ordem institucional, e fatores de ordem teórico-conceitual*. Durante este período, com o crescimento do movimento psicanalítico, Freud – até então a figura central - passara a ser visto por muitos dos discípulos como um autor, muito mais do que como uma figura a ser amada ou de quem receber o afeto. Com a sua morte e a coincidente perseguição fascista que tomou conta de grande parte da Europa, houve a dispersão dos psicanalistas em direção a outras partes da Europa e às Américas. Era o início da ‘era das escolas’ com seus desenvolvimentos regionais e as ferozes disputas que se seguiriam.

Entre 1940 e 1970, aproximadamente, está compreendida aquela que o autor chama de ‘era das escolas’ onde diversos autores e grupos desenvolveram localmente a psicanálise,

⁸¹ Mezan, R. *O tronco e os ramos*. Pp. 48.

de modo que havia uma disputa em que todos reivindicavam o posto de verdadeiro herdeiro do legado freudiano. Nesta época se estabeleceram as grandes escolas de psicanálise.

Sem pretender à exatidão das minúcias, pode-se dizer que se organizam quatro ‘grandes correntes’: a psicologia do ego, a tendência kleiniana, a escola das “relações de objeto” e o lacanismo, que seguem trajetórias próprias, como que desdobrando as potencialidades contidas em seus respectivos focos teóricos e clínicos. Observa-se uma relativa impermeabilidade entre essas trajetórias, ao menos no nível das formulações oficiais: poucas são as citações recíprocas, a formação codificada privilegia os autores e textos canônicos de cada tendência, etc. Há por vezes interesse no que se faz em outras paragens, mas geralmente polêmico (o caso mais evidente é do lacanismo frente à psicologia do ego e à obra de Melanie Klein).⁸²

Por fim, a psicanálise contemporânea, que teria surgido em meados da década de 1970 e segue viva até os dias de hoje. Um momento em que convivem autores que mantêm viva a ortodoxia da era das escolas e outros que se vêm capazes de transpor muros e construir “seu pensamento (por exemplo, André Green e Joyce McDougall), ou então escolheram trilhar uma trajetória própria, um pouco à margem das escolas institucionalizadas (por exemplo, Conrad Stein, Piera Aulagnier, Wilfred Bion, Heinz Kohut, Christopher Bollas).”⁸³.

Tal organização temporal é de extrema importância no escopo desta pesquisa; é necessária para que possamos situar a obra de Dolto e nos ajuda a refletir sobre as possibilidades de circulação dos seus conceitos e concepções. Ela formou-se, trabalhou e produziu no apogeu da chamada ‘Era das Escolas’; num momento de efervescentes disputas e querelas políticas entre diversos autores, cada qual reclamando seu posto de herdeiro legítimo do pensamento freudiano. O atrito constante entre as escolas e as cisões no seio da IPA, nas quais Dolto sempre ocupou uma posição central, acabou por impedir certo trânsito entre autores que poderia ter sido extremamente fértil. Trânsito ao qual, hoje, nos autorizamos.

Ainda que Dolto não se interessasse pessoalmente pelos embates teóricos, tal era o clima de disputa que inundava o cenário psicanalítico à época, que lhe era impossível passar ao largo de rusgas e cisões, de uma forma ou de outra, era imperativo se posicionar diante dos acontecimentos. Ao longo deste período:

⁸² Mezan, R. *O tronco e os ramos*. Pp. 52.

⁸³ Mezan, R. *O tronco e os ramos*. Pp 53.

Mas para além desta marca do tempo em que viveu, e das contribuições no campo social e político mencionadas no capítulo 1, há que situar sua contribuição ao campo da teoria psicanalítica: não a única, mas talvez a mais central no seu pensamento e aquela que me parece permitir que classifiquemos Dolto como uma autora contemporânea: o conceito de imagem inconsciente do corpo. Para melhor situar este conceito nos será útil coloca-lo diante da noção de paradigma, aplicada ao campo da disciplina psicanalítica.

2. A noção de paradigma em psicanálise

Se podemos afirmar que ao longo da era das escolas as divisões entre as correntes de psicanálise têm um caráter eminentemente político, certamente elas não se esgotam aí. Numa primeira aproximação se observa que coincidem com a geografia da diáspora do movimento impulsionada pelas pressões geopolíticas no cenário da segunda guerra mundial, mas tal explicação não dá conta do recorte epistemológico do desenvolvimento das obras dos diversos autores e da disciplina como um todo.

Tendo dedicado parte do meu trabalho a costurar um retrato fiel de Dolto colhendo os aspectos históricos relativos à França e à política psicanalítica de meados do século XX, penso que devo tomar alguns cuidados ao me aproximar do terreno dos conceitos:

No modelo cronológico-geográfico [de história da psicanálise] justapõem-se sem qualquer coerência interna autores e obras (...) neste tipo de história habitualmente dá-se preferência às peripécias do movimento psicanalítico, mais suscetíveis de um tratamento narrativo do que as árduas escarpas da metapsicologia e da teoria psicopatológica.⁸⁴

Este é o ponto que pretendo sustentar neste momento do meu trabalho: se podemos, sem dúvida alguma, dizer que Françoise Dolto ocupou um lugar central no estabelecimento e na evolução inicial do lacanismo e da psicanálise na França, não me parece que isto seja suficiente para definir suas contribuições quando fazemos um recorte epistemológico das obras dos dois autores. Porque, muito mais do que uma ‘defensora do lacanismo’ ou uma

⁸⁴ Mezan, R. Op cit. pp. 44

‘lacaniana’, Dolto fora uma defensora do “Lacan analista” e uma autora bastante original em suas contribuições.

De alguma forma, passadas algumas décadas e acalmados os ânimos, podemos distanciar um pouco os ‘dois dragões’ e olhá-los em suas especificidades. Mas antes de aproximar o olhar das minúcias teóricas, me parece importante dedicar mais tempo a desenhar esta visão panorâmica que sustentará a aproximação posterior. De alguma forma o presente estudo procura se inserir num modelo de história da psicanálise que Mezan denomina “sobredeterminante”.

Para compreender o que se passa, convém utilizar o conceito psicanalítico de sobredeterminação. Este conceito não implica apenas que o fenômeno considerado tenha várias causas concomitantes; implica ainda que o fenômeno remeta a “elementos múltiplos, capazes de se organizar em sequências significativas múltiplas, das quais cada uma, num certo nível de interpretação, possui uma coerência própria”. Essas cadeia significativas se recortam uma às outras em torno de um ponto nodal: é o que afirma a teoria clássica do sintoma e do sonho.⁸⁵

Neste modelo de história, uma teoria deriva de certos “focos”, além de certa leitura da obra freudiana.

O que chamo aqui de “foco” consiste, na verdade num conjunto de determinações entrecruzadas – algumas de ordem clínica, outras de ordem conceitual, outras vinculadas às disciplinas com as quais se considera que a psicanálise deva manter interlocuções – que caso a caso, é necessário estabelecer seguindo a pista dos textos.⁸⁶

Deste modo, podemos observar que mesmo dentro da obra do próprio Freud convivem concepções distintas que buscam dar uma resposta satisfatória a uma série de problemas teóricos e clínicos com os quais o autor se deparou ao longo de sua vida. Sobre “cada Freud” ergeram-se distintas psicanálises, que apesar de apresentarem diferenças marcantes entre si, compõem o corpo desta disciplina. Seguindo a imagem botânica de *O Tronco e os Ramos*, há nas próprias elaborações freudianas as gemas apicais e laterais que permitiram à disciplina tomar outros rumos, enfrentar problemas distintos daqueles tratados por seu fundador e assim sobreviver à passagem do tempo.

⁸⁵ Mezan, R. *O tronco e os ramos*. Pp.

⁸⁶ Mezan, R. *O tronco e os ramos*. pp. 47.

Se organização temporal – as ‘eras’ às quais me referi - permite uma leitura do movimento geral da psicanálise, me parece fundamental traçar eixos que atravessam o tempo e fazem com que muitos autores e debates sigam ‘atuais’, vivos no interior das discussões daqueles que exercem o ofício de tentar compreender aquilo que se passa com a alma humana se valendo deste instrumental.

Assim podemos ver que muito daquilo que identificamos como ‘contemporâneo’ já se anunciava em debates muitas décadas atrás. Ou poderíamos dizer que as discussões em torno da pulsão de morte já foram superadas? Podemos dar por encerrada a conversa em torno do lugar dos pais na psicanálise com crianças? Será que as questões impostas pela histeria foram plenamente respondidas por Freud no início do século XX? Me parece que a era dos debates segue viva.

Em tal contexto, pode ser útil a noção de paradigma, ainda que restrita ao campo da disciplina psicanalítica. Esta noção permite organizar o vasto panorama da teoria psicanalítica em torno de alguns eixos centrais; certas “problemáticas” em torno das quais podem se aglutinar diversos autores e dar um passo além da visão cronológica da evolução do movimento.

O que Greenberg e Mitchel sugerem, portanto, é que a maneira como cada escola define no que consiste e como funciona o inconsciente deve ser o critério fundamental para distinguir umas das outras. (...) Os paradigmas seriam aquilo que no interior da psicanálise, individualiza as diferentes tendências que atingiram em sua conceptualização a consistência, a coerência e a abrangência necessárias para que as consideremos um sistema per se.⁸⁷

Segundo esta perspectiva o próprio Freud já havia tecido as bases destes paradigmas ao longo da evolução de sua obra. À medida em que se deparava com novos problemas teóricos e outras dificuldades clínicas, foi refinando e expandindo o seu arcabouço teórico; junto a seus discípulos foi criando ferramentas mais e mais complexas, diversos modelos de pensamento que, tendo surgido no enfrentamento de problemas distintos, acabam por resistir a uma síntese final. Não podemos dizer que foram feitos apenas acréscimos com o passar do tempo. Em 1939 não estava concluída a grande máquina teórica freudiana, tampouco está hoje.

⁸⁷ Mezan, R. *O tronco e os ramos*. Pp 63.

3. O paradigma objetal e o paradigma pulsional

Grosso modo, Mezan propõe uma primeira divisão entre as linhas de pensamento em psicanálise em torno de dois grandes paradigmas, de um lado reflexões que habitariam o paradigma ‘pulsional’, de outro, aqueles que ocupam o paradigma ‘objetal’⁸⁸.

Desta perspectiva, o paradigma pulsional tem como conceito central a pulsão, seus movimentos em busca de descarga e suas relações com os mecanismos de defesa e mesmo as tensões entre pulsão de vida e pulsão de morte. Neste paradigma, o objeto da pulsão é seu aspecto mais móvel, quase secundário. Constitui-se um modelo hidráulico do funcionamento mental: a partir de descargas, tensões, resistências e defesas pensam-se sintomas e as possibilidades de tratamento.

Toda e qualquer manifestação psíquica será então compreendida como resultado do interjogo das pulsões, do mais banal ato falho até o delírio mais florido. É por essa razão que se pode falar em “paradigma pulsional” para designar a perspectiva de Freud: *paradigma* porque o conceito de pulsão se situa num nível tal de abstração que pode organizar toda a pirâmide nocional da psicanálise, *pulsional* porque é este conceito (e não outro qualquer) que serve como *clef de voûte* de todo o sistema.⁸⁹

Desde Fairbairn, passando por Bálint e Winnicott, a papel central do conceito de pulsão passou a ser questionado, dando-se cada vez mais acento aos objetos, ao ambiente e às relações com o outro no curso do desenvolvimento e dos tratamentos. Tal escolha do ponto de apoio traz implicações importantes no modo como se vão estruturar as diversas dimensões da teoria. Os quatro gomos da teoria sofrem “acomodações e reformulações” importantes a depender de conceito é visto como central.

Nesta perspectiva, a experiência humana não é moldada primordialmente pelo jogo das pulsões, mas pela maneira como se organizam as primeiras relações do bebê com os outros seres humanos. (...) Não se trata de uma visão moral – a relação com o outro *deve* prevalecer sobre a satisfação egoísta dos impulsos – mas de uma visão ontológica: a satisfação do que há de mais fundamental no ser humano se dá *no e pelo* relacionamento com os outros. Aqui também os psicanalistas se vinculam a uma importante tradição

⁸⁸ Logo adiante ele apresentará um terceiro paradigma, o ‘subjetal’ no qual situa a teoria lacaniana. No entanto, a meu ver a teoria de Françoise Dolto distingue-se suficientemente da Lacaniana para ser discutida em relação aos paradigmas objetal e pulsional. Espero deixar isto claro ao final do texto.

⁸⁹ Mezan, R. *O tronco e os ramos*. pp. 68

da filosofia ocidental, cujos representantes são , por exemplo, Aristóteles (o homem é um animal social), Rousseau, Marx.

4. Um conceito entre dois paradigmas: a imagem inconsciente do corpo.

Ao que me parece, Françoise Dolto propõe um modelo de psiquismo que se situa *entre* o paradigma objetal e o paradigma pulsional. Na medida em que dá um grande destaque à linguagem e à relação com o outro desde os momentos mais precoces sem, no entanto, deixar de lado as etapas de desenvolvimento da libido e as pulsões parciais, Dolto forja – no rastro dos conceitos de ‘Imagem inconsciente do corpo’ e das ‘castrações simbologênicas’ - uma engrenagem teórica que articula estes dois paradigmas, colocando ambos em movimento a um só tempo.

Ora, cumpre dizer que, foi de início o jogo de presença-ausência do objeto de satisfação do desejo, enquanto que este não estava ainda esgotado, que instituiu esta ou aquela zona como erógena.⁹⁰

Vejamos algumas definições sobre as quais tento sustentar esta visão:

A imagem do corpo da criança assim restabelecida em sua integridade, guarda do sofrimento passado, uma experiência simbolizada de suas pulsões de vida de sujeito coexistencial a seu corpo, as quais conseguiram prevalecer sobre as pulsões de morte (adormecimento, doença). A criança, enquanto assistida pela mãe, devido ao fato de sentir-se objeto eleito em seus braços reencontrados após a prova, vacina-se contra a angústia que, na próxima prova a reencontrará melhor armada do que o bebê até então não perturbado por incidente algum. [...] A psicanálise permitiu descobrir o que são as trocas, sutis mantenedoras do narcisismo indispensável ao reencontro da saúde afetiva, que fundamentam o prognóstico psicossocial do futuro de determinada criança em particular, nascida de determinados pais, e salva de perigos físicos. Como se vê, o narcisismo que, no início da vida parece estar associado à euforia de uma boa saúde, está de fato desde o nascimento, cruzado com uma relação sutil languageira, criadora do sentido humano, originada na mãe e alimentada por ela – relação que não pode ser, no início da vida, por muito tempo interrompida sem perigo.

⁹⁰ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo..* P.49

E segue com o relato de um caso:

Caso Agnés.

É o que se passa com esta menininha alimentada ao seio durante cinco dias e cuja mãe teve de ser hospitalizada por causa de um incidente febril grave, necessitando de uma intervenção ginecológica. Durante os dias que se seguiram a este fato, o bebê não quis mais nada daquilo que seu pai, que ficou sozinho com a criança, ou sua tia presente na casa desde o seu nascimento, lhe davam: não aceitava nem mesmo água na colher, nem mamadeira; recusa total da alimentação. A conselho do pediatra, desarmado diante de tal situação, e que me conhecia, o pai me telefonou. Devo dizer que tudo isto se passou durante a guerra, no interior, e levar a criança até mim era, por isso mesmo impensável. Eu simplesmente respondi a este pai preocupado: “Vá ao hospital e traga de lá a camisola que sua mulher está usando, mas faça isto de tal modo que a roupa conserve todo o odor de sua esposa. O senhor vai em seguida pôr a peça em torno do pescoço do bebê e lhe apresentará a mamadeira”. A mamadeira foi tomada imediatamente!

É o trabalho sobre a noção de imagem do corpo que me havia permitido conceber a ideia de fazer esta sugestão. O que faltava a este bebê devido à ausência da mãe, para saber engolir? Ele não estava doente, mas perdia peso – tinha fome. Havia mamado por três ou quatro dias, só se podia pensar que a imagem olfativa da mãe, repentinamente ausente, era o que lhe faltava.

E, então, com referência ao ‘narcisismo fundamental’, outra de suas apropriações conceituais:

“O narcisismo fundamental do sujeito (que permite ao corpo viver) está enraizado nas primeiras relações repetitivas que acompanham simultaneamente a respiração, a satisfação das necessidades nutritivas e a satisfação dos desejos parciais, olfativos, auditivos, visuais, tácteis, que ilustram, poder-se-ia dizer a comunicação de psiquismo a psiquismo do sujeito bebê com o sujeito-sua-mãe.”⁹¹

Uma distinção importante na obra de Dolto, herdada de Lacan, é aquela desenhada entre o que chama de ‘necessidades’ e aquilo que designa como ‘desejo’⁹². As necessidades

⁹¹ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012. P.52.

⁹² Elisabeth Roudinesco e Michel Plon dedicam um extenso verbete de seu dicionário à definição de desejo, no qual buscam precisar as raízes filosóficas das diferentes noções por trás deste termo tão crucial em psicanálise e das palavras pelas quais Lacan, Hegel, Freud, buscam designá-lo nas diferentes línguas de origem.

“Desejo”

(...) Marcado, durante o entre-guerras pelo ensino de Alexandre Kojève (1902-1968), comentador francês da fenomenologia hegeliana Jaques Lacan foi o único autor a conciliar duas tradições, uma filosófica fundamentada na *Begierde*, e outra psicanalítica apoiada no *Wunsch*.

Com Kojève, ele “antropologizou” o desejo humano, embora colocando o inconsciente freudiano no lugar da consciência hegeliana. Por isso remeteu a descoberta vienense a uma ideia de desejo inconsciente que foi revista e corrigida dentro de uma perspectiva fenomenológica. Lacan não opôs uma filodofia do desejo a uma biologia das paixões, mas utilizou um discurso filosófico para conceituar a visão freudiana, que julgou insuficiente. Assim, estabeleceu um elo entre o desejo baseado no reconhecimento (ou desejo do desejo do outro) e o desejo inconsciente (realização no sentido freudiano).

diriam respeito àquilo que o corpo biológico exige para manter-se coeso e biologicamente vivo: o aquecimento, os nutrientes e o oxigênio - que já não chegam ao bebê pela via umbilical - são exemplos de necessidades que segundo ela precisam ser prontamente atendidas pelo meio que circunda o bebê. Isso, no entanto, não é suficiente para que o mamífero humano se desenvolva: estão em jogo também os aspectos sensoriais, a audição nutrida pela voz da mãe, o olfato nutrido pelo perfume que acompanha as mamadas (como bem nos mostra o caso de Agnés) e o tato que recebe o toque tranquilizador de quem sabe como acolher um bebê em seus braços. Dimensões sensoriais que acompanham a modalidade de relação sujeito-outro, a cada momento, organizada em torno de uma determinada zona erógena.

São dimensões de prazer que envolvem a presença do outro e constituem, segundo Dolto, o “campo do desejo” sem o qual o ser psíquico não sobreviveria. As diferentes formas do autismo descritas pela própria autora, assim como aquilo que Spitz chamou de “hospitalismo” dariam testemunho disso: corpos nutridos, aquecidos e respirando estão longe de ser suficientes. A imagem inconsciente do corpo é resultado da confluência do mundo das “necessidades” com o universo do “desejo”, tendo como pontos de ancoragem as zonas erógenas e uma linguagem articulada.

No fundo desta indiferenciação das zonas corporais, neste lugar real que é o corpo da criança, certos funcionamentos corporais são eleitos pela repetição das sensações que ela experimenta destes, e tais lugares servem de centro ao narcisismo primário. São os lugares de seu corpo em que a criança reconhece, dia após dia, de tensão-privação a relaxamento-satisfação, pela fome-sede seguida de saciedade, uma mesmice sentida como o ser e o funcionar. Mas, ao mesmo tempo em que existem estes funcionamentos substanciais, aplicações e desaplicações substanciais às zonas erógenas de dominante cardiorrespiratória, oral, viscero-uro-anal, existe ao mesmo tempo a audição, o olfato, tato e visão que, no espaço e no tempo acompanham as satisfações da criança nestas zonas erógenas e preenchem o seu narcisismo. Quando a separação entre a criança e aquela que a alimenta sobrevém, o

Com isso, ele diferenciou o desejo da necessidade mais do que fizera Freud. Através da ideia hegeliana de reconhecimento, Lacan introduziu, entre 1953 e 1957, um terceiro termo, ao qual deu o nome de demanda. Esta é endereçada a outrem e, aparentemente, incide sobre um objeto. Mas esse objeto é inessencial, porquanto a demanda é demanda de amor. Em outras palavras, na terminologia lacaniana, a necessidade, de natureza biológica, satisfaz-se com um objeto real (o alimento), ao passo que o desejo (*Begierde* inconsciente) nasce da distância entre a demanda e a necessidade. Ele incide sobre uma fantasia, isto é, sobre um outro imaginário. Portanto, é desejo do desejo do outro, na medida em que busca ser reconhecido em caráter absoluto por ele, ao preço de uma luta de morte, que Lacan identifica com a famosa dialética hegeliana do senhor e do escravo. (...)

desejo é frustrado, mas a criança só se dá conta do fato quando a necessidade abraçada ao desejo reaparece, vendo-se a necessidade então satisfeita por qualquer pessoa sem que o desejo possa reconhecer o som, a imagem e o odor da pessoa que acompanhava tais satisfações. O lugar onde a tensão do desejo e a da necessidade se confundem tornou-se o lugar do gozar prometido, esperado, satisfeito ou não. E este lugar onde a falta é experimentada, lugar de busca não apenas substancial (sustentáculo do viver para o corpo, ou seja, da necessidade), mas tão sutil (busca de coração a coração, do outro si-mesmo no amor, ou seja, do desejo) este lugar no corpo é a zona erógena⁹³.

Há, neste trecho, muitos aspectos teóricos de seu pensamento condensados: a diferenciação necessidade/desejo, uma definição de zona erógena, o papel crucial do outro-materno nos primeiros estágios de indiferenciação entre o bebê e o mundo... E há também noções que se aproximam de uma visão winnicottiana da relação mãe-bebê ou bebê-outro, especialmente aquilo que ela chama de “tensão-privação” e “relaxamento-satisfação”, estados excitados e estados relaxados. Trata-se da visão de uma analista, também pediatra de formação, que dá muito valor aos aspectos corporais e fisiológicos assim como àqueles relacionais.

5. Entre a imagem e a palavra

*A ideia, na imagem, permanece
infinitamente ativa e inexaurível.*
Goethe

Na primeira aproximação em relação ao conceito de imagem inconsciente do corpo, busquei situá-lo entre dois grandes paradigmas em psicanálise, o pulsional e o objetal, tal qual os formula Mezan. Argumentei em favor da posição de que tal conceito coloca em movimento os dois aspectos, pulsão e objeto, sem que nenhum deles seja privilegiado em detrimento do outro.

Neste momento busco aproximar-me do conceito por uma via que talvez seja um tanto menos clínica, em parte mais filosófica, para lançar luz sobre aspectos que parecem fundamentais para sua apreensão. Silvia Fendrik me parece bastante justa e precisa ao referir-

⁹³ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012. P.53.

se ao universo conceitual de Dolto como um quadro cubista, por essa razão oferecer muitas miradas, provenientes de ângulos diversos, talvez seja uma forma apropriada para fazer justiça ao seu pensamento: esta é a minha busca aqui.

Surgida da observação dos desenhos de crianças em situação analítica, herança de Sophie Morgenstern, a imagem inconsciente do corpo é uma ferramenta que nasce de um artifício técnico, intrínseco à cura analítica e inseparável da cena transferencial. O que ofereceu acesso a ela foi o desenho, aliado ao discurso da criança sob transferência. Não se trata, deste modo, de interpretar diretamente o desenho, mas de tomá-lo como um dizer, destinado à figura do analista que o ‘escuta’.

Se me interesso pela imagem do corpo – que cada um carrega consigo, em cada momento de sua existência, acordado, estático, funcional ou adormecido -, é porque as imagens implícitas que os adultos liberam durante a fala foram-me fornecidas explicitamente pelas crianças, seja por seus desenhos, seja por suas modelagens. Essas imagens formais e explícitas foram tão preciosas que me permitiram, em troca, cuidar precisamente dos adultos em análise.⁹⁴

De certo modo Dolto forja um amálgama; de dois metais de naturezas distintas, surge um conceito: da fusão entre a *palavra* e a *imagem*, compõe-se a imagem inconsciente do corpo, novamente uma engrenagem, que permite acomodar a compreensão dos lugares ocupados por estes elementos de naturezas diversas, no psiquismo.

Outro aspecto importante é o fato de ser um pilar teórico e técnico surgido no terreno da análise e da observação de crianças para, então, ser transposto para o trabalho e a escuta dos adultos. Aí, também, reside a originalidade de seu trabalho: se muito do que estava sendo formulado a respeito da análise de crianças vinha de uma tentativa de transpor as descobertas e invenções de Freud para este novo terreno, Dolto fazia o caminho inverso.

Sendo mais clara: *a imagem do corpo não é a imagem que é desenhada ali, ou representada na modelagem; ela está por ser revelada pelo diálogo analítico com a criança.* É por isso que, ao contrário do que se acredita em geral, o analista não poderia interpretar de imediato o material gráfico, plástico que lhe é trazido pela criança; é esta que, associando sobre seu trabalho, acaba por fornecer os elementos de uma interpretação psicanalítica de seus sintomas.⁹⁵

⁹⁴ Dolto F. e Nasio J.-D. *A criança do espelho*. Pp.24

⁹⁵ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012. P.53.

Alfredo Bosi, em “O ser e o tempo da poesia” debruça-se sobre as relações entre a imagem e a palavra no discurso poético. Investiga os modos pelos quais a palavra pode se aproximar da imagem na poesia. “Mas o que importa apreender é a diferença específica dos modos imagético e linguístico de acesso ao real; diversidade que se impõe apesar da semelhança do fim: presentificar o mundo.”⁹⁶ Modos distintos e coexistentes.

A experiência da imagem, anterior à palavra, vem enraizar-se no corpo. (...) O ser vivo tem, a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo de presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo. Pascal: “Figure porte absence et présence.”⁹⁷

Há, entre a palavra e a imagem, uma distinção fundamental, relativa à temporalidade. A apreensão da imagem é quase instantânea, o que não exclui dinâmica e as tensões que entre os seus elementos. Tensão, pulsão:

Ricoeur compara o inconsciente, lugar das pulsões, a uma rede ramificada, feita de arborescências indefinidas cujos rebentos se nos dão sob a forma de representações.

A rigor, porém, a pulsão não se coalha toda na imagem. Sobra a energia afetiva que acompanha e transpassa musicalmente a representação; e que encontra modos peculiares de aparecer nas passagens de cor e de timbre, na intensidade do gesto, na entonação da voz, no andamento da frase. Esses últimos fenômenos, porém, já não são mais *a imagem*. Dela se distinguem como o puro dinamismo se distingue das figuras encerradas nos seus confins.

Enquanto isso, a palavra - outro metal do amálgama psíquico - é matéria sonora; aérea, cuja transmissão é feita no tempo, depende dele e o compõe. Alfredo Bosi assim define tal aspecto do discurso.

A frase desdobra-se e rejunta-se, cadeia que é de antes e depois, de ainda e já não mais. Existe no tempo, no tempo subsiste. Para o emissor que a profere, para o receptor que a ouve, sílaba após sílaba.

A oração não se dá toda, de vez: morfema segue o morfema; o sintagma, o sintagma. E entre a cadeia das frases e a cadeia dos eventos, vai-se urdindo a teia dos significados, a realidade paciente do conceito.⁹⁸

⁹⁶ Bosi, A. *O ser e o tempo da Poesia*. Pp 22.

⁹⁷ Bosi, A. *O ser e o tempo da Poesia*. Pp 13.

⁹⁸ Bosi, A. *O ser e o tempo da Poesia*. Pp 22

O que Dolto propõe é uma metapsicologia que tenta acomodar estas duas dimensões cruciais da experiência humana na linguagem. Àquilo que Bosi se refere enquanto uma metáfora da apreensão imagética, quando fala em *timbre*, *andamento* e *gesto*, Dolto toma-o em sua concretude e o incorpora em seu sistema de pensamento.

Enquanto Lacan, ao referir-se à imagem especular inscreve-se no primado da visão, Dolto aglutina à sua concepção de *imagem* os sentidos do olfato, do tato e do paladar, assim como as dimensões da audição que situam-se para aquém e para além dos significantes e que constituem, assim, o campo de linguagem em que se situa o *infans*. Trata-se de um campo multidimensional onde a sensorialidade marca o psiquismo muito antes que a visão e as relações com o outro tenham chegado ao estágio do espelho tal como formulado por Lacan.

Com efeito, o imaginário havia se convertido em sinônimo de engano, prestígio ilusório do eu, útil somente para enganar o desejo e o sujeito. Mas o termo 'imagem' remete em Dolto e em Lacan a duas ordens de fatos, de experiência e de conceitos diferentes, heterogêneos inclusive.⁹⁹

Segundo ela, é muito depois, com a chegada ao estágio do espelho, da castração primária e da castração edípica é que ocorrerá um recalque da Imagem inconsciente do corpo em privilégio das representações visuais de si. Somente a partir de então entrariam em jogo as dinâmicas de alienação/separação abordadas por Lacan. Suas preocupações, na vizinhança de Winnicott e Klein, encontram-se no terreno daquilo que poderíamos qualificar de arcaico; dizem respeito às experiências mais primitivas de contato entre o bebê e o mundo, tempo em que a visão ainda não ocupa o centro do jogo. De fato, Dolto considera que a linguagem e a imagem do corpo estão em cena muito antes do momento em que o sujeito pode dizer 'eu'. E, no entanto, mesmo antes disso Dolto já o considera como um sujeito possuidor de desejos e pleno de direitos.

⁹⁹ Sauverzac J-F. *Françoise Dolto, itinerário de uma psicanalista*. Pp 18

6. Considerações a respeito da epistemologia da psicanálise e da produção teórica de Françoise Dolto.

Robert Waelder publicou um artigo intitulado “Psychoanalysis, Scientific Method and Philosophy”, publicado no Journal of the American Psychoanalytic Association, em 1962. Ali apresenta escala de abstração em que se articulariam os vários elementos de que a psicanálise se vale para produzir seu saber.

Ele propõe uma escala em seis níveis, que parte da experiência mais imediata vivenciada na clínica em direção às concepções filosóficas mais gerais de cada autor. Com algumas etapas intermediárias entre estes níveis, Waelder traça um percurso que organiza as ‘6 fases’ da epistemologia psicanalítica do seguinte modo:

- 1) Os dados da observação clínica.
- 2) Interpretações clínicas.
- 3) Construções para o caso.
- 4) Teoria Clínica.
- 5) Metapsicologia.
- 6) Concepções filosóficas gerais.

Em ‘A Imagem Inconsciente do Corpo’, Dolto nos traz um relato que se alterna entre estes diferentes níveis de reflexão e nos fornece muitos elementos para tentar compreender aquilo que está em jogo quando se recebe um paciente em tratamento e o percurso em direção à abstração teórica.

O texto se movimenta velozmente em diferentes planos de reflexão, com efeitos muitas vezes surpreendentes. Num só parágrafo ela é capaz de oferecer o relato da observação de um desenho, tecer construções metapsicológicas, formular orientações aos pais e considerações metafísicas. Em certos momentos a clareza na exposição dos conceitos fica comprometida por tal estilo de escrita, mas tudo parece ganhar sentido nos momentos de exposição dos casos, também entremeados no texto.

A partir de certo ponto de sua carreira, passou a investir em diversas modalidades de transmissão de seu saber e de seu fazer. Faziam parte deste arsenal as consultas públicas À rua Cujas, seus programas de rádio, sua presença na Maison Verte e suas palestras, assim como seus escritos, bem menos numerosos do que os livros derivados de suas fala.

Dolto parecia ser mais uma a apostar numa transmissão oral da psicanálise. Mesmo no livro ‘A Imagem Inconsciente do Corpo’ me parece haver marcas de um discurso oral: é um texto cuja estrutura lembra um espiral, com idas e voltas, repetições que lembram as retomadas de assuntos que um bom professor promove em sala de aula ou as repetições de sons que ajudam a marcar o ritmo de um poema. Ela foi uma grande contadora de histórias. Seus casos apelam também aos sentidos – não apenas ao intelecto – e condensam muito mais do que ela mesma pôde teorizar a respeito deles. São características do texto que afetam o leitor, numa busca por transmitir a clínica em níveis mais profundos. Os casos expostos não são meramente ilustrativos dos conceitos, tampouco são ‘explicados’ pelas considerações teóricas que o antecedem ou sucedem : teorização e casos e formam um só corpo incompleto e sujeito a interpretações.

Em uma carta de 1969 endereçada a Ursula Huber, psicanalista de origem alemã que morava então na Suíça e com quem mantinha uma afetuosa correspondência, Dolto expõe suas dificuldades no campo da escrita. Após dar notícias da família e agradecer pelo conserto de seu relógio, passa a contar de si, dos percalços do texto e das diversas possibilidades de transmissão do saber psicanalítico:

Quanto a mim, para terminar, estou terrivelmente ocupada. Eu não domino nunca a formulação daquilo que faço e, onde tenho a impressão de fazer progressos reais é na escuta dos doentes e na ordem recuperada esta escuta suscita.

Frequentemente preocupada em encontrar um meio para colocar em palavras os restos dos processos que ainda estão por compreender, eu consigo em meus sono-vigília, no final da noite, e isso é uma conquista. Mas, infelizmente, compreendida uma coisa, outras se apresentam e eu sou de novo lançada adiante.

Eu vejo em Trousseau, por exemplo: é a assistência às consultas¹⁰⁰ que forma melhor as pessoas. A minha escuta e os efeitos que ela produz lhes parecem reais e se passam diante dos seus olhos, à toda velocidade. Lá eu poderia retomar passo a passo tudo o que se passou, que eu assisti e ajudei a se exprimir, mas precisaria de 1 hora para 5 minutos de sessão. Seria preciso

¹⁰⁰ Aqui Dolto se refere às ‘consultas públicas’, conduzidas no Hospital Trousseau, onde formou-se Ursula Huber.

frear, diminuir a velocidade das trocas para que elas fossem compreendidas!
É um problema insolúvel com o qual devo conviver.

E segue, com as vicissitudes da transmissão:

Sabe, eu gostaria de transmitir toda a minha experiência. Nas supervisões, nas análises individuais isso funciona bem e vai em frente. [O problema] É na teorização. Enquanto a situação de transferência, como teoria dos processos de evolução, de bloqueio, de involução, de resoluções transformadoras que eu gostaria de transmitir – a experiência real que eu tenho. Para me assegurar do sucesso eu teria de parar um pouco, coisa que eu não consigo. Eu procuro sempre mais longe e também a encurtar o tempo necessário, seja no tempo das sessões..... Eu me pergunto de vez em quando se não é porque meu nome era Murette e se transformou em Dolto que Françoise não pára mais. Dolto (DoLoTo) em eslavo antigo quer dizer cinzel de madeira, vá vá... (Vavá era meu apelido em família) e *voilà* talvez seja por isso que eu avance sem cessar.

É também o ritmo aqui em Paris que se acelera mais e mais. Como encontrar o tempo para se recolher, reler e retrabalhar as notas? Tudo que eu escrevo me parece muito elíptico se eu o encontro ainda em relação com o que eu penso ou de todo obsoleto e sem interesse.

É verdade que em psicanálise a verdadeira comunicação se passa e é eficaz no silêncio, então depois de tudo para se apropriar verdadeiramente é preciso ser poeta ou músico, ou malabarista de sutis correntes de aromas. (...) Você se lembra do dia em que jantava em nossa casa e dizia a Boris que eu deveria dar um testemunho, dar a conhecer o caminho que eu percorria, escrever, etc etc e eu disse que me ressentia tão intensamente de minha impotência que sentia que poderia desmaiar. Eu me lembro bem. (...) Eu sei que comigo as pessoas se “curam”, reencontram sua ordem. Eu sei que faço alguma coisa, mas sei também que é bem possível que aquilo que eu compreendo não seja mais do que uma racionalização...

A seguir há a transcrição de um dos casos expostos em *A imagem inconsciente do corpo*, entremeado por subtítulos inseridos por mim e que marcam passagens onde há reflexões relativas a cada um dos níveis de abstração propostos na escala de Waelder. Obviamente esta separação parece um tanto artificial, já que o caso não foi originalmente estruturado deste modo. Transcrevi-o tal qual ele se encontra exposto no texto original de Dolto, apenas inserindo os subtítulos para direcionar o olhar do leitor a cada um dos aspectos que se seguem, de modo que é possível encontrar, por exemplo, algumas ‘observações clínicas’ abaixo do subtítulo ‘Metapsicologia’ e assim por diante.

Apesar disso, me pareceu interessante mostrar ‘in vivo’ o modo como ela expõe a sua clínica e as formulações dela derivadas, antes de detalhar conceitualmente a imagem inconsciente do corpo. Deste modo teremos a oportunidade de visualizar a maneira pela qual

os diferentes aspectos ligados à imagem inconsciente do corpo se manifestam na escuta do analista, para então seguir com os níveis mais abstratos da discussão.

7. Caso de François

Alguns dados da observação clínica.

“O primeiro estágio para me tornar como meu pai era ser minha irmã”, dizia esta criança que foi obrigada a chegar até a tentativa de suicídio. Era um garoto de treze anos, inteligente, a quem foram necessários dois dias para sair do coma. Ele havia tentado se suicidar com uma faca de cozinha, abrindo a barriga. Ele aterrorizou o serviço de cirurgia ao dizer, quando voltara a si: “Mas por que, já que é preciso que eu faça de novo!”. É então que, repugnados, pensaram em recorrer a um psicanalista, e fui então chamada. Eu sabia que ele tinha duas irmãs, uma um pouco mais velha do que ele, e a outra mais jovem, e que ele era o único menino. E foi isto a primeira coisa que ele disse. Ele mantinha os olhos fechados; esperei que ele os abrisse. Ele sentiu minha presença. Abriu os olhos, olhou-me, eu lhe disse meu nome e que eu era psicanalista, que tinha sido chamada pelas pessoas do serviço “pois levaram dois dias para reanimar você e suas primeiras palavras foram: ‘Por que me reanimar, já que é preciso que eu o faça novamente’”. Então ponha-se no lugar dos médicos e cirurgiões que salvaram uma criança à beira da morte, e que lhes diz: ‘Eu quero morrer. Eles não compreendem, e é por isso que me chamaram, eu que sou psicanalista, para ver com você se você quer verdadeiramente morrer, ou se deseja viver, mas não sabe como fazê-lo. Então, se você quiser me falar, você fará... (ele havia fechado novamente os olhos “... você fará um sinal com as pálpebras, já que não pode falar” (ele tinha tubos por toda parte) “e se você não quer me ver, bem, eu compreenderei perfeitamente, não me faça nenhum sinal, e eu partirei. Você tem o direito de ter vontade de morrer, mas acredito que seria interessante que você compreendesse que existe para você, talvez, uma possibilidade de viver, se você compreender as razões pelas quais você acredita que não tem mais o direito de viver”.

Então ele fez um sinal, repetiu duas vezes: abrir e fechar as pálpebras. Eu lhe disse: “Eu me chamo senhora Dolto, você se chama Fulano, e venho ao hospital às terças feiras. Poderemos falar, mas será que você pode me dizer, já que pode falar um pouco, por que é preciso que faça isso novamente? - Eu nunca fui como os outros. - Bem, isso não me espanta, já que os outros são meninas e você é um menino!”. Ele abriu bem os olhos, como se estivesse espantado com minha resposta. E eu: “Até terça-feira próxima!”.

Teoria Clínica.

Foi um tratamento extraordinário, um tratamento relâmpago, em cinco sessões, uma por semana. Era impossível para este garoto atingir a maturidade: era uma criança que reivindicava identificar-se com um homem, mas estando o tempo todo fusionado com sua irmã, mais velha do que ele quatorze meses. E ele chegou a esta tentativa de suicídio pouco após o momento em que sua irmã chega à puberdade. Em seis meses ela se transformou, de criança se tornou moça, tem sua menarca, está mudada em relação a ele. E depois todos os meninos se interessavam por ela, chamavam-na ao telefone: e ele, seu irmão, sempre respondia “Ela não está em casa”. Ela nunca estava, supostamente, em casa, quando era a voz de um garoto e quando era ele quem atendia o telefonema.

Estas duas crianças nunca falavam uma da outra que não dizendo “nós”. “Nós dois-Christine, dizia ele, queremos isto... pensamos aquilo...”. E ela dizia: “Nós dois-François...”. Nunca *eu*, nem de um, nem de outro; eles eram sempre “um e outro”. Ele mesmo era anoréxico desde a idade de sete anos, mas nunca ninguém se preocupou com isso na família. Ele era longilíneo, muito magro, esportivo, ativo, muito adiantado na escola e os pais diziam: ‘Sim, ele nunca come gordura nem pão, nunca come açúcar, enfim, ele se alimenta assim desde a idade dos sete anos’. idade em que nasceu sua irmã mais jovem.

Interpretações clínicas.

E, a partir disso ele me deu a chave, disse-me que era assim desde que sua mãe esperava o “fantasma”... Eu lhe perguntei: “Mas o que é o ‘fantasma’? – Bem, a senhora pode compreender, os bebês, quando nascem, se colocam de pé no berço e mexem os tules. Então eu o chamei de ‘fantasma’. – Quem é o ‘fantasma’? – Bem, era uma menina. – Sim, então é sua irmã? – Bem, não, a senhora compreende, se fosse um menino, eu poderia ter sido irmão, mas já que era uma menina... – Então se fosse uma menina, você seria o quê? – Bem, é minha irmã (ele queria falar de Christine) que era irmã”. Em sua ideia extravagante, ele teria sido irmão se o bebê que se seguiu a ele tivesse sido um menino, mas assim ele não era nada, era Christine, como falsa gêmea dele, que era “minha irmã”... e a mais jovem era um “fantasma”.

Ele me conta ainda que, quando sua mãe esperava o “fantasma”, o médico da família lhe tinha explicado: “A senhora deveria aproveitar deste fato para fazer com que seu marido faça um regime, porque ele está gordo e isto pode lhe causar problemas de coração”. Tanto que durante o período em que ela esteve grávida, seu marido, o pai de François, seguiu um regime de emagrecimento. E François acrescentara: “A senhora compreende, o engordar das mulheres faz bebês, mas o engordar dos homens lhes sufoca o coração”.

É fantástico tudo aquilo que ele pôde me dizer em algumas sessões e, engordando... Doze quilos! Na última sessão ele me disse: “O que é esta sua profissão... o que eu preciso estudar para ter esta profissão? Eu gostaria de exercer a sua profissão! – É preciso ser, inicialmente médico ou psicólogo, e depois fazer uma psicanálise e aprender esta profissão”.

Construções para o caso.

(...) Em todo caso, para retornar às dificuldades de suas identificações, se ele nunca mais tinha comido gordura, é porque gostaria de se tornar um homem e não queria ter gordura que se tornasse um bebê. Daí esta anorexia, que o levava até o desmaio. Algumas semanas antes de tentar o suicídio, ele foi escolhido como o líder da classe na escola. Ele me explicou a esse respeito: “Quando os garotos me escolheram, eu disse a mim mesmo: mas eu não sou uma menina, por que os garotos me querem?”

Quando ele me contou sobre sua perda total de apetite que fazia com que ele desmaiasse, eu lhe disse: “Isso começou como? Será que pela impossibilidade de comer, ou será que começou pela impossibilidade de fazer cocô? - É isto, é a impossibilidade de fazer cocô. A senhora compreende, eu estava cheio de pãezinhos em forma de supositório”. (Tratavam-se de sanduíches que ele tinha denominado “em forma de supositórios” e que ele comia na escola como almoço) “Enchia-me completamente, e não podia mais sair porque eu tinha muitos deles. Então eu não podia mais comer”.

Metapsicologia.

De qualquer forma, é extraordinária esta puberdade que ia acontecer e que provocava uma eclosão de todos os fantasmas infantis. Existia uma confusão de todos os orifícios com uma imagem do tubo digestivo como um “negócio” onde se amontoava tudo o que ele absorvia. Ele tinha a ideia de obstáculo por acúmulo. Aliás, ele disse: “A senhora sabe, é como os canos quando estão entupidos; é preciso desentupi-los”. E é por essa razão que ele tinha desentupido seu estômago através de uma abertura em seu abdômen com uma faca de cozinha. Ele precisava matar o “fantasma” para se tornar real. Em seu caso a castração anal tinha lhe sido dada por sua irmã. Ou seja, foi com a irmã que ele se identificou no momento de poder adquirir o domínio motor de si mesmo e do mundo ao seu redor, em uma espécie de falsa gemelaridade onde ele se acreditava semelhante a ela. Ele sabia bem a diferença sexual, mas não tinha a diferença de comportamento, até o dia em que o desejo dos meninos foi dirigido para sua irmã. Então, ele estava perdido, porque foi abandonado por seu “Eu” auxiliar. Ele não tinha real autonomia até então, a despeito de um desenvolvimento intelectual muito elevado e de um raro sucesso escolar. A castração anal tinha sido dada, mas a identificação masculinizante era impossível, e o Édipo foi vivenciado sobre uma tênue nitidez de imagem do corpo que não era a de um menino; era um desejante-ser-menino que tinha uma imagem do corpo assexuada ou feminina, tornada assexuada subjetivamente em função de ele ter percebido que não era feminino, mas ameaçada secundariamente (aos seus olhos) por feminilização quando a votação dos meninos de sua classe o tinha eleito como líder da classe: ele lhes agradava como sua irmã aos meninos.

Concepções filosóficas gerais.

Vemos assim como *a castração anal deve ser dada por aqueles que sustentam, naquele a quem eles a dão, o que chamamos de identificação*

com seu sexo, o “Eu” ideal da criança – ou seja, o modelo desejado, aquele com o qual ela quer se identificar – e que, por gestos e palavras, lhe proibem comportamentos motores indesejáveis, segundo as leis do grupo: comportamentos que o desejo lhe sugere mas que seriam nocivos seja a ela mesma seja ao outro.

Em seu prefácio ao livro “Tudo é linguagem” Gerard Guillerault sintetiza estas concepções filosóficas gerais sobre as quais Dolto ergue seu pensamento.

Tudo é linguagem. Por trás da simplicidade dessa fórmula, se perfila uma intenção mais complexa, cujo verdadeiro alcance corre o risco de se perder, se nos ativermos apenas à superfície do enunciado. (...) Mas seu “tudo é linguagem” vai muito mais além, pois mostra como, num outro nível fundamental, pode acontecer que seja inclusive no corpo e através do corpo que a criança se exprima, ou deixe que se exprima, aquilo que não pode exprimir de outra maneira (...). Dizer que tudo é linguagem vem reafirmar, na vizinhança conceptual de Lacan, a importância e a primazia da palavra, mas até mesmo em suas incidências corporais (...). É também corporalmente, carnalmente que tudo adquire sentido no homem, tudo adquire ‘sentido linguagem’. E é desta forma que um corpo se subjetiva, se torna um corpo de um sujeito que diz ‘eu’¹⁰¹.

7. A imagem inconsciente do corpo e as castrações simbologênicas: metapsicologia, teoria do desenvolvimento, psicopatologia e teoria do tratamento.

A. Metapsicologia da imagem do corpo.

A. O Narcisismo segundo Dolto

Entre as diversas noções das quais Françoise Dolto se apropriou, uma das que lhe é mais cara é a ideia do narcisismo, à qual oferece um aporte distinto do de Lacan. Assim como desloca a ideia de imagem para além do terreno escópico, em direção a outros sentidos, à propriocepção e à enterocepção, Dolto promove um deslocamento do narcisismo na direção das relações mais primitivas, mesmo àquelas anteriores à experiência do espelho.

Em Lacan, o narcisismo se constitui em uma tópica espacial, a da imagem invertida. E o outro (o semelhante) é sempre essencialmente um intruso. Para Dolto é o inverso: o eixo do narcisismo é anterior ao estágio do espelho. O narcisismo não é o efeito de um precipitado em uma imagem fascinante. É experimentado muito mais cedo, sentido como uma “mesmidade do ser” em

¹⁰¹ Guillerault, G. – prefácio de “*Tudo é Linguagem*”. São Paulo: Martins Fontes, 2002

um primeiro momento em relação com a mãe, mas logo separado do corpo da mãe.¹⁰²

De certo modo, ela não apenas promove uma extensão do conceito do narcisismo, é como se tomasse para si o próprio mito de Narciso, devolvendo-lhe ao terreno da oralidade (agora não mais na acepção psicanalítica do termo). Durante séculos os mitos sofreram as mutações próprias ao trânsito da cultura oral, antes que fossem imortalizados nas formas clássicas conferidas por Hesíodo, Sófocles e Ovídio, entre outros, que lhes protegeram dos desgastes do tempo.

No enredo escrito por Dolto ao encenar as relações entre a mãe e o bebê, Narciso responde a Eco. Antes que pudesse se perder em seu reflexo no lago, ele já forma uma imagem de si, uma unidade moldada, não pelos contornos nítidos oferecidos à visão pelo reflexo na água, mas uma unidade sensível, de limites nebulosos advinda das trocas sutis e verbais com sua mãe e com aqueles que o rodeiam. O nome que dá a este fenômeno é *narcisismo primordial* ou *fundamental*, anterior ao narcisismo primário e, de modo algum referido ao autoerotismo ou à ideia do isolamento auto-erótico.

Podemos, pois, dizer que, para além da distância do corpo a corpo entre o bebê e sua mãe alimentadora, quando esta saiu de seu campo visual, são as percepções sutis de seu cheiro e de sua voz que continuam a ser, para a criança, o lugar – no espaço que a rodeia – onde ela espere o retorno de sua mãe, ou seja, o lugar de seu elo narcisante com ela, e a continuação deste sentido de viver em segurança que ela experimenta com a mãe.¹⁰³

(...) No entanto a criança se sente coesa desde antes do estágio do espelho, graças às referências viscerais: por exemplo, as sutis sensações peristálticas contínuas de seu tubo digestivo, no qual ela sente o itinerário do objeto parcial oral, mostrando o seu estômago quando achou gostoso aquilo que comeu. Mais tarde percebe o trânsito abdominal, ela gosta de tocar e acariciar o seu ventre. Em seguida é o objeto parcial anal e sua expulsão que a situam em relação às sensações táteis e olfativas específicas. Tudo isto constitui um *continuum* coeso, interno, limitado ao conjunto de seu revestimento cutâneo, que sensações táteis delimitaram na ocasião dos cuidados maternos.

O fiador deste narcisismo primordial é o nome da criança, é ele quem carrega em si a história do narcisismo dos pais e o modo como a criança foi recebida no momento do seu nascimento, no instante de sua primeira castração *simboligênica*. Assim Dolto reencontra, mesmo em seus pacientes adultos, os ecos que envolveram sua chegada ao mundo,

¹⁰² Sauverzac, J-F. de. *Françoise Dolto, itinerario de una psicoanalista*. Pp 223.

¹⁰³ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. Pp. 54.

manifestações das primeiras percepções sonoras e que carregaram as tonalidades com que ela fora recebida pelos seus genitores. É esta a primeira camada do narcisismo sobre a qual irão se formar as outras, à moda da imagem da cebola com suas várias peles. Sobre este narcisismo primordial, junto ao esquema corporal, irão se erguer as outras dimensões da imagem inconsciente do corpo ao longo da história do sujeito.

1. O narcisismo primordial está ligado à assunção de fato, pelo recém-nascido, da castração umbilical. O fato de que, em suma, ele tenha sobrevivido ao nascimento, descobrindo sua autonomia respiratória e cardiovascular, acompanhada do olfato e do peristaltismo do tubo digestivo em sua totalidade.
2. O narcisismo primário resulta da experiência do espelho que revela à criança o seu rosto. Essa experiência é concomitante ou associada ao conhecimento do seu corpo enquanto sexuado, masculino ou feminino, e isto definitivamente, criando a distinção entre o possível e o impossível que não depende da vontade dos pais.
3. O que se apresenta à proibição do incesto, fonte de um narcisismo diferente, aquele que denominamos secundário, é o impedimento para as pulsões sexuais em sociedade de permanecer sem uma lei humanizada: permanecer por assim dizer, animais, e enquanto instintivos (o “Eu não fiz de propósito!” da criança) Seus desejos, doravante, a criança deverá dominá-los e fazer a distinção entre o pensar e o agir. Ela aprende a agir em seu nome, o que constitui sua identidade de sujeito no grupo social. Sua responsabilidade está comprometida nos seus comportamentos.¹⁰⁴

B. Imagem Corporal e esquema corporal.

A primeira distinção a ser feita diante do conceito de imagem inconsciente do corpo diz respeito a uma diferenciação fundamental entre o que Dolto chama de *imagem inconsciente do corpo* e aquilo que designa como *esquema corporal*. São instâncias diferenciadas, mas intimamente entrelaçadas ao longo do desenvolvimento do sujeito.

O esquema corporal reporta o corpo atual no espaço à experiência imediata. Ele pode ser independente da linguagem entendida como história relacional do sujeito com os outros. (...) é evolutivo no tempo e no espaço.¹⁰⁵

Assim, o organismo humano representado pelo esquema corporal e seus processos de maturação e desenvolvimento, encontram na obra de Dolto um lugar de destaque, ainda que sempre relativo à história do sujeito traduzida na imagem inconsciente do corpo. Deste modo,

¹⁰⁴ Dolto, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Pp.165.

¹⁰⁵ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. Pp. 15.

não passam despercebidos em sua teorização e sua clínica, aspectos orgânicos que a formação de pediatra permite observar e sublinhar. São elementos que incidem sobre o modo como o bebê e a criança se relacionarem com o mundo a sua volta, mas que adquirem significação simbólica apenas no contato com o outro. “O esquema corporal especifica o indivíduo enquanto representante da espécie, quaisquer que sejam o lugar, a época ou as condições nas quais ele vive.”¹⁰⁶

O esquema corporal é, em princípio, o mesmo para todos os indivíduos (aproximadamente da mesma idade, sob um mesmo clima) da espécie humana, a imagem do corpo, em contrapartida, é peculiar a cada um: está ligada ao sujeito e à sua história. (...) Daí resulta que o esquema corporal é, em parte, inconsciente, mas também pré-consciente e consciente, enquanto que a imagem do corpo é eminentemente inconsciente.¹⁰⁷

“Se o lugar, fonte das pulsões é o esquema corporal, o lugar de sua representação é a imagem do corpo”¹⁰⁸. Na construção desta frase, assim como em toda a sua obra, a ênfase é colocada principalmente nos aspectos ligados à imagem do corpo; simbólicos, constituídos na história das relações da criança: é este o campo de ação do psicanalista, esta a sua matéria de trabalho.

Mas a fonte das pulsões, o modo como esta emana do corpo em busca do objeto, ainda que não esteja no foco, dificilmente pode ser qualificada como secundária. Deste modo, Dolto parece se apoiar sobre a *História da Libido*¹⁰⁹, de Karl Abraham, refinando-a ainda mais.

Diriam respeito ao esquema corporal da fase oral, por exemplo, o fato de a criança ter ou não dentes, o que influi numa relação da zona erógena com o *objeto da pulsão parcial*: relação que pode ser de sucção ou de mastigação, com suas correspondentes psíquicas. Assim é também, com a diferenciação entre a faringe, laringe e glote, órgãos que compõem a oralidade e desempenham papéis simbólicos distintos na alimentação e na vocalização, o leite e a voz constituem assim, ambos, necessidade e desejo.

¹⁰⁶ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.14

¹⁰⁷ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.14

¹⁰⁸ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.28

¹⁰⁹ Mezan, R. *O inconsciente segundo Karl Abraham*.in Interfaces da psicanálise. Pp.115 -150.

São diferenciações orgânicas, relativas ao esquema corporal, que refinam as possibilidades de leitura clínica, mas que não são suficientes. Na fase anal, seguindo este raciocínio, ela destaca o papel do intestino e dos movimentos peristálticos que são vividos passivamente pelo sujeito e sua relação com o ânus, experimentado ativamente, e que assim participam da composição do par atividade-passividade.

O esquema corporal informa a imagem do corpo, mas é nela que o este ou aquele aspecto ganham seu caráter verdadeiramente humano. Pela linguagem, podem fundir-se na metáfora. É permitido, então, beber as palavras de alguém, devorar um livro, ou sentir o aroma de tabaco ou couro numa taça de vinho. Abre-se também a porta para a formação de sintomas que manifestam-se pelo corpo. Assim, ao longo do desenvolvimento, À título de exemplo, a mão de criança pode ganhar um significado ao longo da fase oral e outro, distinto e sobreposto a este na fase anal.

É possível, deste ponto de vista, que mesmo sobre um esquema corporal sadio, se constitua uma imagem do corpo comprometida e que, vice-versa, sobre um esquema corporal danificado, erga-se uma imagem de corpo saudável. Neste universo de possibilidades a linguagem desempenha o papel central.

Assim, uma criança paraplégica tem necessidade de brincar verbalmente com a mãe, falando sobre atividades como correr, saltar, coisas que sua mãe sabe, assim como ela mesma, que jamais poderá realizar. Ela projeta, desta maneira, uma imagem sã do corpo, simbolizada pela palavra e pelas representações gráficas, em fantasmas de satisfações eróticas, na troca de sujeito para sujeito. Que seus desejos sejam assim falados a alguém que aceita com ele este jogo projetivo, permite ao sujeito integrar na linguagem tais desejos, apesar da realidade, da enfermidade de seu corpo¹¹⁰.

Mesmo ao teorizar a respeito do esquema corporal, aquilo que se encontra mais próximo às manifestações orgânicas, Dolto sublinha sempre o papel do adulto e sua importância no acompanhamento das vicissitudes do crescimento das crianças. Até no terreno da metapsicologia há marcas de alguém que se preocupa em orientar pais e educadores, traços de um estilo. “Se você fosse um pássaro, poderia voar. Se tivesse pés, mãos, você poderia fazer como este garotinho... você é tão esperto quanto ele”.¹¹¹ É assim que ela sintetiza as considerações a respeito da imagem e do esquema corporal em crianças com algum tipo de

¹¹⁰ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.12

¹¹¹ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.13

paralisia. Num diálogo imaginário, mostra um adulto que oferece as palavras justas a uma criança lesionada que observa outras, com esquemas corporais intactos, de modo que sua imagem corporal possa se constituir – entrelaçada ao esquema corporal - de modo saudável e humano.

C. Imagem de base.

A imagem de base é aquela sobre a qual se fundam todas as outras, aquela que permite ao sujeito sentir-se coeso, ainda que passe por diversas transformações ao longo da vida. Se o percurso do desenvolvimento da história de um sujeito é o efeito de permanências e rupturas, a imagem de base é aquela que oferece - quando tudo corre bem - o sentimento de segurança e constância necessário ao enfrentamento das provas das castrações.

A imagem de base é o que permite à criança sentir-se em uma “mesmice de ser”, ou seja, em uma continuidade narcísica ou em uma continuidade espaço-temporal que permanece e vai se preenchendo desde o nascimento, apesar das mutações de sua vida e dos deslocamentos impostos a seu corpo e, a despeito das provas a que ele é levado a submeter-se. É assim que eu defino o narcisismo: como a mesmice de ser, conhecida e reconhecida, indo-devindo para cada um no espírito do seu sexo.¹¹²

É importante frisar que a segurança e a permanência são sentimentos que acompanham o sujeito, não uma realidade. Mesmo a imagem de base, instância sede destes sentimentos, está sujeita a transformações e acomodações. “O sentimento de existir de um ser humano, que sustenta seu corpo em seu narcisismo, sentimento que é evidente, provém desta convicção, sem dúvida ilusória, de continuidade”.¹¹³

A sensação de permanecer estável no espaço, de permanecer o mesmo no tempo e de permanecer consistente face à alteridade dos seres e das coisas funda, no mais profundo de cada um de nós, a certeza absoluta de permanecermos sempre os mesmos enquanto evoluímos constantemente.¹¹⁴

Durante a gestação, por exemplo, a imagem de base é uma imagem da relação com a placenta e o líquido amniótico, que alimentam e protegem sem variações de temperatura e

¹¹² Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.38

¹¹³ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.38

¹¹⁴ Nasio, J-D. *Meu corpo e suas imagens*. Pp. 29

com mínimas alterações de glicemia, a coesão ainda não é colocada em risco pelo frio e pela fome, por exemplo. Após o nascimento pode surgir uma imagem de base aérea “respiratória-olfativa-auditiva”, onde ao cavum, à faringe e à laringe, somam-se as representações do ventre, com as respectivas representações de vazio e cheio do estômago, nomeadas pela mãe como fome e saciedade.

A imagem de base anal sobrepõe-se às anteriores com “o funcionamento de retenção ou de expulsão do tubo digestivo e acrescenta também seu meio circundante de massa que constitui bacia, com uma representação tátil das nádegas e do períneo.”¹¹⁵

Quando a imagem de base é ameaçada, aparece um estado fóbico, meio específico de defesa contra um perigo sentido como persecutório, sendo a própria representação desta persecutoriedade fantasiada, ligada à zona erógena atualmente prevalecente para o sujeito. Este reagirá, portanto, àquilo que põe em perigo sua imagem de base, por um fantasma de perseguição visceral, umbilical, respiratório, oral, anal...¹¹⁶

D. Imagem funcional

É através da imagem funcional que o corpo e o sujeito se colocam em movimento e em relação, sempre na busca por objetos e pela possibilidade de enriquecer as relações com outros sujeitos e expressar os desejos.

Enquanto a imagem de base tem uma dimensão estática, a *imagem funcional* é a imagem de estênica de um sujeito que visa a realização de seu desejo. O que passa pela mediação de uma demanda localizada no esquema corporal em um lugar erógeno onde se faz sentir a falta específica, é o que provoca o desejo.¹¹⁷

Em geral, é sobre a imagem funcional que recai a repressão, mecanismo distinto da castração simbologênica, quase oposto justamente por não ser promotor da simbolização e não humanizante, mas cerceador da liberdade da criança. “Não mexa nisso!” “Fique quieta!”

¹¹⁵ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.39

¹¹⁶ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.39.

¹¹⁷ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.43.

A imagem funcional é (...) a imagem do que sente um corpo interiormente pululante, inteiramente ávido por satisfazer suas necessidades e desejos.¹¹⁸

Por exemplo, a expulsão pelo prazer da coluna de ar pulmonar, modificando a forma de abertura e a emissão de sons, o que permite a sublimação da analidade no dizer das palavras e na modulação da voz cantada.¹¹⁹

E. Imagem erógena.

A imagem erógena é aquela que carrega a história das relações de prazer e/ou desprazer do sujeito. Focalizada em determinada zona erógena do corpo, é instaurada através da repetição das trocas amorosas, nos momentos de cuidado em relação ao bebê e na relação com o outro, sempre mediada pela linguagem. A evolução da imagem erógena é marcada pela substituição dos objetos parciais da libido, dos modos de satisfação e, portanto das correlativas modalidades de relação com o outro. O trânsito entre as diferentes zonas erógenas (oral, anal, fálica, genital) são uma herança direta do arcabouço conceitual de Freud, fundado nas reflexões de Abraham, em torno do desenvolvimento da libido.

Ora, cumpre dizer que foi de início o jogo de presença-ausência do objeto de satisfação do desejo, enquanto este não estava ainda esgotado, que instituiu esta ou aquela zona como erógena.¹²⁰

É a partir da castração simbologênica que incidirá sobre determinada zona erógena que se dará a superação da prova da castração, permitindo que o sujeito simbolize as modalidades de prazer e de relação já vividas e possa lançar-se em direção a outras..

Direi que ela é associada a determinada imagem funcional do corpo, lugar onde se focaliza o prazer ou o desprazer erótico na relação com o outro. Sua representação é referida a círculos, formas ovais, côncavas, bolas, palpos, traços e buracos, imaginados como dotados de intenções emissoras ativas ou receptoras passivas, com fins agradáveis ou desagradáveis.¹²¹

A zona erógena é marcada como as bordas de determinada região do corpo, é um foco que se destaca do todo, em torno de um orifício, como uma região de prazer e de

¹¹⁸ Nasio, J-D. *Meu corpo e suas imagens*. Pp 27.

¹¹⁹ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.43

¹²⁰ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.50

¹²¹ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.44

memória. Ainda que a ideia de zona erógena seja comumente associada à boca, ao ânus, ao pênis ou ao clitóris, Dolto ressalta a importância dos cuidados maternos que, por assim dizer, instalam a zona erógena no corpo da criança, que afinal não é ‘fixa’ a determinada região.

F. Imagem Dinâmica

A imagem dinâmica representa uma particularidade deste sistema de pensamento, na medida em que não se trata propriamente de uma representação, mas de uma tensão associada ao conceito de pulsão; Dolto associa a noção de direção à ideia de uma energia psíquica. Estabelecem-se, deste modo, fluxos e circuitos pulsionais que transitam pelo corpo e recebem aportes vindos de objetos externos e refluem para o exterior, em busca de novos objetos.¹²²

A imagem dinâmica corresponde a um “desejo de ser” e de perseverar em um advir. (...) *não tem, portanto representação que lhe seja própria, ela é tensão de intenção*; Sua representação seria a palavra ‘desejo’, conjugada como um verbo ativo, participante e presente no sujeito, na medida em que encarna o verbo ir (...) ligado a cada uma das três imagens de comunicação atual ou potencial com as outras duas. *A imagem dinâmica expressa em cada um de nós o Sendo, chamado o Advir: o sujeito em direito de desejar, eu gostaria de dizer “em desejância”*.¹²³

Podemos falar de imagem dinâmica oral que, com respeito à necessidade, é centrípeta e, com respeito ao desejo, é simultaneamente centrípeta e centrífuga. Podemos falar de uma imagem dinâmica anal que é, em relação à necessidade, centrífuga e, em relação ao desejo, centrífuga ou centrípeta (sendo este último caso o da sodomia consumada sobre o outro ou sofrida em contrapartida de parte do outro nos homossexuais).¹²⁴

A imagem dinâmica genital é, na mulher, uma imagem centrípeta em relação ao objeto parcial peniano e, no homem, uma imagem centrífuga. No parto, existe uma imagem dinâmica centrífuga expulsiva, com respeito à criança que é sujeito, portanto objeto total, ainda que seja, este corpo de feto a nascer, objeto parcial para as vias genitais da parturiente, mulher e em breve, em relação ao sujeito, mãe, aceitante ou rejeitante para com a criança, tal como ela é na ocasião do seu nascimento.¹²⁵

¹²² Juan David Nasio, ao expor o conceito de imagem inconsciente do corpo, exclui a imagem dinâmica do sistema. De fato, não se tratando de uma representação, talvez não seja apropriado aplicar o termo ‘imagem’, pois isso seria levar o conceito longe demais. Apesar disso, a noção de que a pulsão refluí em determinadas direções e que as possíveis inversões são significativas me parece bastante útil, poderíamos assim falar em “aspecto dinâmico” da imagem inconsciente do corpo, num esforço de rigor com o vocabulário. Como minha intenção aqui é expor o conceito, vou me ater ao vocabulário usado por Dolto.

¹²³ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P. 45

¹²⁴ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.45

¹²⁵ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P. 46

B. Uma teoria do desenvolvimento

Como indicamos anteriormente, a imagem do corpo é a síntese viva, em constante devir, destas três imagens: de base, funcional e erógena, ligadas entre si através das pulsões de vida, as quais são atualizadas para o sujeito naquilo que denomino imagem dinâmica¹²⁶.

Uma das construções mais originais de Dolto, diretamente decorrente da imagem inconsciente do corpo surge da sua apropriação do conceito de castração. Ao cunhar a expressão ‘castrações simbologênicas’, cujo nome nos dá pistas a respeito das ideias que carrega, ela condensa num só termo muitas de suas posições. As castrações simbologênicas são - a um só tempo - fonte e fruto dos processos de simbolização.

Derivada da noção de imagem inconsciente do corpo, que tem um caráter eminentemente metapsicológico, a sua teoria das castrações se configura como uma teoria do desenvolvimento: nela Dolto formula a concepção daquilo que pensa como o percurso através do qual um bebê traça seu caminho desde o nascimento e através do complexo de Édipo, em direção à vida adulta.

As castrações simbologênicas são definidas como interdições a uma modalidade de satisfação libidinal predominante até então e, portanto, de uma modalidade de relação com o outro. São vistas por Dolto como provas pelas quais o sujeito humano deve passar para aposar-se de seu desejo e mover-se em busca de sua satisfação através do outro.

A importância que dá ao ambiente e à palavra; à linguagem enfim, é crucial para o atravessamento bem sucedido destas “provas” que são etapas progressivas de simbolização. O outro, apoiado na linguagem é quem permite desde muito cedo que uma satisfação corpo-a-corpo seja simbolizada, isto é, transformada pela linguagem.

A respeito da evolução das imagens do corpo, pode-se dizer que as dificuldades que ela encontra são sempre redutíveis a um mesmo cenário. O *desejo, agindo na imagem dinâmica, busca realizar-se graças à imagem funcional e à imagem erógena, em que se focaliza para atingir um prazer pela apreensão de seu objeto. Mas o desejo encontra, em sua busca, obstáculos à sua realização, seja porque o sujeito não tem um desejo*

¹²⁶ Dolto, F. *A Imagem inconsciente do Corpo*. Pp.44.

suficiente, seja porque o objeto está ausente, ou ainda porque o objeto é proibido.¹²⁷

Deste modo Dolto concebe um sujeito que se move pela articulação linguageira entre quatro dimensões da Imagem inconsciente do Corpo, o esquema corporal e o Outro. É uma concepção que organiza o desenvolvimento em fases, seguindo a tradição de Freud e Abraham, mas refinando-a a partir da experiência da observação e do trabalho clínico explorado desde os primeiros dias de vida.

A cada uma das etapas do desenvolvimento da criança corresponde uma castração. Cada um destes momentos é concebido como uma prova que a criança deve enfrentar e atravessar em companhia dos adultos à sua volta e das palavras significativas que estes lhe dirigem. A seu ver, a castração é ‘ofertada’ à criança e isso, por si só, já dá mostras da originalidade de sua visão. Usualmente castrar remete justamente à ideia de retirar algo, à ameaça a uma parte do corpo; à uma separação e carrega as angústias daí provenientes: Dolto promove uma inversão crucial que sobrepõe um ganho às perdas. Ganha-se, aí, a simbolização, uma nova modalidade da presença, novas possibilidades de relação: o que está no horizonte, ainda que como um ideal, é a sublimação.

Aqui, mais uma vez, podemos identificar os dois paradigmas aos quais me referi anteriormente, assim como duas dimensões da palavra ‘objeto’. Vejamos com mais detalhe: O que o bebê perde a cada etapa que supera? Uma resposta possível: perde o objeto parcial predominante, objeto privilegiado daquela determinada zona erógena. Isso, no entanto, não é o bastante para configurar uma castração simbologênica, se houvesse apenas a perda do objeto isso configuraria –segundo esta visão - uma experiência traumática. Para que haja uma castração que seja simbologênica, a perda do objeto parcial precisa necessariamente ser acompanhada das palavras verdadeiras dos adultos. Palavras que são o apoio necessário à criança para que consiga superar a prova, prova que consiste justamente na transmutação de um objeto em símbolo. Isso se dá de modo que possa, desdobrando-se, permanecer vivo sem que, no entanto, seja o mesmo, por que isso não seria mais possível.

A respeito da dinâmica do desejo e das pulsões:

¹²⁷ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.50

De fato, como o desejo transborda sempre a necessidade, os elos de percepções sutis do cavum, da audição, da visão, mais tarde do ânus, da vagina, do pênis, tornam-se zonas erógenas, por um lado em consequência de seu contato com um objeto parcial de apaziguamento em relação à mãe (mais tarde a um parceiro sexual), por outro, da ausência mediada pela linguagem, no caso de haver a falta do objeto parcial.

E então, adiante, considerações a respeito da mãe como *objeto total*:

Daí a importância primordial eminente da mãe, objeto total e sujeito que se expressa por uma linguagem gestual, mímica, auditiva e verbal, em intercomunicação com seu filho (enquanto este elabora suas imagens de base, funcional e erógena).

A ideia de prova, junto à importância crucial das palavras dos adultos na ausência dos objetos parciais, marcam justamente a importância das questões que referem-se ao paradigma objetual.

É a mãe, que através da palavra, falando ao filho sobre aquilo que ele gostaria, mas que ela não lhe dá, lhe mediatiza a ausência de um objeto ou a não satisfação de uma demanda de prazer parcial, valorizando, pelo próprio fato de falar disto, portanto, reconhecendo-o como válido, este desejo que se acha – situação da qual ela se compadece – denegado em sua satisfação.

Com seu estilo peculiar, parece dar pequenas orientações, que ilustram as noções que procura sustentar.

A zona erógena só pode ser introduzida na linguagem da palavra após ter sido totalmente privada do objeto específico pelo qual ela fora iniciada na comunicação erótica. Isto só é possível se o mesmo objeto total (a mãe) vocaliza os fonemas de palavras que especificam esta zona erógena: “O seio da sua mãe lhe é proibido agora”, “não, acabou, nada de mamar”. Palavras que permitem que a boca e a língua retomem seu valor de desejo.

Para, enfim, numa síntese que retoma a diferença entre desejo e necessidade:

E isto, porque o objeto parcial erótico é evocado pelo objeto total (mãe) que priva a criança do seio que ela deseja, mas uma criança cuja fome e sede já foram apaziguadas por outro meio, que não ‘precisa’ mais dele.¹²⁸

A castração significa, nesta perspectiva, uma completa reorganização dos quatro aspectos da imagem do corpo, que determina – em consonância com o esquema corporal –

¹²⁸ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. Pps 49 -50.

outra reorganização, agora relativa às modalidades de relação da criança com o mundo e com o outro. Há uma concepção de desenvolvimento que pressupõe um olhar minucioso para os processos de maturação, mas que de modo algum exclui as relações com o ambiente e com a linguagem que banha a criança desde o momento de sua concepção. A história das castrações é a história das relações entre corpo e linguagem.

Descrever, portanto, como as vicissitudes de sua história permitem, na melhor das hipóteses, que sua imagem de base garanta sua coesão narcísica. Para isto, é necessário: 1. Que a imagem funcional permita uma utilização adaptada do esquema corporal; 2. que a imagem erógena abra ao sujeito o caminho de um prazer partilhado, humanizante naquilo que tem como valor simbólico e pode ser expresso não apenas através de mímica e agir, mas com palavras ditas por outrem, memorizadas na situação pela criança que as utilizará com conhecimento de causa quando vier a falar.¹²⁹

A cada uma das castrações o que torna esta construção eminentemente psicanalítica é o fato de que a superação de uma etapa é caracterizada justamente por sua simbolização, não pelo seu abandono; o atravessamento é bem sucedido quando implica numa simbolização, uma mudança na sua natureza. O símbolo é o que permite que certa modalidade de prazer e, portanto, de relação não esteja mais lá, mas que siga presente sob outro status.

Daí decorre que cada estágio vem a modificar as representações que a criança pode ter de sua imagem de base; dito de outra forma, *existe uma imagem de base própria a cada estágio*. Surge assim, após o nascimento, *inicialmente uma imagem de base respiratório-olfativa-auditiva* (cavum e tórax); é a primeira imagem aérea de base. *Ela é seguida de uma imagem de base oral* que compreende não somente a primeira (...) mas também toda a zona bucal, faringo-laringe, que, ao cavum e ao tórax, associa a imagem do ventre, a representação do cheio e do vazio do estômago (que tem fome ou que está saciado) a qual pode estar em ressonância com as sensações de fome e repleção estomacal.¹³⁰

Juan-David Nasio, psiquiatra e psicanalista de origem argentina, foi aluno de Lacan e um dos psicanalistas formados no Seminário da Rua Cujas, onde assistia aos atendimentos de Dolto e participava das discussões de caso. Foi um dos muitos analistas a esforçar-se por divulgar a obra, os conceitos e o modo de trabalhar de Dolto. Até hoje dedica-se à didática da psicanálise: como professor e autor, ocupa-se de estudantes e daqueles que se aproximam desta disciplina, incumbindo-se da louvável tarefa de aproximar os conceitos dos iniciantes.

¹²⁹ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.44

¹³⁰ Dolto, F. *A imagem inconsciente do Corpo*. P.39

Numa apropriação da teoria das castrações de Dolto, ao falar em ‘crises de crescimento’, Nasio resume a prova das castrações à seguinte fórmula, condensada em algumas perguntas: O que permanece de cada etapa? O que se abandona para sempre? O que se conquista ao superar a prova? Três questões que sintetizam os movimentos de permanência e ruptura que marcam o atravessamento das castrações.

Ao referir-se a cada uma das etapas como ‘crises de crescimento’, Nasio sublinha o caráter, digamos, social de cada uma das ‘etapas da vida’, que seriam as seguintes: 1) O nascimento, 2) O desmame, 3) a descoberta da marcha e da linguagem, 4) a primeira escolarização, 5) A descoberta da Vida interior, 6) O primeiro amor fora da família, 7) A saída de casa. Fica em segundo plano a dimensão pulsional da superação destas provas, que busco resgatar aqui. Deste modo, aqui me aproveito da noção de ‘crises de crescimento’, que me parece útil para clarear o conceito de castração simboligênica, mas retomo o vocabulário de Dolto que ao denominar cada uma das castrações, faz questão de manter explícito o caráter pulsional ligado a cada uma delas.

A. A castração umbilical

Dolto não situa um ponto zero para o psiquismo. Um tanto marcada por uma visão religiosa e cristã do mundo e do ser humano, concebe um sujeito que está ali desde a concepção: se o feto desenvolveu-se é porque em algum lugar havia um desejo de viver, um sujeito. Deste modo a vida intra-uterina é concebida, desde já como um modo de relação e há marcas e traços de memória que remontam às relações do bebê com a placenta e o líquido amniótico.

O nascimento é então visto e vivido não como o início, mas como a primeira ruptura, primeira transformação, primeira *castração simboligênica*. É o momento em que a alimentação e a oxigenação via cordão umbilical são substituídas pelas mamadas e pela respiração, é o advento da oralidade como modalidade fundamental de relação.

Neste momento surge uma *imagem de base* aérea associada ao imperativo da respiração. Sobre esta imagem se estabelecem as impressões olfativas mais primitivas e os

primeiros prazeres associados à vocalização. Uma imagem de base que registra o trato digestivo e o estômago, sobre a qual serão impressas a fome e da saciedade, desconhecidas durante a gestação. Os contornos e limites do corpo, oferecidos até então pela placenta e pelo líquido amniótico, passarão a depender do colo da mãe, somente a partir deste momento o bebê passa a ter noção de sua massa corporal. Rearranjos colossais relativos à enterocepção, à propriocepção e à percepção.

São diversas figuras de uma dependência que toma novos contornos: se antes o feto desenvolvia-se, como diz Dolto, sob uma ética vampiresca, quase parasitária, em relação à mãe e à placenta, depois do parto a fusão que ainda existirá, receberá novos aportes, onde a atividade do bebê passa a ocupar um lugar central e as variações de percepção passam a ser vividas com toda a intensidade.

Existem duas fontes de vitalidade simbólica que promove a castração umbilical: uma devido ao impacto orgânico do nascimento no equilíbrio da saúde psicossomática da mãe, e nesse sentido do casal de cônjuges em sua relação genital; a outra é o impacto afetivo que a viabilidade da criança traz, com mais ou menos narcisismo, a cada um dos genitores que, em decorrência disto, vão adotá-la com as características de sua emoção do momento, e introduzi-la em sua vida como portadora do sentido que ela teve para eles naquele momento.¹³¹

A relação primordial de prazer e desprazer se dará em torno da boca, zona erógena sobre a qual se estabelecerão e simbolizarão as relações com a mãe objeto-total, que oferecerá o seio – objeto parcial da pulsão – de modo a saciar as necessidades e constituir o desejo. Um aspecto que merece ser, mais uma vez ressaltado por sua originalidade é o valor atribuído por Dolto, desde a metade do século XX, à dimensão das trocas verbais entre a mãe e o bebê. Dimensão esta que hoje é amplamente conhecida, especialmente no campo dos estudos que giram em torno dos transtornos ou distúrbios precoces do desenvolvimento.

Se Melanie Klein já havia atentado para os aspectos ligados à amamentação, à relação entre a amamentação e a constituição do seio enquanto objeto interno, Dolto lançava luz sobre as trocas verbais - de linguagem - que associava, no corpo, à laringe e às vias aéreas, assim como ao olfato, que faziam com que a mãe se tornasse um campo de segurança com o qual o bebê se relacionava e sobre o qual constituiria-se o seu narcisismo primordial.

¹³¹ Dolto, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Pp.76.

Françoise Dolto distingue, de um lado, os objetos concretos e *substanciais*, como a comida e os excrementos que intervêm no contato corpo a corpo entre a criança e a mãe, e, de outro, os objetos sutis, perceptíveis à distância, como um olhar carinhoso, o timbre de uma voz ou o cheiro delicado e suave da pele.¹³²

Seguindo o esquema de Nasio citado anteriormente, poderíamos responder da seguinte maneira às três perguntas relativas à “crise de crescimento” representada pela castração umbilical.

O nascimento.

- O que a criança abandona?
 - O estado passivo fusional da vida fetal.
- O que a criança conquista?
 - O estado ativo e desejante da vida ao ar livre.
- O que a criança conservará sempre?
 - O desejo e o prazer de dormir e a sensação elementar de estar viva.¹³³

B. A castração oral

A castração oral é marcada pelo desmame, pela substituição do aleitamento como fonte exclusiva de alimentação e pela substituição de uma modalidade de relação em que a sucção e a deglutição ocupam o centro do palco. A fusão entre a boca e o seio, entre o bebê e a mãe através da incorporação do leite, são cada vez mais substituídas pelas trocas verbais entre a mãe e o bebê e entre ele e aqueles que o rodeiam. O fruto da castração oral (desmame do corpo a corpo alimentador) é a possibilidade, para a criança, de chegar a uma linguagem que não seja apenas compreensível pela mãe: é o que vai lhe permitir não mais ser exclusivamente dependente dela. Mesmo na travessia desta prova que pode ter, aparentemente, um caráter mais abrupto (num dia o bebê ainda mama e tem acesso ao seio da mãe, no dia seguinte este acesso lhe é negado) Dolto insiste no caráter gradual.

¹³² Nasio, J-D. *Meu corpo e suas imagens*. Pp. 27.

¹³³ Nasio, J-D. *Um psicanalista no divã*. Pp 110.

O desmame

- O que a criança abandona?
 - O seio da mãe vivenciado pela criança como uma parte de si mesma e o primado da boca (sucção) para apreender o mundo.
- O que a criança conquista?
 - A aptidão a se nutrir de alimentos cada vez mais sólidos que são sentidos pela criança como coisas distintas de si própria.
 - A boca e a garganta, órgãos sonoros da linguagem: balbucio, depois tagarelíce.
- O que a criança conservará sempre?
 - O desejo e o prazer de sugar.¹³⁴

C. A castração anal

O traço mais evidente da castração anal é a possibilidade de controle dos esfíncteres e do asseio a ele associado. A possibilidade de exercer um controle sobre o xixi e o cocô são um importante “marco civilizatório” e a separação em relação às próprias fezes, especialmente, marcam mais esta etapa do desenvolvimento. Apesar deste aspecto que já é comumente associado à fase anal, Dolto faz questão de sublinhar tudo aquilo que acontece de forma concomitante ao controle dos esfíncteres e que ocupa um lugar tão central quanto ele no desenvolvimento da criança.

A possibilidade de um maior domínio sobre o próprio corpo se expressa também sob a forma de inúmeras conquistas: a possibilidade da marcha e de uma deambulação autônoma, que permitem que a criança se aproxime e afaste da mãe de forma independente, aumentando o raio de segurança em torno dela; as conquistas que Dolto chama de ‘tecnológicas’ e que consistem na possibilidade de agir sobre o mundo com uma intenção, transformando-o, de adquirir habilidades motoras que permitam uma maior independência, são todas aspectos que marcam esta etapa.

¹³⁴ Nasio, J-D, *Um psicanalista no divã*. Pp 111.

Novamente, associando o papel do ambiente aos aspectos ligados à pulsão, ela dá bastante importância à presença dos adultos e à possibilidade de que estes transmitam à criança seus valores e possibilidades de realização prazerosa conforme as regras de convívio do grupo.

Indiquei acima que *a castração oral devia sua denominação ao fato de que ela tinha sua fonte no funcionamento esfinteriano voluntário e seu domínio*, ainda que seu alcance humanizante vá bem além desta única aquisição que denominamos a da higiene (...) eu diria até mesmo que esta aquisição *quando é muito precoce, longe de ser educativa, é mutiladora. Neste sentido ela não opera como castração simbólica*, abrindo à criança os prazeres da sublimação das pulsões anais. (...) Que os adultos coloquem muito cedo e/ou muito intensamente a ênfase sobre a exigência do “tornar-se limpo” acaba por atribuir às necessidades um valor que só deveria ser dedicado ao desejo das trocas socializantes¹³⁵.

A castração anal configura-se como uma etapa crucial na tarefa progressiva que é a separação em relação à mãe, em direção à independência possível e para dentro do reino do “fazer”.

O fruto da castração anal (ou ruptura do corpo a corpo tutelar mãe-criança) priva a criança do prazer manipulatório com a mãe. (...) Uma vez operada sem angústia pela mãe, que dá assistência verbal, tecnológica ao filho, reassegura a criança prestes a assumir-se no espaço tutelar, a efetuar suas próprias experiências, a adquirir uma autonomia expressiva, motora, referente a suas necessidades e a numerosos desejos seus.

Este domínio motor, encarnado na possibilidade da marcha autônoma e na progressiva habilidade no manuseio dos elementos do mundo, coloca a criança pequena diante de novas possibilidades e desafios no campo da linguagem. A separação em relação ao corpo da mãe também marca a separação entre a criança e seus outros, entre os seus desejos e o desejo deles. “Entendo por castração anal a proibição de fazer o que quer que seja para o seu prazer erótico”¹³⁶. Este é o germe da vida nos espaços coletivos.

De fato, *a diferença entre o imaginário do fazer-com-um-outro supostamente semelhante a si e a realidade onde o outro não tem absolutamente vontade de se comportar como ela o esperaria instrui a criança a respeito deste fato: que seu desejo imaginário não corresponde ao desejo imaginário de outrem.* (...) Mas se a instância tutelar lhe explica que

¹³⁵ Dolto, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Pp. 100.

¹³⁶ Dolto, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Pp.115

cada um tem seus desejos, e que quando os desejos se encontram é que há prazer para os dois, ela terá descoberto a chave para a vida em sociedade¹³⁷.

A descoberta da marcha e da linguagem

- O que a criança abandona?
 - A locomoção através do engatinhar.
 - O balbucio.
 - O sentimento de indiferenciação entre si mesma e os outros.
 - O mundo fechado do par mãe-filho.
- O que a criança conquista?
 - A marcha que lhe permite se aproximar e afastar da mãe.
 - Suas primeiras frases, seus primeiros “Não” e seus primeiros “Quero”.
 - O poder de dominar seus esfíncteres e o orgulho de dominar seu corpo.
 - A tomada de consciência da diferença entre si mesma e os outros.
 - A percepção de sua mãe como uma pessoa independente de si.
 - O reconhecimento de seu pai como uma pessoa diferente da mãe.
- O que a criança conservará sempre?¹³⁸
 - O desejo e o prazer de estar em dupla.

D. O espelho

Dolto demora a integrar em seu sistema conceitual, que é bastante freudiano em sua terminologia, o estágio do espelho, e quando o faz, novamente apropria-se dele de forma crítica e acrescentando suas próprias concepções, que o colocam, assim como o narcisismo para além do campo visual e do reconhecimento da própria imagem.

Acrescento que valorizamos frequentemente a dimensão escópica das experiências ditas especulares: sem razão, se não insistimos no aspecto relacional, simbólico, destas experiências que a criança pode fazer. Não é suficiente que exista realmente um espelho plano. De nada serve se o sujeito á confrontado com a falta de um *espelho de seu ser no outro*. Pois é isso que é importante.¹³⁹

¹³⁷ Dolto, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Pp. 114.

¹³⁸ Nasio, J-D, *Um psicanalista no divã*. Pp 112.

¹³⁹ Dolto, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Pp.121

O longo percurso de diferenciação em relação ao corpo-a-corpo com a mãe tem seu ponto culminante na experiência do espelho e na inflexão que este contato tem sobre o narcisismo da criança, lembrando aqui que o narcisismo é tomado por Dolto numa acepção bastante própria. Somente agora, com a chegada ao estágio do espelho (este também visto de forma diferente daquela descrita por Lacan e mesmo por Winnicott), é que ela terá, visualmente e acompanhada – outra vez – pelas palavras dos adultos a dimensão de como os outros a vêem.

O que permite a integração motora para o sujeito de seu corpo, próprio - integração que sanciona na relação com o outro, a castração anal – é o momento narcísico que a experiência psicanalítica permitiu isolar como estágio do espelho.

Falar de estágio é, aliás, em si, algo abusivo, já que se trata, antes, de uma assunção do sujeito em seu narcisismo; assunção esta que permite e recobre o campo de castração própria ao estágio anal, e que faz sentir seus efeitos além, na realização da diferença dos sexos (castração primária, como veremos mais adiante).¹⁴⁰

Nasio, mais uma vez, com seus esforços de síntese e didática, constrói uma tabela onde confronta as concepções de Dolto e Lacan a respeito do espelho e que pode nos ser útil¹⁴¹.

| | Dolto | Lacan |
|-----------------------|--|--|
| Unidade do <i>Eu</i> | A criança adquire a unidade do seu <i>eu</i> graças ao <i>desejo</i> que <i>sente</i> . | A criança adquire a unidade do seu <i>eu</i> graças à <i>imagem</i> que <i>vê</i> |
| Afirmção do <i>Eu</i> | Dolto não distingue entre <i>Eu</i> e <i>eu</i> : para ela há apenas o <i>eu</i> e o <i>si</i> . Portanto a unidade do eu vem do <i>interior</i> , das sensações internas de desejo e de trocas afetivas e eróticas com o outro. | A formação do <i>Eu</i> vem do <i>exterior</i> , do impacto visual produzido no bebê pela descoberta da imagem especular de seu corpo. |
| Sujeito/Objeto | <i>Para Dolto, o espelho é desestruturador</i> ; ela considera que a fascinação da criança por sua imagem a transforma num objeto entre outros objetos. | <i>Para Lacan, o espelho é estruturador</i> ; ele considera que o espelho é um notável agente formador da identidade precoce da criança. A imagem especular ajuda-a a se tornar <i>sujeito</i> , uma vez que lhe fornece a matriz de seu <i>Eu</i> simbólico e de se eu imaginário. ¹⁴² |

¹⁴⁰ Dolto, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Pp.121.

¹⁴¹ Nasio sintetiza uma questão extensa e de bastante interesse, da qual se ocupou de forma detalhada Gérard Guilleraut no livro *Dolto, Lacan y el estágio del espejo*.

¹⁴² Nasio, J-D. *Meu corpo e sua imagens*. Pp.132.

É apenas após a experiência especular, que a criança repete experimentalmente por suas idas e vindas deliberadas diante do espelho, que ela começa, de certa forma a se apropriar de seu próprio corpo e armadilhar ali seu narcisismo, o qual, desde então, leva o nome de primário. *O parecer se põe a valer, por vezes a prevalecer, sobre o sentir ser.*¹⁴³

E. A castração primária

“Trata-se da descoberta da diferença sexual entre meninas e meninos”¹⁴⁴. À medida em que ela passa a ser quem decide os caminhos do próprio corpo, toma posse de sua imagem, a criança pode pouco a pouco assumir as responsabilidades pelo que diz e faz. Este é o momento em que surge, no dizer de Dolto, a possibilidade de se “autopaternalizar”, de decidir segundo uma escala de valores transmitida pelas figuras familiares; é o momento em que se adentra o terreno da ética: há que se fazer a diferença entre o que é bom e o que é mau, entre o bem e o mal, entre o que é ‘bonito’ fazer e entre o que ‘não é bonito’ fazer, julgamentos estético-morais que já implicam em que o olhar do outro esteja em jogo.

A primeira escolarização

- O que a criança abandona?
 - O ninho seguro da família.
 - A ideia de que seu pai e sua mãe têm o mesmo sexo.
- O que a criança conquista?
 - As primeiras trocas fora da família, os primeiros flertes e o sentido da amizade.
 - A ideia de que seu pai é um homem e sua mãe, uma mulher.
 - Seu desejo enquanto menina ou enquanto menino.
- O que a criança conservará sempre?¹⁴⁵
 - O sentido de família.

¹⁴³ Dolto, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Pp.129.

¹⁴⁴ Dolto, F. *A imagem inconsciente do corpo*. Pp. 135.

¹⁴⁵ Nasio, J-D, *Um psicanalista no divã*. Pp 113.

F. A castração edípica.

Aqui, talvez mais do que em qualquer outro ponto, vemos o quanto Dolto é freudiana: suas considerações teóricas a respeito do complexo de Édipo seguem de forma bastante próxima as construções freudianas. O que traz como contribuição, neste ponto, são ilustrações clínicas e considerações a respeito de como os genitores pode, através das palavras, fazer com que a criança atravessasse este momento de modo satisfatório, que a leve a poder empregar sua libido de formas criativas, “superando formas de raciocínio e afetividade pré-edípicas e edípicas”. Mas, mesmo aqui, o olhar de pediatra deixa suas marcas.

A perda dos dentes nos sonhos dos adultos representa uma imagem corrente da angústia de castração. A queda dos dentes, estes dentes mediadores das pulsões orais ativas e sádicas, assinalou no esquema corporal a aceitação edípica, a mutação do narcisismo primário em narcisismo secundário. A regulação da economia libidinal inconsciente antes do Édipo podia ser descrita como uma homeostase entre o “Isso”, o “Eu”, e o “Eu” ideal guardado por um pré-Super “Eu”. Esta economia é modificada pois o “Eu” não tem mais um “Eu” ideal: um Ideal de “Eu”, que não é representado por uma pessoa existente, tomou o lugar do alvo a ser atingido que sustentava as motivações conscientes e inconscientes do desejo. (...) Agora é um Supereu articulado sob os fantasmas que ela mesmo se criou no momento de seu desejo impossível pelo objeto incestuoso.¹⁴⁶

A noção de imagem dinâmica, com as direções que confere à libido (centrífuga ou centrípeta) também traz um enriquecimento das possibilidades de leitura clínica ao se pensar o complexo de Édipo em meninos e meninas e os diversos direcionamentos dos desejos incestuosos e das dinâmicas identificatórias. Neste ponto é que mais vemos em operação a engrenagem teórica que coloca em movimento os aspectos ligados à pulsão e aos objetos.

Ao mesmo tempo, carrega também as marcas do pensamento de Lacan: é um modo de ver o Édipo bastante próximo das preocupações com a linguagem e os processos de simbolização. Desta perspectiva a castração edípica marca também uma importante linha divisória em relação aos processos de simbolização e à imagem inconsciente do corpo.

Dizer que a imagem inconsciente do corpo é a encarnação simbólica do sujeito significa que estão inscritas ali apenas as emoções simbolizadas, ou seja, aquelas que têm um sentido linguageiro, de comunicação inter-humana, em todo caso, aqueles que tiveram este sentido para o sujeito. A simbolização de que se trata aqui é de fato uma pré-simbolização. A

¹⁴⁶ Dolto, F. *A Imagem inconsciente do Corpo*. Pp.168.

simbolização propriamente dita intervindo apenas com a castração edipiana e o acesso simbólico à ordem da Lei é a mesma para todos, sem prerrogativas para certos sujeitos em relação a outros que estariam isentos desta. De fato, é somente após a castração edipiana que o sujeito pode dizer “Eu” em seu próprio nome, ‘Eu sou filho ou filha de X...’, este nome que significa sua filiação e justifica a proibição do incesto.¹⁴⁷

A descoberta da vida interior

- O que a criança abandona?
 - A convicção de que seus pais conhecem todos os seus pensamentos.
 - O impudor e a inocência infantis.
- O que a criança conquista?
 - A idade da razão e a consciência da morte.
 - A descoberta da vida interior. Primeiros segredos e primeiras mentiras
 - O pudor a vergonha e a culpa.
 - O prazer dos devaneios solitários.
- O que a criança conservará sempre?¹⁴⁸
 - A inocência, o prazer de se entregar ao outro confiantemente, e a vontade de dividir seus pensamentos e emoções.

É através do desenho, da modelagem e do discurso tecido a respeito deles que um analista pode ter acesso às representações da Imagem do Corpo de um paciente. Aí encontra-se novamente o amálgama entre imagem e palavra. Deste modo, a partir de uma fala Dolto pede que a represente graficamente e a partir de um desenho, pede que a criança fale, chegando sempre a uma representação multifacetada do dizer de seus pacientes

O setting no qual Dolto trabalha com os pequenos é simples, quase espartano. Papel e material para desenho, massa de modelar, uma mesa de trabalho à qual se senta ao lado perpendicular ao que se senta a criança. No caso do seu seminário, há ainda uma pequena audiência, composta por analistas em formação que participa como uma espécie de plateia silenciosa que participa ativamente quando é convocada pela criança.

¹⁴⁷ Dolto, F. *A Imagem inconsciente do Corpo*. Pp. 208.

¹⁴⁸ Nasio, J-D, *Um psicanalista no divã*. Pp 114.

São elementos que configuram a sua escuta e que atestam a um só tempo seu rigor metodológico e suas preocupações com os aspectos relativos à transmissão.

C. Psicopatologia da imagem inconsciente do corpo, mais uma visão acerca da história da psicanálise.

Outro autor contemporâneo a se debruçar sobre a história da psicanálise é Luis Cláudio Figueiredo que, sobre bases distintas - mas que se aproximam da visão proposta por Mezan exposta anteriormente – organiza o panorama de reflexões acerca da psicopatologia psicanalítica em torno de “matrizes teóricas”¹⁴⁹. Podemos dizer que se trata de um olhar *mais localizado* para a produção dos diversos autores em psicanálise, pois coloca o foco nas construções acerca da psicopatologia.

Enquanto Mezan propõe uma concepção de história que leva em conta tanto os problemas intrínsecos ao campo da epistemologia quanto aqueles de ordem geográfica, política e clínica, Figueiredo, ao menos momentaneamente, centra o seu olhar nos problemas ligados àquilo que chama de adoecimentos psíquicos. Dos ‘quatro gomos’ fundamentais de uma teoria – lembrando: a *metapsicologia*, a *teoria do desenvolvimento*, a *psicopatologia e a teoria do tratamento* – escolhemos, por hora, o terreno da psicopatologia para um exame mais minucioso. Novamente pareceu produtivo empenhar-me neste movimento de sobrevoo que permite situar a obra de Dolto (em especial a *Imagem Inconsciente do Corpo*) em relação aos autores que a precederam, com os quais conviveu, e também aos que a sucederam.

Figueiredo sustenta suas reflexões acerca da psicopatologia psicanalítica sobre uma concepção de saúde em relação à qual podemos pensar a patologia sem que esta seja referida à adaptação a determinada norma ou mesmo à uma possibilidade de demarcar clara e

¹⁴⁹ É importante ressaltar que aqui o termo “matriz” assume uma conotação diferente daquela adotada por Mezan. Ambos os autores se atêm ao sentido de matriz como um uma estrutura geradora, que produz ou dá vida a outros elementos ou formas.

Renato Mezan fala em “matrizes clínicas”, que seriam uma das forças que impulsionam certa teoria em uma determinada direção, colocando-a certos problemas no campo da clínica. Seriam, sob esta ótica, ‘matrizes clínicas’ a histeria, a neurose obsessiva, a melancolia, a paranoia, etc, quadros que demandam certas ferramentas teóricas que os permitam compreender.

Luis Cláudio Figueiredo se vale do termo matriz no campo da teoria psicanalítica e associa-o a alguns autores fundamentais. Trata-se, portanto, de ‘matrizes teóricas’ que geram desenvolvimentos epistemológicos e correntes de pensamento posteriores.

absolutamente uma linha que separa “sãos” e “doentes”. O autor costura uma visão que considera dinâmicas e tendências; processos, intensidades e a dimensão temporal que configuram o pensamento psicanalítico em sua especificidade.

Em primeiro lugar, precisamos de uma concepção integrada e não normativa de saúde, isto é, a saúde concebida não como um *estado*, mas como *processo* (cf. Figueiredo, 2015). Cabe, também, dissolver a simples oposição entre doenças e saúde, encontrando os lugares das doenças nos processos de saúde; tais processos comportam paradas e regressões, desvios e extravios passageiros que irão caracterizar ‘momentos de adoecimento’. Em bebês, crianças, adolescentes tais ‘adoecimentos saudáveis’ são muito evidentes e conhecidos. Em todas as idades, porém, haverá momentos desta natureza, dando aos processos de saúde uma complexidade imensa e uma evolução nada linear. É o caso, por exemplo, de nossas reações a vacinas, mas algo equivalente pode ser encontrado mesmo na ausência de uma vacinação premeditada, como quando as crianças pequenas começam a frequentar a escolinha infantil e de lá voltam com as chamadas ‘doenças da infância’ ou meros resfriados. Como sabemos, tais adoecimentos são a regra e, mais que isso, são necessários para a produção de anticorpos que farão parte dos processos de saúde dos indivíduos.¹⁵⁰

A psicopatologia é, então, genericamente pensada sob a ótica das interrupções destes chamados “processos de saúde”. Deste ponto de vista, de bastante modo geral, podemos definir o adoecimento como uma interrupção neste fluxo, uma paralisia nos movimentos; nos ‘processos de saúde’. Há aí uma dimensão temporal subjacente, bem como certa manutenção de um dos modelos proposto por Freud, quando pensa em descargas, investimentos ou represamentos dos fluxos libidinais.

Há situações, porém, em que os adoecimentos, mesmo aqueles que poderiam fazer parte dos processos de saúde, ganham a capacidade de ‘fixar-se’ e crescer, gerando verdadeiras interrupções nos processos de saúde, regressões mais ou menos definitivas, desorganizações perigosas. Trabalharemos ao longo de todo o texto com esta ideia fundamental: adoecimentos somáticos ou psíquicos – e é discutível se nos valerá a pena sustentar esta distinção – serão sempre interrupções mais ou menos graves nos processos de saúde. Veremos, igualmente, que se gera aqui um paradoxo: tais interrupções assumem também a forma de ‘fugas para a saúde’, isto é, de tentativas precipitadas de defender-se de alguma ameaça aos processos de saúde que, contraditoriamente, de alguma forma os interrompem.¹⁵¹

¹⁵⁰ Figueiredo, L. C. (em fase de publicação) Pp.11.

¹⁵¹ Figueiredo, L. C. (em fase de publicação) Pp 12.

Diante desta formulação geral daquilo que subjaz aos processos de saúde e adoecimento, desenham-se duas grandes matrizes de pensamento acerca daquilo que está envolvido no campo da psicopatologia.

A uma, que sem sombra de dúvida é a fundante e central, chamaremos de *matriz freudo-kleiniana*, centrada nas angústias e nos inúmeros mecanismos de defesa contra elas, sendo que os adoecimentos ocorrem justamente em virtude do relativo sucesso de tais defesas. A pressuposição básica é a de que as atividades defensivas são, de certa forma, inesgotáveis, ainda que tragam prejuízos mais ou menos graves para o funcionamento do psiquismo: por pior que seja o sofrimento e a dor, haverá sempre um recurso defensivo disponível, como nos alerta Green.

A outra matriz supõe, ao contrário, que há modalidades e intensidades de sofrimento e dor que ultrapassam as capacidades ativas do psiquismo, deixando-o provisoriamente ou definitivamente inerte, em estado de morte ou quase morte, com a morte em suspensão (Ferenczi), reduzindo assim o psiquismo a uma condição de passividade. Mesmo quando aí se produzem ‘movimentações’ em que se poderiam identificar processos defensivos, trata-se, no melhor dos casos, de ‘defesas passivas’. Esta matriz, suplementar à outra, e que não a torna obsoleta, chamamos de *matriz ferencziana*.

A cada uma destas grandes matrizes estão associados diferentes modelos de adoecimento e, correlativamente a elas, podem ser delineadas distintas direções de cura.¹⁵²

A primeira delas, a matriz freudo-kleiniana concentra suas atenções nos mecanismos de defesa empenhados pelo psiquismo frente às diversas modalidades de angústia e nos custos associados a esta ativação. O acionamento maciço de certas modalidades de defesa contra a angústia implicaria em ‘deformações’ egóicas e nos modos de funcionar do sujeito.¹⁵³

Uma característica fundamental da matriz freudo-kleiniana é a de centrar toda a problemática dos adoecimentos psíquicos nas experiências das angústias e nas formas ativas de o psiquismo delas se defender. Assim sendo, será imprescindível analisar os processos de formação das angústias e suas configurações, bem como os mecanismos de defesa contra elas acionados, mostrando como os adoecimentos decorrem, paradoxalmente, não das falhas das defesas, mas, ao contrário, do seu sucesso. Um sucesso de alto custo, certamente, em termos de sofrimento psíquico. Nele, mais e variadas angústias acabam sendo geradas. Cria-se, assim, o círculo vicioso das repetições, a *compulsão à repetição* – daí se originando uma forma particular de interrupção dos processos de saúde. Quanto mais cedo e devastadoras as angústias se apresentam nos processos de constituição do

¹⁵² Figueiredo, L. C. (em fase de publicação) Pp. 10.

¹⁵³ Neste trecho fica clara a importância da noção de matriz clínica mencionada anteriormente, no contexto da exposição de “O Tronco e os ramos”. Talvez a versatilidade do conceito de imagem inconsciente do corpo venha justamente do fato de a clínica psicanalítica de Françoise Dolto ter suas origens justamente na pediatria e na escuta de crianças e bebês muito pequenos. Um psiquismo em seus primeiros momentos de estruturação comporta em si certa indefinição estrutural, no terreno do arcaico talvez não seja ainda possível definir qual matriz está em jogo.

psiquismo, quanto mais desamparado e sujeito a situações traumáticas está o psiquismo em estado nascente, quanto menos recursos egóicos existam para exercer as funções de contenção, mediação e transformação da experiência emocional, mais radicais serão as defesas acionadas e mais maciço o seu uso.¹⁵⁴

De outro lado Figueiredo identifica a linha de autores que, seguindo a pista da Ferenczi, ocupam-se dos processos de adoecimento psíquico cuja preponderância não se encontra nos mecanismos de defesa contra a angústia e nas deformações do ego deles decorrentes, mas sim em torno da noção de trauma e dos aspectos ligados à prematuridade do bebê humano e sua dependência em relação ao meio que o acolhe.

A matriz ferencziana nasce em uma posição de complementaridade à outra; segundo a maioria dos autores, assim permanecerá, não podendo vir a ocupar uma posição central e menos ainda exclusiva no campo psicanalítico¹⁵⁵. Contudo, ainda que nesta posição relativamente discreta, ela se mostrará indispensável para pensar certas modalidades de adoecimento, modalidades que não parecem caber adequadamente nos limites da matriz freudokleiniana, e que foram se impondo à consideração da clínica psicanalítica, seja por seu número crescente nos nossos consultórios, seja pelos desafios que nos trazem. Nestas modalidades, a interrupção dos processos de saúde é ainda mais precoce e mais radical do que se pode observar na matriz freudokleiniana.

O que é fundamental neste novo contexto é o reconhecimento dos ‘traumatismos precoces’, experiências de ruptura que produzem uma verdadeira aniquilação das capacidades de defesa e resistência. As angústias não chegam a se formar, são liminarmente evitadas por uma verdadeira extinção de áreas do psiquismo que morrem, ou melhor, deixam-se morrer. No lugar de angústias, caberá falar em *agonia*, um termo sugerido por Winnicott em um texto tardio, mas que nos parece adequar-se a uma vivência do que antecede e antecipa a experiência da morte no moribundo prestes a render-se à não existência. Se as angústias podem ser pensadas como fenômenos da vida, da vida agitada pelas pulsões e afetos, e pelas impressões sensoriais, e dos sofrimentos tremendos que a vida comporta, a *agonia* é um fenômeno da morte, a morte antecipada, ou da morte em estado de suspensão, como sugere Ferenczi em uma passagem decisiva de seu *Diário Clínico* a que voltaremos adiante.¹⁵⁶

Neste ponto talvez seja interessante retomar a noção de ‘matriz clínica’, ainda que se corra o risco de promover certa confusão ao usar o mesmo termo para noções distintas, assim tão próximas no texto. O que me parece importante é ressaltar que a ideia de ‘matriz clínica’, ainda que não esteja explícita sob esta alcunha na concepção das matrizes teóricas propostas

¹⁵⁴ Figueiredo, L. C. (em fase de publicação) Pp. 03.

¹⁵⁵ Fora deste campo, por exemplo, no das teorias dos traumas no atendimento a ‘sobreviventes’ de grandes catástrofes, a matriz ferencziana pode se tornar central e quase exclusiva. Não vamos focalizar, porém tais empreendimentos. (nota do autor).

¹⁵⁶ Figueiredo, L. C. (em fase de publicação). Pp. 04.

por Luis Cláudio Figueiredo, está na origem destas construções tão originais. Afinal, se é possível formular questões e soluções tão distintas a respeito da psicopatologia, isto não se deve apenas às questões de coerência interna de cada sistema de pensamento, mas predominantemente aos problemas clínicos enfrentados por cada um destes autores diante de seus pacientes. Cada uma destas ‘matrizes teóricas’ surgiria dos embates clínicos diante de uma ‘matriz clínica’ própria, são ferramentas metodológicas mais apropriadas à leitura de um ou de outro problema.

Atualmente, o que de mais interessante está sendo realizado em psicanálise é uma articulação entre as duas matrizes. Embora já anteriormente propuséssemos um atravessamento de paradigmas em que pulsão e relações de objeto, fantasias e traumatismos, desejo e necessidades, conflitos e déficits, intrapsíquico e intersubjetivo pudessem ser considerados conjuntamente – criando uma psicanálise em uma era transescolar – na época ainda não nos dávamos conta da complexidade da tarefa.¹⁵⁷

Assim como Renato Mezan, Luis Cláudio Figueiredo também caracteriza a psicanálise contemporânea como um momento em que convivem autores dispostos a empreender o esforço de superar as querelas entre escolas. Tornando as discussões mais complexas e indo além das diferenças que caracterizavam as disputas entre correntes na ‘era das escolas’, há hoje uma geração de autores que busca transpor estas barreiras. Luis Cláudio Figueiredo destaca André Green, mas também cita Antonino Ferro, Thomas Ogden e René Roussillon como autores que se esforçam por empreender a travessia entre polos que antes eram vistos como opostos: pulsão/relações de objeto; desamparo e dependência/desejo; fantasia/trauma; conflito/déficit; intrapsíquico/intersubjetivo. Me arrisco aqui, a situar Dolto nesta série de analistas e autores contemporâneos.

Muito embora tenha publicado “A Imagem Inconsciente do Corpo” há mais de trinta anos e tenha trabalhado e atuado politicamente no auge da ‘era das escolas’, me parece que sua devoção à causa das crianças, que se materializava numa clínica bastante consistente e manifestava-se num esforço de transpor os diversos muros das sociedades psicanalíticas a coloca muito além daquilo que poderíamos chamar de lacanismo.

A Imagem Inconsciente do Corpo é um conceito de extrema complexidade, que busca oferecer ferramentas de leitura, sob uma forma sistemática, aplicáveis desde as

¹⁵⁷ Figueiredo, L. C. (em fase de publicação). Pp.07.

manifestações mais primitivas de que se ocupam os autores que se alinham com a matriz ferencziana, bem como àquelas ligadas às diversas manifestações de angústias e aos impactos da ativação dos mecanismos de defesa, organizadas sob a alcunha de matriz freudo-kleiniana. Não que ela se configure como um sistema plenamente fechado que daria conta de explicar todos os fenômenos da infância, longe disso, mas oferece contribuições e possibilidades interessantes de reflexão a respeito dos complexos processos de simbolização que estão em jogo desde a concepção.

Retomando mais uma vez o percurso dos meus argumentos: num primeiro momento situei a imagem inconsciente do corpo *entre* os paradigmas objetal e pulsional, caracterizando-a como uma engrenagem que põe a mover as duas problemáticas a um só tempo. Mais adiante, já buscando defini-la melhor, caracterizei-a como um amálgama de elementos de naturezas distintas, figurando *entre* a instantaneidade da imagem e a temporalidade da palavra.

Agora, definindo a psicopatologia da imagem do corpo frente ao modo segundo o qual Luis Cláudio Figueiredo organiza o universo de autores e linhas de pensamento em psicanálise, me parece possível afirmar que as concepções doltonianas acerca dos adoecimentos psíquicos podem ser classificadas como contemporâneas. Na medida em que leva sua teorização aos primeiros instantes da vida do bebê e coloca em jogo tanto as dinâmicas pulsionais quanto as relações de objeto, podemos dizer que Dolto transpõe as fronteiras entre as matrizes ferencziana e freudo-kleiniana. Do ponto de vista epistemológico me parece possível situá-la na contemporaneidade, ainda que o momento histórico em que viveu, trabalhou e produziu, não tenha permitido tal trânsito, restringindo a circulação de suas ideias ao território francês.

Vejamos um trecho em que, à luz da imagem do corpo, Dolto esclarece como se estabelece a dinâmica de uma regressão da pulsão em termos de ‘desejo, imagens e intensidades’. São movimentos ativos do psiquismo que buscam fazer frente a angústias presentes, aproximados das concepções que caracterizam a matriz freudo-kleiniana.

Qualquer enfermidade de uma imagem funcional, qualquer que seja a razão e a natureza desta, quando o sujeito está movido por um desejo, estimula inicialmente a intensidade deste desejo. Em contrapartida se esta enfermidade não cede, provoca a ressurgência de uma imagem passada do

corpo, de um passado aonde um gozo associado ao apaziguamento das tensões foi conhecido e cujo narcisismo permaneceu informe. O sujeito pode, por um tempo mais ou menos longo, viver do fantasma de uma satisfação arcaica, enquanto sua vitalidade real, no esquema corporal, esgota totalmente suas forças.¹⁵⁸

E a seguir com a articulação entre os níveis da imagem inconsciente do corpo, onde a imagem dinâmica, na busca de um objeto – sem sucesso – conduz a pulsão a uma regressão em direção às zonas erógenas anteriormente conhecidas e, logo depois, às camadas mais primitivas da imagem de base, culminando nas afecções de caráter somático.

A representação da morte real, representação do corpo tornado inanimado, arcaico, como um objeto cocô, ou uma coisa, estimula todas as pulsões atuais a se focalizarem no reencontro da imagem funcional e da imagem erógena em busca de um objeto, sempre articulado a um primeiro objeto perdido na realidade sensorial, mas não no imaginário. Em caso de não-satisfação, no caso de não adequação de nenhum objeto ao desejo, em estado de falta da pessoa enquanto objeto total, à falta de um objeto parcial associado a ela, a imagem dinâmica, após ter tentado uma superativação que permaneceu em vão, no próprio lugar da zona erógena, se desloca para uma zona erógena correspondente a uma imagem do corpo erógena ou funcional anterior. No caso em que esta zona regressiva perdeu, ela própria, qualquer relação com seu objeto arcaico, ou se se trata de uma imagem funcional, que não proporciona nenhum prazer, a imagem dinâmica coloca em tensão a imagem de base que, por definição, é desprovida de zona erógena. O sujeito se perde, na falta de ter um objeto para seu desejo, na falta de uma representação em seu corpo de uma tensão para este objeto. Seu mal-estar, então, aparece enquanto somático; nem a consciência nem a emoção se encarregam dele. São as perturbações do sono, seja o sono profundo, seja a crise de epilepsia, sejam as ausências.¹⁵⁹

Em um momento distinto, mas próximo no texto, ao se ocupar de rupturas e traumas mais precoces, a atenção é voltada para o caráter gradual necessário para que uma castração seja simboligênica. Ainda que, numa primeira aproximação, a noção de castração possa remeter a uma ruptura brusca, Dolto insiste bastante na dimensão temporal necessária para a simbolização advinda da castração, assim como na importância das palavras dirigidas pelos adultos às crianças; na importância das repetições e do tempo que a criança leva para ‘tomar para si’ as castrações.

As castrações, o nascimento e o corte umbilical, o desmame e o alimentar de outra forma que não pelo corpo a corpo com a mãe, a autonomia e a satisfação das necessidades de forma autônoma quando a criança adquire a possibilidade motora, tudo isto deve se mediar (...) fazer-se lentamente e não

¹⁵⁸ Dolto, F. *A Imagem inconsciente do Corpo*. Pp. 194

¹⁵⁹ Dolto, F. *A Imagem inconsciente do Corpo*. Pp. 195.

bruscamente: nem absolutamente sem conflito, nem absolutamente sem palavras. São estas ocorrências sem (conflito, palavra) que provocam as graves perturbações de não estruturação da personalidade da criança.¹⁶⁰

Quando a ruptura é brusca e não acompanhada pelas palavras significativas, impede-se o processo de simbolização e, no lugar do encontro prevalece a pulsão de morte em seu caráter repetitivo e verdadeiramente mortífero. Numa aproximação com a dinâmica exposta por Ferenczi em “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, Dolto refere a este ‘desencontro’ a necessidade do acionamento daquilo que Figueiredo denomina defesas passivas, que produziriam uma região de congelamento ou de morte no psiquismo. A especificidade do pensamento de Dolto se dá pelo fato de localizar esta região mortificada justamente na Imagem do Corpo, no lugar do corpo marcado pelo encontro com a mãe ou, neste caso, pelo desencontro.

No caso extremo de um desmame feito pelo abandono ou pela morte da mãe-alimentadora, o que pode permanecer no lactante como sujeito desejante se manifesta por uma regressão no comportamento devida à remanência de fantasmas anteriores ao trauma daquilo que denominarei um desmame selvagem, ao invés de um desmame humanizante. A origem arcaica daquilo que contribuiu para constituir a imagem preensiva da boca e da língua, na comunicação de desejos tanto quanto de necessidades, pode assim reaparecer de uma maneira que faz envolver as possibilidades do esquema corporal ligado, até então, à imagem do corpo inconsciente em comunicação com a mãe. A laringe e o cavum podem perder, como acabo de lembrar, as aptidões de sonorização que tinham adquirido anteriormente. (...) Quando o sujeito se dessolidariza de seu corpo, é isto que – de minha parte – denomino de pulsões de morte do sujeito. Estas não devem ser confundidas com o desejo de dar a morte a um outro corpo, nem mesmo ao seu. É somente como uma retração do desejo do sujeito, que tende a descansar do trabalho de viver com seu corpo na realidade; é como se ele se reduzisse a um ponto focal onde os ritmos de manutenção vegetativa do corpo são bem mantidos, conservando a perenidade do sujeito momentaneamente em ‘férias’ de libido.¹⁶¹

Tal concepção a respeito da pulsão de morte e da importância do outro materno para a sustentação da vida (exatamente como no caso Agnés exposto anteriormente¹⁶²) podem aproximar Dolto dos pensadores identificados com a matriz ferencziana de teorização a respeito da psicopatologia.

Tais dissociações bruscas e duráveis da imagem do corpo e do sujeito, sem reparação possível, se encontram frequentemente como consequência de

¹⁶⁰ Dolto, F. *A Imagem inconsciente do Corpo* Pp.178.

¹⁶¹ Dolto, F. *A Imagem inconsciente do Corpo*. Pp. 178-179

¹⁶² Cf. pp. 71.

*hospitalizações precoces e de trocas sucessivas de alimentadoras antes da idade do permanecer sentado e da deambulação voluntária*¹⁶³. (...) São fenômenos aproximadamente semelhantes, que encontramos naquilo que denominamos, segundo Spitz, o hospitalismo.¹⁶⁴ (grifos da autora)

A qualidade da escuta de Dolto e a precisão do seu olhar clínico são o que permitem fundar um conceito tão multifacetado quanto o de Imagem Inconsciente do Corpo. A atenção aos aspectos relativos ao esquema corporal são aquilo que permite o trânsito entre a matriz freudo-kleiniana, onde o foco está nos aspectos relativos à atividade das defesas, e a matriz ferencziana, onde o essencial se encontra nas defesas que poderíamos qualificar como ‘passivas’. Aqui ela introduz um marcador importante desta linha divisória, que remete à possibilidade da marcha ou, ao menos, à possibilidade de o bebê permanecer sentado como um fator de risco para o trauma precoce.

Grosso modo, a psicopatologia da imagem do corpo pode ter como origem um desencontro.

Uma imagem pode ser amputada de uma de suas três partes: da parte *presença do bebê*, da parte *presença da mãe* ou da parte comum às duas presenças, ou seja, a imagem do *ritmo da troca funcional, erógena e básica* entre o bebê e a mãe.¹⁶⁵ (grifos da autora)

São argumentos que atestam a versatilidade do conceito de imagem do corpo e podem ser atestados pelas pesquisas de Marie-Cristine Laznik, de Juan David Nasio e do Centro de Educação terapêutica Lugar de Vida, cada qual com seus colaboradores e desenvolvimentos originais. Ao que me parece, Dolto desbravou territórios e formou uma obra sofisticada e, no entanto, bruta. Às gerações que se seguem, cabe a tarefa de lapidar e desbravar as trilhas por ela abertas.

¹⁶³ Dolto, F. *A Imagem inconsciente do Corpo*. Pp. 179.

¹⁶⁴ Dolto, F. *A Imagem inconsciente do Corpo*. Pp. 181.

¹⁶⁵ Nasio, J-D. *Meu corpo e suas imagens*. Pp. 138

PALAVRAS FINAIS

Como escrevi antes, este é um texto que busca tecer considerações a respeito de uma vida e de uma obra. Sem a pretensão de que esta separação seja possível, busquei traçar algumas linhas através dos textos de Dolto e dos episódios que ela nos oferece, tudo com a intenção de que suas ideias permaneçam vivas na psicanálise de hoje.

Abrindo mão de buscar relações causais, fiz o esforço de estabelecer alguns laços semânticos entre aquilo que viveu e o modo como se pôs a agir no mundo. Por todo o percurso do mestrado, junto ao meu orientador e a meus colegas que tanto contribuíram ao longo do processo, decidi abrir mão do mergulho profundo nas questões internas ao universo conceitual doltoniano para, no lugar disso, colocar algumas de suas contribuições contra o pano de fundo da psicanálise tal qual ela se mostra hoje, tudo para sustentar a ideia de que Françoise Dolto é uma autora contemporânea, uma espécie de elo entre a era das escolas e a psicanálise contemporânea.

Fica a certeza de que o terreno a ser explorado é vasto: a religiosidade, sua visão sobre o cristianismo e a psicanálise, sua teorização acerca das psicoses, e mesmo as implicações clínicas mais profundas da operação com o conceito de imagem inconsciente do corpo... São alguns dos temas que podem ainda ser revisitados e lidos à luz da clínica de hoje: há muito ainda o que pesquisar.

Me parece que há questões que ela tocou a fundo, e outras que mereceriam ser lapidadas com cuidado no plano teórico, como, por exemplo, os complexos processos de simbolização das experiências humanas, sobre o qual também se debruçaram outros autores contemporâneos como Jean Laplanche, René Roussillon e André Green. Questões que impõem limites importantes às concepções do aparelho psíquico tal qual formulado por Freud e que podem ser enriquecidas pelas leituras promovidas a partir do conceito de imagem inconsciente do corpo.

Assim é também com todo o universo que vem sendo pesquisado em torno da clínica com bebês e da atenção aos sinais precoces de risco para o desenvolvimento infantil, bem como às possibilidades de criação de dispositivos institucionais que atendam estas demandas.

Mas percorrer a obra de Dolto foi experiência que também se situou para além do uso que se possa fazer de seu arcabouço conceitual ou mesmo do valor de suas criações para a atuação daqueles que trabalham no campo da infância nos dias de hoje. Foi uma oportunidade de entrar em contato com uma psicanalista que, de forma generosa, oferece às gerações que a seguiram uma visão privilegiada a respeito de seus talentos, mas também de suas dificuldades enquanto clínica e autora. Françoise Dolto era dona de uma excepcional vocação para a observação e a arte da interpretação, mas confessava abertamente suas dificuldades no campo da teorização, fato que não impediu que formulasse contribuições importantes também aí. Curioso é o fato de que, mesmo após a sua morte, continuou a transmitir –já ausente fisicamente - mais do que a teoria, a possibilidade de observar e escutar.

Chegada a hora do encerramento, me encontro muito distante de qualquer final. Vejo que o percurso desta dissertação foi feito de muitas escolhas e decisões, diria que algumas das decisões mais importantes dizem respeito ao que não está escrito aqui, mas permanece presente como germe.

Do rigor na ciência

... Naquele império, a arte da cartografia alcançou tal perfeição que o mapa de uma só província ocupava toda uma cidade, e o mapa do império, toda uma província. Com o tempo, esses mapas desmesurados não satisfizeram e o colegiado dos cartógrafos criou um mapa do império, que tinha o tamanho do império e coincidia pontualmente com ele. Menos aficionadas ao estudo da cartografia, as gerações seguintes entenderam que este dilatado mapa era inútil e sem piedade o entregaram à inclemência do sol e dos invernos. Nos desertos do oeste perduram, despedaçadas, ruínas do mapa, habitadas por animais e mendigos; em todo o país não há outra relíquia das disciplinas geográficas.

Suárez, Miranda: *Viajes de Varones prudentes*, libro cuarto, Cap. XLV, Lérida 1658.¹⁶⁶

¹⁶⁶ Borges, J.L. *El Hacedor* in *Obras completas de Jorge Luis Borges*. Pp. 847.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

BORGES, J. L. **El hacedor**, in **Obras completas de Jorge Luis Borges**, Buenos Aires, Emecé Editores 1974.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**, São Paulo, Companhia das letras, 1990.

DOLTO, F. **O caso Dominique**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

_____. **Auto-retrato de uma psicanalista**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. **As etapas decisivas da infância**, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. **Solidão**, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

_____. **Tudo é Linguagem**, São Paulo, Martins Fontes, 2002.

_____. **A imagem inconsciente do corpo**, São Paulo, Perspectiva, 2012.

_____. **La dificultad de vivir. Psicoanálisis e Sociedad**. Barcelona, Gedisa Editorial, 2005.

_____. **La dificultad de vivir. Familia y Sentimientos**. Barcelona, Gedisa Editorial, 2005.

_____. **No Jogo do Desejo**. São Paulo, Ática, 1996.

_____. **Enfances**. Paris, Éditions du Seuil, 1986.

DOLTO, F. & NASIO, J.D. **A criança do espelho**. Rio de Janeiro, JZE, 2008.

FENDRIK, S. **Psicoanalistas de niños, La verdadera historia (Françoise Dolto y Maud Mannoni)**. Buenos Aires, Letra Viva, 2007.

FIGUEIREDO, L. C. _____, 2015. (Em fase de publicação)

FRANÇOIS, Y. **Um caso de Adolescente de F. Dolto: Dominique ou o adolescente psicótico**. In NASIO, J.D (org). *Os grandes casos de psicose* (pp. 159-188).

FREUD, S. **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos**. In *Obras completas de Sigmund Freud, vol X*. Imago editora, 1909.

FREUD, S. **Novas conferências introdutórias. Conf. XXXIV. Explicações, aplicações, orientações.** *Obras completas de Sigmund Freud, vol XXII.* Imago editora, 1933.

GAY, Peter. **Freud – uma vida para o nosso tempo.** Companhia das letras, 1989.

GUILLERAULT, GERARD. **Dolto, Lacan y el estádio del espejo.** Buenos Aires: Nueva Vision, 2005.

KUPFER, M. C. M. **Françoise Dolto, uma médica de educação. (em fase de publicação)**

KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação – o mestre do impossível.** São Paulo: Ed. Scipioni, 1989.

_____. Prefácio. In TEPERMAN, D.W. **Clínica psicanalítica com bebês: uma intervenção a tempo,** São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005.

LEDOUX, M.-H. **Introdução à obra de Françoise Dolto.** In NAISO, J.-D. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.*

LERNER, R. **Estudo Institucional do atendimento de uma criança diagnosticada como autista,** São Paulo, 2004. 268 p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

LUNARDELLI, A. J. **Clínica da Prevenção: o olhar sobre o corpo do bebê.** *Em Estilos clin.* vol.17 no.2 São Paulo dez. 2012.

MEZAN, R. **Que Significa Pesquisa em Psicanálise? A sombra de Don Juan,** São Paulo, Editora Brasiliense, 1993.

_____. **O Tronco e os Ramos.** São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

_____. **Escrever a Clínica.** São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008

_____. **Interfaces da Psicanálise.** São Paulo, Companhia das Letras,

_____. **A vingança da Esfinge.**

_____. **Freud Pensador da Cultura.**

NASIO, J.D. **O silêncio na psicanálise.** Rio de Janeiro, JZE, 2010.

_____. **Meu corpo e suas imagens.** Rio de Janeiro, JZE, 2009.

NASIO, J.D. **Como agir com um adolescente difícil?** Rio de Janeiro, JZE, 2011.

RÉMOND, RENÉ. **Introduction à l'histoire de notre temps. Vol 3 –Le XX^e siècle, de 1914 à nos jours.** Paris, Editions du Seuil, 1974.

SAUVERZAC, J. F. **Itinerario de una Psicoanalista.** Buenos Aires, Ediciones de la Flor, 1998

TEPERMAN, D.W. **Clínica psicanalítica com bebês: uma intervenção a tempo.** São Paulo, Casa do psicólogo, 2005.

_____. **Família, parentalidade e época – um estudo psicanalítico.** São Paulo, Escuta/Fapesp, 2014.